Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes

Programa de Pós-Graduação em Psicologia

ESTUDO DAS PROPRIEDADES PSICOMÉTRICAS DO INVENTÁRIO DE ESTILOS PARENTAIS DE YOUNG NO BRASIL

Felipe Valentini

Natal
2009

Livros Grátis

http://www.livrosgratis.com.br

Milhares de livros grátis para download.

Felipe Valentini

ESTUDO DAS PROPRIEDADES PSICOMÉTRICAS DO INVENTÁRIO DE ESTILOS PARENTAIS DE YOUNG NO BRASIL

Dissertação elaborada sob orientação do Profº. Drº. João Carlos Alchieri e apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Natal
2009

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes

Programa de Pós-Graduação em Psicologia

A dissertação “Estudo das Propriedades Psicométricas do Inventário de Estilos Parentais de Young no Brasil”, elaborada por Felipe Valentini, foi considerada aprovada por todos os membros da Banca Examinadora e aceita pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Natal, 21 julho de 2009.

BANCA EXAMINADORA

_____

Prof. Dr. João Carlos Alchieri (UFRN, *Orientador*)

_____

Prof Dr. Maycoln Leôni Martins Teodoro (UNISINOS, *Membro*)

_____

Prof. Dr. Valdiney Veloso Gouveia (UFPB, *Membro*)

Agradecimentos

Todos os dias é um vai e vem
a vida se repete na estação
tem gente que chega pra ficar
tem gente que vai pra nunca mais...

E assim chegar e partir
são só dois lados
da mesma viagem
o trem que chega
é o mesmo trem da partida...

Milton Nascimento e Fernando Brant

Talvez a vida seja assim mesmo... Não sei!

Parece que o trem que há pouco tempo chegava, agora parte. Nesse um ano e meio fui e voltei diversas vezes. Conheci novas pessoas, mas também perdi o contato com outras tantas. A vida se repete na estação... Talvez a única bagagem que caiba no trem seja os amigos. Tanto os que partem, quanto os que ficam. Sou muitíssimo grato a todos vocês que fizerem parte da minha vida nos últimos anos. Amigos que reforçam a cada dia, com sorrisos e lágrimas, que a vida, de fato, vale à pena. Pessoas que nos fazem ter a esperança que o trem, que hoje parte, possa ser o mesmo, que um dia volte.

Agradeço, primeiramente, a todos os amigos que conheci na plataforma da estação de Natal. Vocês são pessoas fantásticas. Gostaria de ser um pouco menos “gaúcho” e um pouco mais “nordestino” para me permitir todos os abraços, sem reclamar. Mas... Desculpa, minha estação é um pouco mais fria. Mesmo assim, vocês embarcam comigo, dentro da bagagem de mão.

Citar todos é complicado. Mas gostaria de agradecer a todos os amigos do mestrado e agregados (namorados). Especialmente à Heloísa, Clariana,

Hemerson, Hugo, Allyson, Márcia, Maria Helena, Tadeu, Adriana, Karin, Rafael Figueiró, Michele, Tati, Karine e Vinícius, Aline e Lucas, Martha, Viktor (afetadinho), Helo e Joana. Também não posso me esquecer dos colegas de bar de domingo à tarde, que assistiram aos jogos do Grêmio comigo (especialmente o Alexandre). Penso que seja normal que algumas pessoas se tornem mais próximas, seja pela afinidade de idéias, personalidade, etc. Assim, agradeço também a vocês, Léo (cabrón), Sol, Keyla, Hannia e Dudu, Carla, Kalliny e Rafael Maldito. Muito obrigado pelas revisões dos textos, ajuda na coleta de dados, troca de idéias e, principalmente, amizade.

Buenas, outras pessoas são mais especiais ainda. Não sei bem o porquê (se soubesse talvez a magia se perdesse). Mas muito obrigado aos grandes amigos Fábio, Isabel e Raquel. Agradeço pelas discussões teóricas, cervejas, revisões de textos, cervejas, bate-papos e cervejas. Vocês realmente me ajudaram muito, tanto nos aspectos teóricos, quanto nos pessoais.

Não posso deixar de citar meus velhos e grandes amigos da região metropolitana de Porto Alegre (que se estende até Florianópolis): Aline, Dani, Mônica, Simone, Francis (colorado, mas boa gente), Gustavo, Cecília, Marina, Guilherme, Fabi, Yana, Vicente, João Basso, Clarice, Eduardo, Luis Ricardo, Luis Fernando, Cris E, Grace T, Jamile, Alex, Guilherminho, Joran e Tom. Gosto muito de ver o crescimento profissional e pessoal de vocês. Saibam que também cresço muito com a companhia de vocês.

Agradeço muito a minha família que sempre me apoiou, em tudo, para seguir estudando a ciência psicológica. Obrigado pai, mãe, Bruno e nonas Lúcias. Ao Bruno, também pela ajuda na confecção dos gráficos. Obrigado também aos meus tios Mari e Toni, pelo apoio emocional, carreteiros e

chimarrões. Ao meu primo Diogo (e um grande irmão), agradeço pela companhia e “troca de idéias” durante todos esses anos. À minha sogra Marilice, pelo exemplo de dedicação. Ao Francisco e à Cris, também obrigado.

À minha namorada, Joana, por todos esses anos em que estamos juntos. Obrigado pelo apoio e carinho, também pela compreensão durante minha ausência. *Sepas, siempre, princesa bacana, que yo aquí te espero anticipando el tacto de cada labio de tu beso.* Te amo muito.

Sou muito grato ao professor João Alchieri, pelas orientações e tolerância aos meus erros durante esses anos. Obrigado também pelos ensinamentos desde a graduação e trabalhos no Liap, ainda na Unisinos. Sem tudo isso, eu não teria caminhado até aqui!

Ao professor Marcos Balbinotti, a quem devo muito da minha formação. Ao professor Sílvio Vasconcelos, pela amizade e por ter coordenado a aplicação dos inventários em Porto Alegre. Ao professor Maycoln Teodoro, pelos ensinamentos, discussões teóricas e amizade. Ao professor Valdiney Gouveia, pela participação na banca. Aos demais professores do PPG-Psi da UFRN (especialmente ao José Pinheiro e à Lívia Borges) pela grande contribuição à minha formação acadêmica.

Sou grato também a todos os participantes da pesquisa que disponibilizaram seu tempo para colaborar com o estudo. Estendo esse agradecimento aos professores e coordenadores que disponibilizaram parte de suas aulas para a aplicação dos questionários.

Ao CNPq pelo financiamento da pesquisa.

Estudo das Propriedades Psicométricas do Inventário de Estilos Parentais de Young no Brasil

RESUMO: Os estilos parentais referem-se às características globais de interações entre pais e filhos. Para sua avaliação, é importante que instrumentos válidos e fidedignos sejam construídos e adaptados. Dentro desta perspectiva, a presente dissertação teve como objetivo traduzir, adaptar e estudar as propriedades psicométricas do Inventário de Estilos Parentais de Young (YPI) para o contexto brasileiro. Buscou-se avaliar também as associações entre o YPI e o Teste Familiograma (FG). Nessa pesquisa, o YPI foi adaptado ao português através do método de tradução reversa (*Backtranslation)*. As análises de conteúdo foram realizadas por cinco juízes. Para realização das análises empíricas do YPI, contou-se com a participação de 920 estudantes do Ensino Médio e Superior, com idades entre 14 e 69 anos (M = 21,3; DP = 6,1), sendo 543 do sexo feminino (59%). Eles responderam ao YPI, FG e questionário sócio-demográfico. Os dados foram coletados nas cidades de Natal, Petrolina, Brasília e na região metropolitana de Porto Alegre. Os resultados obtidos confirmaram a existência de cinco fatores. A versão final do YPI foi composta de 49 itens. Análises fatoriais exploratórias (Componentes Principais) foram conduzidas, utilizando a rotação *oblimin*. Os cinco fatores extraídos explicaram 45,12% da variância da escala materna e 47,59% da escala paterna. Cada fator explicou, no mínimo, 3% da variância e apresentou *Eigenvalue* superior a 1,5. Todos os itens apresentaram cargas fatoriais acima de 0,3. As análises fatoriais confirmatórias apresentaram índices de ajuste razoavelmente adequados: para a escala materna, $\chi^2_{[1114]} = 4636{,}38$ $p < 0{,}001$, $\chi^2/gl = 4{,}16$, com GFI=0,83, AGFI=0,81 e RMSEA=0,06; para a escala paterna, $\chi^2_{[1114]} = 5133{,}69$ $p < 0{,}001$, $\chi^2/gl = 4{,}61$, com GFI=0,81, AGFI=0,79 e RMSEA=0,06. Assim, a versão final do instrumento foi composta pelos seguintes fatores: *(I)* Desconexão e Rejeição (α=0,89 e 0,90); *(II)* Afetividade e Estabilidade Emocional (α=0,85 e 0,88); *(III)* Hipervigilância e Orientação para o Outro (α=0,83 e 0,85); *(IV)* Superproteção e Autonomia Prejudicada (α=0,78 e 0,79); e *(V)* Limites Prejudicados (α=0,66 e 0,71). Finalmente, as relações entre o YPI e o FG foram avaliadas. As correlações de Pearson entre o YPI e o FG indicaram associações moderadas, principalmente, entre os Fatores Afetividade, do YPI e Afeto, do FG (r=0,69 e 0,7, para as escala materna e paterna, respectivamente); bem como entre os Fatores Desconexão e Rejeição, do YPI e Conflito, do FG (r=0,59 e 0,58). Os modelos explicativos, das análises de regressão, indicaram que mais de 40% da variância dos fatores do FG podem ser preditos por fatores do YPI. Os coeficientes Beta para a relação Afetividade-Afeto foram de 0,67 (escala materna) e 0,53 (escala paterna); para a relação Desconexão-Conflito foram de 0,31 (escala materna) e 0,44 (escala paterna). Conclui-se que o YPI apresenta parâmetros psicométricos adequados, podendo ser utilizado em pesquisas futuras nesta área. Não obstante, ajustes na estrutura do YPI foram realizados. Ademais, sugere-se a realização de novos estudos que considerem também outras amostras e variáveis, ampliando a compreensão dos estilos parentais e da teoria de Young no contexto brasileiro.

Palavras-chave: Estilos Parentais, Terapia Focada nos Esquemas, Jeffrey Young, Avaliação Psicológica, Validação.

Psychometric Evaluation of Young Parenting Inventory in Brazil

ABSTRACT: Parenting styles concern overall interaction characteristics between parents and children. To assess them, it is important to build and adapt valid and reliable instruments. The main objectives of this dissertation were to translate, adapt and evaluate the psychometric properties of the Young Parenting Inventory (YPI) for the Brazilian context, as seek associations between the YPI and Familiogram Test (FG). In current study, YPI was adapted to Portuguese by backtranslation method. Content analyses were made by five judges. 920 high school and college students (543 females), whose ages were between 14 and 69 years (M = 21.3, SD = 6.1), filled out the research instruments. Data were collected in Natal, Petrolina and Brasilia cities and Porto Alegre metropolitan region. The results confirmed the existence of five factors. Final version of the YPI was composed by 49 items. Exploratory factorial analysis (principal components) were conducted using oblimin rotation. Five factors extracted explained 45.12% of the maternal scale variance and 47.59% of paternal scale. Each factor explained, at least, 3% of the variance and showed Eigenvalue over than 1.5. All items have factorial loadings values above 0.3. The confirmatory factorial analysis has showed fit statistics reasonably adequate: for maternal scale, χ^2 [1114] = 4636.38, $p < 0.001$, χ^2 / df = 4.16, with GFI = 0.83, AGFI = 0.81 and RMSEA = 0.06; for paternal scale, χ^2 [1114] = 5133.69 $p < 0.001$, χ^2 / df = 4.61, with GFI = 0.81, AGFI = 0.79 and RMSEA = 0,06. Thus, final instrument was composed by the following factors: (I) Disconnection and Rejection (α = 0.89 and 0.90), (II) Affectivity and Emotional Stability (α = 0.85 and 0.88); (III) Overvigilance and Other Directedness (α = 0.83 and 0.85), (IV) Overprotection and Impaired Autonomy (α = 0.78 and 0.79) and (V) Impaired Limits (α = 0.66 and 0.71). Finally, relations between the YPI and FG were assessed. Pearson's correlations between the YPI and FG showed moderated associations, particularly between the factors Affectivity (YPI) and Affection (FG) (r = 0.69 and 0.7 for maternal and paternal scale, respectively); and the factors Disconnection and Rejection (YPI) and Conflict (FG) (r = 0.59 and 0.58). The regression models indicated that over than 40% of variance of factors of FG can be predicted by factors of YPI. Beta coefficients for Affection-Affectivity relation were 0.67 (maternal scale) and 0.53 (paternal scale); for Disconnection-Conflict relation were 0.31 (maternal scale) and 0.44 (paternal scale). We conclude the YPI has adequate psychometric parameters and can be used in future research in this area. However, adjustments in the structure of the YPI were made. Moreover, it is suggested further studies to consider other samples and variables, increasing the knowing of parenting styles and the Young's theory in the Brazilian context.
Keywords: Parenting styles, Schema Therapy, Jeffrey Young, Psychological Assessment, Validation.

Sumário

Lista de Figuras..... XI

Lista de Tabelas..... XII

Introdução..... 14

1. Estudos Anteriores..... 16

1.1 Práticas e Estilos Parentais..... 16

1.2 Relações entre estilos parentais e aspectos patológicos e psicossociais..... 28

1.3 Teoria dos Estilos Parentais de Jeffrey Young..... 38

2 Objetivos..... 45

2.1 Objetivo Geral..... 45

2.2 Objetivos Específicos..... 45

3 Justificativa..... 46

4 Método..... 47

4.1 Participantes..... 47

4.2 Instrumentos..... 48

4.2.1 Inventário de Estilos Parentais de Young – YPI (Young, 1999)..... 48

4.2.2 Teste Familiograma (Teodoro, 2006)..... 49

4.3 Procedimentos de Pesquisa..... 49

4.4 Análise dos dados..... 51

4.5 Aspectos éticos..... 52

5 Resultados e Discussão..... 53

5.1 Tradução e adaptação do Inventário De Estilos Parentais de Young..... 53

5.1.1 Procedimentos da adaptação..... 53

5.1.2 Análise das traduções do YPI..... 56

5.1.3 Avaliação dos juízes e comitê..... 57

5.1.4 Compreensão dos itens..... 61

5.2 Validade de Conteúdo..... 63

5.3 Resultados sócio-demográficos da pesquisa de campo..... 67

5.4 Análise fatorial preliminar – escolha dos itens repetidos..... 73

5.5 Análise de construto e consistência interna..... 76

5.5.1 Análises fatoriais exploratórias e consistência interna..... 77

5.5.2 Correlações entre os fatores..... 82

5.5.3 Análises fatoriais confirmatórias..... 83

5.5.4 Interpretação dos fatores..... 88

5.5.4.1 Fator I – Desconexão e Rejeição..... 88

5.5.4.1 Fator II Afetividade e Estabilidade Emocional..... 89

5.5.4.3 Fator III – Hipervigilância e Orientação para o Outro..... 90

5.5.4.4 Fator IV – Superproteção e Autonomia Prejudicada..... 91

5.5.4.5 Fator V – Limites Prejudicados..... 92

5.5.5 Associações entre o Inventário de Estilos Parentais de Young (YPI) e o Teste Familiograma (FG)..... 93

5.6 Relações entre os estilos parentais e as variáveis sócio-demográficas e familiares..... 97

6 Conclusões..... 106

Referências..... 112

Anexos..... 125

Lista de Figuras

Figura 1. Modelo Integrativo de Darling e Steinberg..... 27

Figura 2. Representação esquemática do processo de avaliação das traduções pelos juízes e comitê..... 55

Figura 3. Análise fatorial confirmatória – modelo da escala materna do Inventário de Estilos Parentais de Young..... 85

Figura 4. Análise fatorial confirmatória – modelo da escala paterna do Inventário de Estilos Parentais de Young..... 86

Lista de Tabelas

Tabela 1. Esquemas Iniciais Desadaptativos..... 39

Tabela 2. Domínios dos EID e família típica de origem..... 41

Tabela 3. Coerência semântica entre os itens traduzidos..... 56

Tabela 4. Concordância entre juízes sobre dos melhores itens traduzidos..... 57

Tabela 5. Tipo de alteração realizada pelo comitê..... 60

Tabela 6. Concordância entre juízes sobre as adaptações realizadas pelo comitê..... 61

Tabela 7. Quantidade de participantes que compreenderam os itens do inventário (n=20)..... 62

Tabela 8. Estatísticas descritivas – variáveis sócio-demográficas..... 67

Tabela 9. Estatísticas descritivas – variáveis familiares..... 69

Tabela 10. Análise do efeito da interação entre freqüência de encontro com os pais a avaliação do relacionamento atual com os pais..... 72

Tabela 11. Análises fatoriais preliminares e consistência interna dos itens originais e reescritos..... 75

Tabela 12. Estrutura fatorial do Inventário de Estilos Parentais de Young (YPI) – escala materna (n = 913)..... 79

Tabela 13. Estrutura fatorial do Inventário de Estilos Parentais de Young (YPI) – escala paterna (n = 878)..... 80

Tabela 14. Correlações entre os fatores do Inventário de Estilos Parentais de Young (YPI) para a escala materna (n=917) e paterna (n=878)..... 82

Tabela 15. Itens que compõem o Fator I – Desconexão e Rejeição..... 88

Tabela 16. Itens que compõem o Fator II – Afetividade e Estabilidade Emocional..... 89

Tabela 17. Itens que compõem o Fator III – Hipervigilância e Orientação para o Outro..... 90

Tabela 18. Itens que compõem o Fator IV – Superproteção e Autonomia Prejudicada..... 91

Tabela 19. Itens que compões o Fator V – Limites Prejudicados..... 92

Tabela 20: Correlações entre o Inventário de Estilos Parentais de Young (YPI) e o Teste Familiograma para as díades participante-mãe (n=195) e participante-pai (n=188)..... 94

Tabela 21. Construção de modelos explicativos para as dimensões do Familiograma a partir do Inventário de Estilos Parentais de Young - análises de regressão linear..... 96

Tabela 22. Médias e desvios-padrão dos fatores do Inventário de Estilos parentais – escala materna –, segundo as variáveis sexo e faixa etária..... 98

Tabela 23. Médias e desvios-padrão dos fatores do Inventário de Estilos parentais – escala paterna –, segundo as variáveis sexo e faixa etária..... 98

Tabela 24. Análises multivariadas e univariadas da variância dos fatores do Inventário de Estilos Parentais – escala materna –, segundo as variáveis sexo e faixa etária..... 99

Tabela 25. Análises multivariadas e univariadas da variância dos fatores do Inventário de Estilos Parentais – escala paterna –, segundo as variáveis sexo e faixa etária..... 100

Tabela 26. Correlações entre o Inventário de Estilos Parentais de Young (YPI) e o relacionamento com os pais durante a infância e atualmente..... 104

Introdução

A família é considerada, pela psicologia do desenvolvimento, como o primeiro ambiente no qual a criança participa (Bronfenbrenner, 1979/1996). Assim, os pais exercem a mediação entre os primeiros contatos da criança e o mundo, desempenhando um papel importante no desenvolvimento do indivíduo (Baptista, Baptista, & Dias, 2001; Baptista & Oliveira, 2004; Baumrind, 1966, 1997; Cecconello, Antoni, & Koller, 2003; Darling & Steinberg, 1993; Hoffman, 1979, 1994; Spera, 2005; Steinberg, 2001). Nesse contexto, observa-se o aumento, nas últimas décadas, de estudos focados na família e sua influência no desenvolvimento social, emocional e cognitivo da criança e do adolescente (Salvo, Silvares, & Toni, 2005; Spera, 2005). Benetti e Balbinotti (2003) salientam que as pesquisas em família têm focado os temas referentes às dimensões de estilos parentais, práticas parentais e abuso, e a relação das práticas parentais com a psicopatologia infantil, dentre outros.

O presente estudo intere-se nesse contexto e tem como objetivos traduzir, adaptar e estudar as propriedades psicométricas do Inventário de Estilos Parentais de Young no Brasil (YPI). Esse instrumento foi desenvolvido, originalmente para avaliar os aspectos familiares distribuídos em cinco domínios, propostos teoricamente por Jeffrey Young (1999, 2003).

Diante do exposto, essa dissertação está organizada em seis capítulos. No capítulo dedicado aos *estudos anteriores*, são apresentados e discutidos os principais modelos teóricos de estilos parentais e suas relações com os aspectos psicopatológicos e psicossociais, bem como a teoria Young. O

segundo capítulo trata dos *objetivos* gerais e específicos do estudo. Na seqüência, a *justificativa* da pesquisa é contemplada.

O quarto capítulo é destinado ao *método* utilizado, o qual engloba os aspectos referentes aos participantes, instrumentos de coleta de dados, procedimentos, análise de dados e questões éticas. Os *resultados e a discussão* são apresentados num capítulo único, agrupando os dados de tradução e adaptação do YPI, validade de conteúdo e pesquisa de campo. No que se refere a esse último aspecto, busca-se demonstrar os resultados sócio-demográficos, as análises fatoriais preliminares, exploratórias e confirmatórias, bem como a consistência interna do YPI. Os fatores extraídos também são discutidos em função do modelo teórico original. Ainda nesse capítulo, as associações entre o YPI, o Teste Familiograma (FG) e as variáveis sócio-demográficas e familiares são exploradas. No último capítulo, as *conclusões* são contempladas, abarcando as principais contribuições e limitações da dissertação, bem como as possibilidades e as sugestões de estudos posteriores.

1 Estudos Anteriores

Considerando o tema da presente pesquisa – estilos parentais –, buscou-se discutir os principais modelos de compreensão das práticas e estilos parentais, e suas relações com os aspectos psicopatológicos e psicossociais. Nesse contexto, ressalta-se a perspectiva teórica de Young, adotada nessa dissertação. Esses aspectos serão apresentados a seguir.

1.1 Práticas e Estilos Parentais

A partir da metade do século passado, diversas pesquisas têm ressaltado a importância das práticas e dos estilos parentais para a compreensão da família, principalmente no que diz respeito ao desenvolvimento da criança e do adolescente (Baumrind, 1966, 1971, 1997; Darling & Steinberg, 1993; Glasgow, Dornbusch, Troyer, Steinberg, & Ritter, 1997; Hoffman, 1960, 1975, 1979; Lamborn, Mounts, Steinberg & Dornbusch, 1991; Steinberg, 2001; Steinberg, Lamborn, Darling, Mounts & Dornbusch, 1994). Esses e outros estudos permitem identificar duas dimensões de interação entre pais e filhos: os estilos parentais e as práticas parentais. Darling e Steinberg (1993) ressaltam a importância de manter essa diferenciação nas pesquisas sobre família.

As práticas parentais referem-se aos comportamentos dos pais, de conteúdos específicos, que objetivam a socialização da criança e do adolescente. O uso de palmadas como método punitivo e o auxílio aos deveres escolares podem ser citados como exemplos de práticas parentais. De maneira mais ampla, os estilos parentais referem-se às características globais de

interações entre pais e filhos, que geram um clima emocional. Partindo desse clima emocional, os comportamentos parentais são expressos. Os estilos parentais englobam, portanto, as práticas parentais e outros aspectos da interação pais-filhos, tais como tom de voz, linguagem corporal e atenção (Darling & Steinberg, 1993). Os estilos parentais autoritário, autoritativo e permissivo, propostos por Baumrind (1966, 1971), podem ser citados como exemplos.

Durante o desenvolvimento da criança e do adolescente, os pais buscam suprimir os comportamentos que julgam inadequados em seus filhos, bem como procuram incentivar a aquisição de princípios morais e comportamentos que garantam a independência, a autonomia e a responsabilidade (Alvarenga & Piccinini, 2001). Essas tentativas de socialização são denominadas de práticas parentais (Alvarenga & Piccinini, 2001; Darling & Steinberg, 1993; Grusec & Goodnow, 1994; Spera, 2005). Hoffman (1960, 1975, 1979, 1994) enfatiza, em seu trabalho, o papel das práticas disciplinares. Spera (2005), em sua revisão teórica, assinala a importância das práticas de envolvimento parental, monitoramento parental e objetivos, valores e aspirações parentais.

Segundo Hoffman (1960), a relação entre pais e filhos é marcada pela concentração do poder nos pais. Isso não é necessariamente prejudicial ao desenvolvimento da criança e do adolescente. De fato, para que haja socialização, é preciso que esses sejam confrontados com as regras e os padrões morais da sociedade. Para tanto, os pais devem introduzir uma série de práticas disciplinares na relação com seus filhos. Entretanto, existem duas maneiras, apontadas por Hoffman, pelas quais essa tarefa pode ser realizada:

através de práticas disciplinares indutivas ou de práticas disciplinares coercivas (Hoffman, 1975, 1994).

Por um lado, as práticas disciplinares indutivas caracterizam-se pela indicação dos aspectos lógicos da situação, instruindo a criança sobre as conseqüências de seu comportamento negativo às outras pessoas. Tais estratégias proporcionam à criança a possibilidade de compreender as implicações de suas ações e os motivos que justificam a necessidade de mudanças comportamentais. Conseqüentemente, a criança adquire autonomia para refletir e controlar seu próprio comportamento (Hoffman, 1975, 1994). Como exemplo, é possível citar o uso de explicações de regras, valores, princípios e conseqüências negativas do comportamento (Alvarenga & Piccinini, 2001; Cecconello et al., 2003; Hoffman, 1975, 1994; Piccinini, Frizzo, Alvarenga, Lopes & Tudge, 2007).

Por outro lado, as práticas coercivas caracterizam-se pela utilização direta da força e do poder dos pais. Incluem punição física, ameaças e privação de afeto e privilégios. Dessa forma, o controle do comportamento dependerá da presença de uma intervenção externa, visto que a criança tende a não adquirir autonomia e capacidade de compreender as implicações de suas ações. Além disso, tais práticas podem produzir emoções intensas, como medo, ansiedade e raiva, reduzindo ainda mais a autonomia e a capacidade de compreensão da situação. Assim, as práticas indutivas favorecem a internalização da moral, porém, as coercivas aumentam a percepção de valores e princípios como unicamente externos (Alvarenga & Piccinini, 2001; Cecconello et al., 2003; Hoffman, 1975, 1994; Piccinini et al., 2007).

O uso de práticas coercivas ocasionais não necessariamente prejudica o desenvolvimento da criança (Hoffman, 1960, 1975). Ressalta-se, no entanto, que utilização esporádica dessa estratégia sempre deve vir acompanhada por explicações adequadas da situação (Cecconello et al., 2003). Todavia o uso indiscriminado da coerção (ou de práticas parentais negativas) pode trazer prejuízos ao desenvolvimento e à socialização da criança (Alvarenga & Piccinini, 2001; Carvalho & Gomide, 2005; Cecconello et al., 2003; Gomide, Salvo, Pinheiro, & Sabbag 2005; Grusec & Goodnow, 1994; Piccinini et al., 2007; Salvo et al., 2005; Weber, Viezzer & Brandenburg, 2004). Além disso, crianças freqüentemente submetidas às práticas coercivas tendem a utilizar métodos coercivos na relação com seus pares, sendo menos aceitos por eles (Hart, Ladd & Burleson, 1990). Essa prática disciplinar também tem sido associada à presença de comportamentos agressivos na infância (Hart, Nelson, Robinson, Olsen & McNeilly-Choque, 1998).

Cabe ressaltar que a utilização de determinadas práticas parentais não constitui um mecanismo estático. Isso significa que algumas mudanças nelas podem ocorrer devido às modificações no comportamento da criança e do adolescente ao longo do desenvolvimento (Piccinini et al., 2007).

Além das práticas disciplinares propostas por Hoffman (1960, 1975, 1979, 1994), outros aspectos da relação entre pais e filhos merecem atenção dos pesquisadores. Spera (2005), por exemplo, discute as práticas de envolvimento parental, monitoramento parental e comunicação dos objetivos, valores e aspirações parentais.

As práticas de envolvimento referem-se aos esforços realizados pelos pais no intuito de tornarem-se diretamente envolvidos com a vida da criança,

principalmente no que diz respeito às atividades escolares. Como exemplo, é possível citar a participação nas reuniões de pais e professores e o auxílio às crianças com seus deveres de casa e atividades extracurriculares. Essas práticas podem, ainda, estar relacionadas ao desempenho escolar e sua utilização tende a declinar na adolescência (Spera, 2005).

Outra prática possivelmente associada ao desempenho escolar é o monitoramento parental. Essa consiste no monitoramento, exercido pelos pais, das atividades extracurriculares. Por exemplo, verificar se a criança completou suas tarefas de casa, supervisionar atividades com colegas e amigos e acompanhar o desempenho na escola (Spera, 2005).

Por fim, Spera (2005) postula que os pais procuram exercer seu papel de socialização comunicando suas aspirações, objetivos voltados à criança e valores que gostariam que os filhos internalizassem. Os objetivos e as aspirações representam a esperança depositada nos filhos, sendo necessários na organização e na direção dos comportamentos parentais voltados à criança e ao adolescente. Os valores parentais referentes à educação, por sua vez, representam a importância depositada no desempenho e na realização escolar. Segundo o mesmo autor, tanto os valores quanto as aspirações e os objetivos parentais podem estar relacionados aos objetivos acadêmicos da criança e do adolescente, desempenho intelectual, persistência na escola e freqüência nas aulas.

Alguns aspectos das práticas parentais, como controle, disciplina e valores e objetivos, também podem ser observados nos estilos parentais. A disciplina coerciva (Hoffman, 1975, 1994), por exemplo, é uma prática utilizada com relativa freqüência por pais com estilo autoritário (Baumrind, 1971;

Cecconello et al., 2003; Darling & Steinberg, 1993; Glasgow et al., 1997). Entretanto, os estilos parentais, diferentemente das práticas, são mais abrangentes e referem-se a um padrão de interação entre pais e filhos (Baumrind, 1971; Darling & Steinberg, 1993; Spera, 2005; Steinberg, 2001).

Os estudos dos estilos parentais realizados pela psicologia iniciaram ainda no começo do século XX. Todavia, Darling e Steinberg (1993), em sua revisão, argumentam que as teorias parentais dessa época eram estritamente unidirecionais. Ou seja, o clima emocional na relação entre pais e filhos era atribuído apenas às características parentais. Nesse contexto, pesquisadores identificados com o modelo psicodinâmico tendiam a focar suas pesquisas apenas nas atitudes parentais. Para eles, a investigação dessas atitudes permitia o acesso ao clima emocional presente no ambiente familiar, e sua conseqüente influência no desenvolvimento da criança (Baldwin, 1948).

Pesquisadores comportamentalistas, por sua vez, esforçaram-se para categorizar os estilos parentais a partir de comportamentos. As diferenças no desenvolvimento infantil eram atribuídas, unicamente, aos ambientes em que eram expostas. Assim, os estudiosos concentravam-se em descobrir padrões de comportamentos que definiam esses ambientes. Para tanto, análises fatoriais foram amplamente utilizadas nesse período, identificando o controle como um padrão de comportamento parental. O controle estaria ainda associado à punição física, tolerância à masturbação e regras de convivência (Darling & Steinberg, 1993).

Tanto pesquisadores comportamentalistas quanto psicodinâmicos, ainda que acreditassem na importância de sistemas mais amplos de crenças parentais e suas influências na socialização da criança, raramente incluíam

essas variáveis em suas pesquisas. Essa lacuna perdurou até o surgimento da teoria tipológica de Baumrind (1966), que incorporou os aspectos emocionais e comportamentais do processo de socialização dentro de um sistema de estilos parentais, ancorado nas crenças dos pais (Darling & Steinberg, 1993).

De acordo com Baurmrind (1966, 1971, 1997), o papel dos pais está centrado na tarefa de socializar a criança conforme demandas alheias e, ao mesmo tempo, manter nela o senso de integridade pessoal. Esse processo é mediado pelos padrões de autoridade desempenhados pelos pais. De fato, as pesquisas de Baurmrind enfatizaram a autoridade parental sobre o desenvolvimento infantil, ampliando e reformulando a antiga visão de controle definida pela rigidez e pela punição física. Para essa autora, o controle parental refere-se às tentativas de integrar a criança na família e na sociedade, através de expectativas de maturidade, confrontação direta, supervisão e disciplina consistente e contingente (Baumrind, 1997).

Baurmrind propôs uma tipologia baseada apenas em uma função parental ampla: o controle. A variação nos níveis de controle, associados a outros aspectos da interação entre pais e filhos, tais como afeto e comunicação, definem os três tipos de estilos parentais: autoritário, autoritativo e permissivo (Baumrind, 1966, 1971, 1997).

Pais autoritários são rígidos. Eles tendem a enfatizar a obediência e o respeito pela autoridade e pela ordem. Impõem altos níveis de exigência e são rígidos no estabelecimento e no cumprimento das regras. Essas são impostas sem qualquer participação da criança. Não estimulam, sequer valorizam a autonomia. Rejeitam qualquer questionamento ou opinião da criança e do adolescente, esperando que as regras sejam seguidas sem explicações

adicionais. Por fim, utilizam freqüentemente a punição física como método punitivo (Baumrind, 1966, 1991, 1997; Cecconello et al., 2003; Glasgow et al., 1997).

Pais autoritativos também estabelecem regras e padrões de comportamento e os reforçam consistentemente. Monitoram a conduta infantil, corrigindo as negativas e gratificando as positivas. Além disso, responsabilidade e maturidade são esperadas e reforçadas. Todavia a comunicação entre os pais e filhos é ampla e baseia-se no respeito mútuo, o que respalda a imposição da disciplina de forma indutiva com a participação da criança e do adolescente. Assim, métodos punitivos raramente são utilizados quando as regras são violadas. Eles são afetuosos e oferecem amplo suporte às necessidades dos filhos; solicitam suas opiniões, encorajando a autonomia e proporcionando oportunidades para o desenvolvimento de suas habilidades (Baumrind, 1966, 1991, 1997; Cecconello et al., 2003; Glasgow et al., 1997).

Pais permissivos exercem pouca autoridade, são excessivamente tolerantes e tendem a satisfazer qualquer demanda que a criança apresente. Estabelecem poucas regras e limites aos filhos, não estimulando o desenvolvimento da maturidade e da responsabilidade. Conseqüentemente, a criança necessita monitorar sozinha seu próprio comportamento (Baumrind, 1966, 1991, 1997; Cecconello et al., 2003; Glasgow et al., 1997).

Baumrind, ainda, entendia a socialização como um processo dinâmico: os estilos parentais, além da capacidade de modificar os comportamentos infantis, também influenciavam a abertura da criança às tentativas dos pais em socializá-las. Ou seja, as modificações das características da criança

propiciadas pelas intervenções dos pais, podem, por sua vez, aumentar as habilidades socializadoras parentais (Baumrind, 1967, 1971).

No início da década de oitenta, a tipologia de Baumrind estava bem estabelecida e respaldou a maior parte das discussões sobre a influência parental no desenvolvimento da criança e do adolescente. Entretanto, nesse mesmo período, surgiu a necessidade de ampliar as investigações às populações distintas daquelas estudadas por Baumrind (Darling & Steinberg, 1993).

Maccoby e Martin (1983) propuseram, em sua revisão, um modelo que limitou o número de dimensões parentais e facilitou a mensuração e a pesquisa. Para eles, os estilos parentais podiam ser compreendidos a partir da variação de duas dimensões lineares: exigência e responsividade. A exigência refere-se aos comportamentos parentais de supervisão e disciplina. A responsividade abrange comportamentos de apoio e aquiescência que favorecem a individualidade e a auto-afirmação da criança. Pais responsivos são descritos como afetuosos, atenciosos, envolvidos e acolhedores. Em outras palavras, a dimensão exigência representa os comportamentos parentais de socialização; e a responsividade, os de reconhecimento da individualidade da criança.

As variações e associações possíveis entre as dimensões exigência e responsividade definem os quatro tipos de estilos parentais propostos por Maccoby e Martin (1983): autoritativo, autoritário, indulgente e negligente. Pais autoritativos apresentam altos níveis de exigência e de responsividade. Enquanto pais autoritários são caracterizados pela baixa responsividade e pela alta exigência. O estilo indulgente, ao contrário, resulta da combinação entre

alta responsividade e baixa exigência. Finalmente, o estilo negligente é caracterizado pela responsividade e exigência baixas (Cecconello et al., 2003; Glasgow et al., 1997; Maccoby & Martin, 1983).

Por um lado, pais indulgentes são excessivamente tolerantes, exercem pouca autoridade e quase não estabelecem regras e limites à criança. Eles são afetivos e comunicativos e tendem a satisfazer qualquer demanda apresentada pela criança. Por outro lado, pais negligentes não são exigentes nem afetivos. Envolvem-se pouco na tarefa de socialização da criança e não se preocupam em monitorar o comportamento dos filhos. Respondem somente às necessidades básicas da criança, tendendo a mantê-la distante. Em outras palavras, enquanto pais indulgentes tendem a focarem-se nas demandas de seus filhos, pais negligentes centram-se em seus próprios interesses (Cecconello et al., 2003; Glasgow et al., 1997; Maccoby & Martin, 1983).

As características dos estilos autoritativo e autoritário, propostos por Maccoby e Martin (1983), são semelhantes àquelas apresentadas pelo modelo de Baumrind. Entretanto, pequenas divergências podem ser encontradas entre esses modelos, relacionadas à importância atribuída ao controle e à comunicação: Baumrind parece dar mais importância a ambos os conceitos (Baumrind, 1967, 1971; Darling & Steinberg, 1993; Maccoby & Martin, 1983). Ademais, a separação do estilo permissivo em indulgente e negligente permitiu distinguir, nas famílias pouco exigentes, uma variação no nível de responsividade parental (Baumrind, 1967, 1971; Cecconello et al., 2003; Glasgow et al., 1997; Maccoby & Martin, 1983).

As discussões propostas por Baumrind (1967, 1971, 1991), Maccoby e Martin (1983) influenciaram e modificaram a compreensão das relações entre

pais e filhos. Todavia, na década de noventa, a literatura ainda carecia de um entendimento mais aprofundado das diferenças e das relações entre práticas e estilos parentais. Darling e Steinberg (1993) propiciaram um avanço nos estudos desses aspectos ao proporem um modelo integrativo.

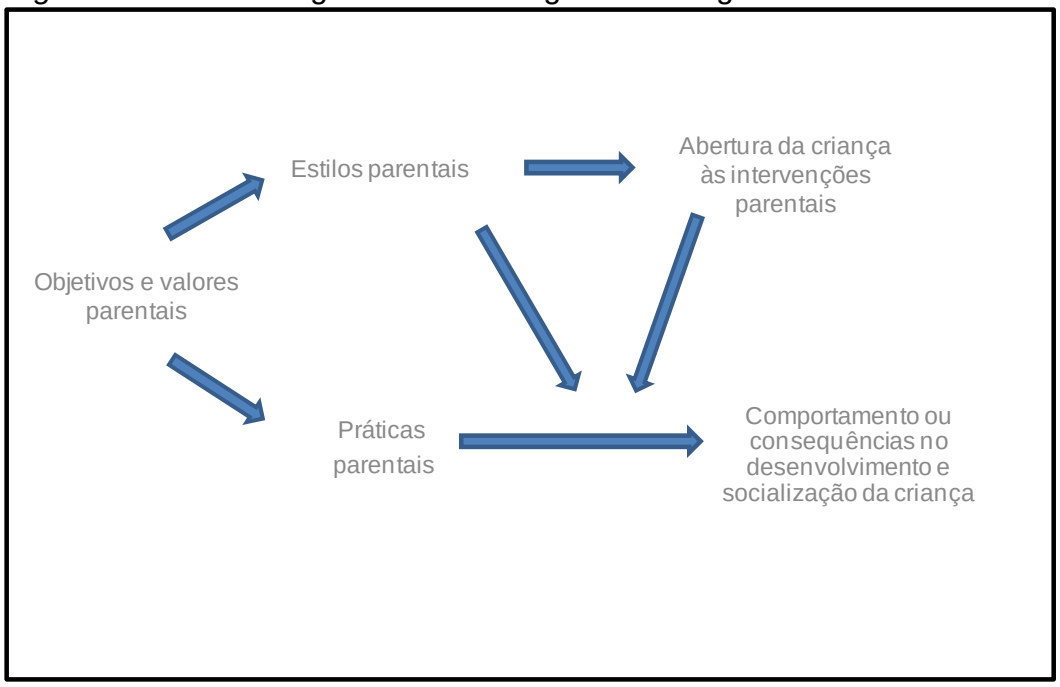
Segundo Darling e Steinberg (1993), a distinção entre estilos e práticas parentais é necessária para um entendimento mais profundo dos processos pelos quais os pais influenciam o desenvolvimento de seus filhos. Essa separação também é fundamental para a compreensão do modelo proposto por elas. As práticas, como afirmado anteriormente, referem-se aos comportamentos parentais voltados especificamente aos objetivos de socialização da criança e do adolescente. Já os estilos referem-se às características globais de interações entre pais e filhos, que geram um clima emocional.

Apesar de manterem clara a distinção entre práticas e estilos, Darling e Steinberg (1993) propõem que ambas são definidas, em parte, pelos valores e objetivos de socialização sustentados pelos pais. Esses objetivos englobam tanto os comportamentos e as habilidades específicas (sociais e escolares), quanto as qualidades mais globais (por exemplo, curiosidade, pensamento crítico e independência).

Esses valores e objetivos parentais influenciam o desenvolvimento da criança através de diferentes processos (ver Figura 1). Por um lado, as práticas parentais exercem um efeito direto no desenvolvimento de comportamentos e características específicas na criança. Ou seja, as práticas são os mecanismos através dos quais os pais auxiliam, diretamente, a criança no processo de socialização. Por outro lado, todo esse processo é influenciado, indiretamente,

pelos estilos parentais. Os estilos modificam e potencializam a eficácia das práticas através de dois processos: transformando a interação entre pais e filhos, modulando, conseqüentemente, o uso de práticas específicas; e influenciando a personalidade infantil, principalmente sua abertura às intervenções parentais de socialização. Essa abertura da criança, por sua vez, pode influenciar a associação entre as práticas e os comportamentos infantis (Darling & Steinberg, 1993).

Figura 1. Modelo Integrativo de Darling e Steinberg.



Nota. Adaptada de Darling e Steinberg (1993).

Os estilos parentais, conforme visualização da Figura 1, exercem influência apenas indireta no desenvolvimento e na socialização da criança. De fato, Darling e Steinberg (1993) entendem os estilos como uma variável contextual capaz de modular a relação entre as práticas específicas e as consequências no desenvolvimento e no comportamento da criança e do adolescente. Em resumo, a manifestação de características comportamentais e

psicológicas na criança varia em função da *(a)* associação entre as práticas e as conseqüências no desenvolvimento e na socialização e *(b)* da eficácia da influência dos estilos parentais. Isso explicaria, hipoteticamente, por que o uso de práticas idênticas, por famílias de estilos distintos, gera resultados diferentes nos comportamentos da criança e do adolescente (Darling & Steinberg, 1993).

As discussões de Darling e Steinberg, assim como pesquisas posteriores (Steinberg, 2001; Steinberg et al., 1994), ampliaram a compreensão da dinâmica psicossocial das práticas e dos estilos parentais. Não obstante, as pesquisas, de maneira geral, tendem a enfocar apenas um desses aspectos. Nesse sentido, diversos estudos trataram das relações entre os estilos parentais e aspectos psicossociais, tanto psicopatológicos quanto de proteção. Alguns desses serão apresentados a seguir.

1.2 Relações entre estilos parentais e aspectos patológicos e psicossociais

Pesquisas, por um lado, têm associado os estilos parentais a diversas características psicopatológicas, como transtornos alimentares (Haslam, Mountford, Meyer & Waller, 2008; Mazzeo, Zucker, Gerke, Mitchell & Bulik, 2005), sobrepeso (Rhee, 2008; Rhee, Lumeng, Appugliese, Kaciroti & Bradley, 2006), uso de drogas (Castrucci & Gerlach, 2006; Tucker, Ellickson & Klein, 2008; Wills & Yaeger, 2003), ansiedade e depressão (Cohen, Sade, Benarroch, Pollak & Gross-Tsur, 2008; Ginsburg, Siqueland, Masia-Warner & Hedtke, 2004; Steinhausen, Haslimeier & Metzke, 2007), comportamento suicida (Flouri, 2005) e traços de personalidade desadaptados (Yu et al., 2007). Por outro lado, estudos também apontam para relações entre os estilos e os aspectos positivos do desenvolvimento, como resiliência e *coping* (Cuarati-

Burgio, 2001; Nijhof & Engels, 2007), qualidade de vida (Zimmermann, Eisemann & Fleck, 2008), otimismo (Weber, Brandenburg & Viezzer, 2003), alimentação saudável (Arredondo et al., 2006; Kremers, Brug, Vries & Engels, 2003) e desempenho acadêmico (Baumrind, 1967; Heaven & Ciarrochi, 2008; Rosenzweig 2000; Steinberg, Elmen & Mounts, 1989).

As relações pesquisadas entre os estilos parentais e os distúrbios alimentares têm focalizado os diagnósticos de bulimia, anorexia e sobrepeso. Raspin (2004) explorou, em sua tese, as associações entre anorexia, bulimia e aspectos familiares. Essas variáveis foram estudadas em uma amostra de 102 mulheres, sendo 77 diagnosticadas com algum transtorno alimentar e 25 sem qualquer diagnóstico clínico. Os resultados indicaram que as famílias das pacientes anoréxicas eram mais centrípedas, enquanto as das pacientes bulímicas eram mais centrífugas. Famílias centrípedas caracterizam-se pela rigidez no estabelecimento de limites externos e pela baixa individualidade. Por sua vez, as centrífugas apresentam baixa coesão interna e limites externos frágeis. As famílias de pacientes bulímicas apresentaram, ainda, maiores níveis de expressão emocional se comparadas àquelas de anoréxicas.

No estudo realizado por Haslam et al. (2008), foram encontrados estilos “invalidantes” em pacientes com transtornos alimentares. Esses estilos referem-se a um conjunto de práticas parentais prejudiciais ao desenvolvimento da criança (por exemplo, abuso sexual e psicológico, punição severa e inibição emocional). De maneira geral, as pacientes diagnosticadas com bulimia descreveram seus pais como mais “invalidantes” do que as diagnosticadas com anorexia. Além disso, a presença de comportamentos purgativos de indução de vômito foi associada aos pais (homens) “invalidantes”. Por fim, as participantes

que se exercitavam excessivamente foram expostas, com maior freqüência, a ambientes de controle emocional excessivo.

A percepção de apego parental foi avaliada por Leung, Thomas e Waller (2000) como uma variável explicativa para o desenvolvimento de esquemas mentais desadaptados em pacientes com transtornos mentais. Participaram da pesquisa 30 mulheres com diagnóstico de anorexia, 27 de bulimia e 23 sem qualquer diagnóstico. As correlações encontradas entre apego parental e esquemas mentais foram mais significativas para o grupo de anoréxicas. Especificamente para esse grupo, a percepção de pouco cuidado parental associou-se aos esquemas desadaptados.

Rhee et al. (2006) estudaram a relação entre o sobrepeso e os estilos parentais autoritário, autoritativo, permissivo e negligente, em uma amostra de 872 crianças. Os participantes foram separados nos grupos sobrepeso e peso adequado. Análises de regressão logística foram utilizadas e, segundo as interpretações dos resultados, os filhos de mães autoritárias possuíram mais risco de sobrepeso se comparados aos de mães autoritativas. Além disso, crianças cujas mães foram descritas como permissivas ou negligentes tinham duas vezes mais chances de apresentarem sobrepeso se comparadas àquelas de mães autoritativas. Finalmente, o estilo parental autoritário apresentou as maiores associações com o sobrepeso infantil.

Outra patologia estudada em associação aos estilos parentais foi o uso de substâncias psicoativas. Tucker et al. (2008) estudaram 710 jovens no intuito de identificar fatores psicossociais de adolescentes educados em um ambiente permissivo. Três quartos dos participantes, cujos pais eram permissivos, indicaram ter abusado do álcool nos últimos trinta dias. Ademais,

os autores concluíram que o desenvolvimento em ambientes permissivos estaria associado ao uso abusivo do álcool. O estudo de Voisine, Parsai, Marsiglia, Kulis e Neiri (2008) apresentou conclusões idênticas. Segundo os resultados, a presença de pais permissivos pode ser um importante fator de predição do uso de maconha, cigarro e álcool.

Numa amostra de aproximadamente 16.500 estudantes franceses, com idades entre 12 e 18 anos, Choquet, Hassler, Morin, Falissard e Chau (2008) encontraram relações entre consumo de drogas (álcool, maconha e tabaco), controle parental e suporte emocional. De maneira geral, os resultados apontaram para forte associação negativa entre o controle parental e o uso dessas substâncias. Ou seja, o controle parece prevenir o consumo dessas drogas. As correlações foram mais significativas para uso de tabaco e maconha em comparação ao álcool. Além disso, tais resultados aplicaram-se mais acentuadamente às meninas do que aos meninos.

Malik (2005) estudou, em sua tese, a interação entre os estilos parentais propostos pelo modelo de Baumrind e o uso de substâncias psicoativas. A pesquisa de Malik abarcou adolescentes de 10 a 14 anos e demonstrou que o consumo de álcool e cigarro era mais freqüente entre os filhos de pais negligentes se comparados aos de autoritativos. Nesse contexto, Smith e Hall (2008) investigaram a severidade do abuso de maconha por adolescentes em tratamento. Os resultados indicaram que os comportamentos menos severos estavam associados à presença de pais autoritativos.

Sobre o uso de cigarro, Castrucci e Gerlach (2006) encontraram relação com os estilos parentais autoritativo, autoritário, indulgente e negligente, numa amostra composta por 17.300 estudantes estadunidenses. As

análises de regressão evidenciaram uma redução do consumo de tabaco por adolescentes cujos pais foram descritos como autoritativos. Além disso, o risco de consumo do cigarro foi reduzido em 45% entre os estudantes que afirmaram importar-se com as opiniões de seus pais a respeito da substância. Finalmente, os adolescentes que acreditaram na relevância das opiniões paternas também descreveram, com maior freqüência, seus pais como autoritativos. Assim, os autores concluíram que um ambiente no qual o diálogo seja freqüente e as regras e limites sejam definidos adequadamente (características do estilo autoritativo) pode ser um agente de prevenção e redução do consumo de tabaco.

Pesquisadores também se interessaram pelo estudo das relações entre depressão, ansiedade e estilos parentais. Dwairy (2004) conduziu uma investigação para testar tais associações entre adolescentes árabes, numa amostra de 431 participantes. O autor encontrou correlações positivas entre o estilo autoritativo e a saúde mental. Todavia, os adolescentes que descreveram seus pais como permissivos apresentaram os maiores níveis de depressão, ansiedade e transtornos de conduta.

Em sua tese, Diaz (2006) estudou a associação entre estilos parentais, contexto cultural e sintomas depressivos em adolescentes do sexo feminino. Noventa e três estudantes participaram do estudo, desses, mais de 30% apresentaram sintomas depressivos de moderado a grave. Ademais, tal patologia esteve associada à presença de altos níveis de estresse familiar e baixa percepção de pais autoritativos.

Silva, Dorso, Azhar e Renk (2007) pesquisaram as relações entre os estilos parentais, ansiedade, motivação e desempenho acadêmico em uma

amostra de estudantes universitários. Os autores encontraram correlações positivas entre ansiedade e mães autoritárias, bem como correlações negativas entre ansiedade e pais (de ambos os sexos) autoritativos.

A relação entre os estilos parentais e as variáveis psicológicas, como depressão e ansiedade também foi investigada por Cohen et al. (2008), em crianças com síndrome de Tourette. Os resultados indicaram que os maiores níveis de depressão e ansiedade estiveram associados aos estilos parentais de controle e rejeição. Sobre depressão e variáveis psicossociais, Steinhausen et al. (2007) encontraram correlações com a percepção de estilos parentais e relações familiares. Os resultados ainda evidenciaram associações entre a percepção de rejeição materna, a auto-estima e os problemas de internalização. Hutz e Bardagir (2006), no Brasil, conduziram um estudo com 467 adolescentes e concluíram que os filhos de pais autoritários e negligentes apresentaram maiores níveis de depressão e ansiedade do que os demais participantes.

Finalmente, Yu et al. (2007) estudaram a relação entre a percepção de estilos parentais e a personalidade. Participaram do estudo 787 chineses (589 estudantes e 198 pacientes com transtornos da personalidade). Os pacientes com transtornos da personalidade tinham, com maior freqüência, pais limitadores da autonomia e liberdade e menos cuidadores se comparados ao grupo controle. Os autores concluíram, respaldados pela literatura, que os aspectos parentais são importantes para o desenvolvimento dos transtornos da personalidade.

Aspectos positivos também têm sido associados aos estilos parentais. A tese de Cuarati-Burgio (2001) tratou do possível efeito da proteção de

aspectos familiares no desenvolvimento da resiliência em adolescentes de diferentes contextos étnicos e raciais. O estudo de meta-análise contou com sete pesquisas, abarcando uma amostra de 857 sujeitos. O tamanho do efeito evidenciado foi de 0,34. Ainda que pequeno, esse resultado foi interpretado pela autora como uma indicação da associação positiva entre os aspectos parentais e a resiliência.

McKinney e Renk (2008) estudaram as diferenças entre os estilos parentais maternos e paternos, bem como sua relação com o ajuste emocional. Os resultados demonstraram que os participantes mais bem ajustados emocionalmente eram aqueles que percebiam ao menos um de seus pais como autoritativos.

Numa amostra de 670 estudantes, Nijhof e Engels (2007) encontraram relação entre estilos parentais e expressão de nostalgia e estratégias de *coping*. Os resultados indicaram que os participantes, cujos pais eram autoritativos ou permissivos, tinham mais experiências de nostalgia do que os filhos de pais autoritários ou negligentes. Todavia, os participantes, cujos pais eram autoritativos, apresentaram estratégias de enfrentamento mais efetivas para lidarem com tais situações. Além disso, os filhos de pais autoritários ou negligentes tiveram mais problemas de internalização e externalização ao passarem pela experiência de nostalgia. Os autores ressaltaram a importância de um ambiente parental de aceitação e amor/carinho (típicos de pais autoritativos) para o desenvolvimento de estratégias de enfrentamento.

Zimmermann et al. (2008), por sua vez, estudaram a hipótese da associação entre os estilos parentais e a qualidade de vida. Participaram do estudo 95 estudantes universitários. A percepção de calor emocional materno

correlacionou-se com o construto geral de qualidade de vida, bem como duas de suas dimensões (relações psicológicas e sociais). Esses resultados respaldam, juntamente com a literatura, a compreensão de que os estilos parentais podem favorecer uma qualidade de vida melhor.

No Brasil, Boeckel e Sarriera (2006) estudaram uma amostra de jovens adultos e concluíram que o estilo parental autoritativo este mais associado aos mais elevados níveis de bem-estar. Weber et al. (2003), por sua vez, investigaram as associações entre os estilos parentais e o otimismo infantil. Segundo eles, a presença de pais autoritativos estaria relacionada aos maiores escores de otimismo, enquanto os menores escores estariam associados aos pais negligentes.

Estudos abordaram a relação entre estilos parentais e adoção de padrões de alimentação saudável. Os resultados apresentados por Kremers et al. (2003) indicaram que os participantes que cresceram em ambientes autoritativos tinham um padrão de consumo de frutas mais favorável, se comparados aos filhos de pais autoritários e negligentes. Já Arredondo et al. (2006) identificaram uma associação positiva entre o uso freqüente de monitoração, reforço positivo e disciplina adequada com a adoção de dieta saudável e com a prática de exercícios físicos. Estes autores ainda sugeriram que as intervenções acerca dos padrões nutricionais e exercícios físicos deveriam considerar os aspectos parentais.

Pesquisadores também buscaram estudar a relação entre os estilos parentais e o desempenho acadêmico. Um dos primeiros estudos sobre essa relação foi desenvolvido por Baumrind (1967). No estudo longitudinal, os resultados demonstraram que as crianças, filhos de pais autoritativos, eram

mais maduras, independentes e mais orientadas para o desempenho escolar se comparadas àquelas filhas de pais não-autoritativos. Steinberg, Elmen e Mounts (1989) encontraram, quase vinte anos depois, resultados semelhantes aos do estudo de Baumrind. Segundo a interpretação dos autores, pais afetuosos e capazes de prover maturidade e autonomia – ou seja, pais autoritativos – tinham filhos com melhor desempenho acadêmico.

Pesquisas recentes corroboram os dados dos estudos de Baumrind e Steinberg, descritos anteriormente. Boon (2007) estudou 879 crianças australianas, de 8 a 10 anos, avaliando o desempenho acadêmico, a auto-eficácia e os estilos parentais. Com base no modelo de equações estruturais, a autora concluiu que o estilo parental autoritativo foi capaz de predizer os altos índices de desempenho acadêmico, sendo modulado pelo aumento da auto-eficácia e pela proteção contra ações que obstruem o próprio sucesso (*self-handicapping*).

Spera (2006) analisou aspectos parentais e educacionais de 184 adolescentes. Os participantes que percebiam seus pais como envolvidos nos seus trabalhos escolares também manifestaram maior interesse pela escola e motivação para alcançar seus objetivos. Além disso, o autor concluiu que os estilos parentais modularam a relação entre as práticas parentais e as notas acadêmicas.

A despeito das conclusões dos diversos autores, descritas anteriormente, sobre as associações entre os estilos parentais e os diversos aspectos psicossociais, não há um consenso na literatura sobre o tema. Mcleod, Weisz e Wood, por exemplo, realizaram dois estudos de meta-análise para verificar a relação entre os aspectos parentais, a ansiedade e a depressão

(McLeod, Weisz & Wood, 2007; McLeod, Wood & Weisz, 2007). Os autores postularam, baseados nos tamanhos de efeito baixos, que tais associações eram inconsistentes e que outros aspectos deveriam ser estudados para compreender a origem de tais patologias.

Spera (2005), em sua revisão, afirmou que o nível sócio-econômico e a etnia dos participantes poderiam modular as correlações entre desempenho acadêmico e estilos parentais. Além disso, nem todos os estudos encontram relações consistentes. De fato, Dornbusch, Ritter, Leiderman, Roberts e Fraleigh (1987) encontraram relação entre o estilo autoritativo e a média escolar para famílias brancas, mas não para as asiáticas, negras e hispânicas. Além disso, Lim e Lim (2004) ressaltaram a necessidade de novas pesquisas sobre o tema, considerando as especificidades da cultura chinesa.

As pesquisas das relações entre os estilos parentais e aspectos psicossociais propiciaram um avanço teórico, principalmente a partir da segunda metade do século passado. Neste contexto, as psicopatologias, as medidas preventivas e suas correlações com a família têm recebido destaque na literatura. Não obstante, nenhum modelo clínico de compreensão dos estilos parentais havia sido proposto até a década de noventa. Sua construção poderia ampliar ainda mais a discussão da temática, justamente ao abarcar os aspectos relacionados ao desenvolvimento das psicopatologias. O modelo de estilos parentais de Young (Young, 2003; Young, Klosko & Weishaar, 2003) pôde suprir em parte essa lacuna. Essa teoria será discutida a seguir.

1.3 Teoria dos Estilos Parentais de Jeffrey Young

Grande parte das teorias psicológicas procura relacionar o desenvolvimento humano com os estilos de cuidados parentais recebidos na infância e na adolescência. A Terapia Cognitiva Focada nos Esquemas, ao enfatizar aspectos estruturais da personalidade – o que não ocorria com o modelo tradicional –, abre espaço para a discussão dos estilos parentais e sua relação com o desenvolvimento dessas estruturas (Young et al., 2003).

Os estilos parentais propostos por Young (2003) encontram-se dentro do escopo da Terapia Cognitiva Focada nos Esquemas. Esse modelo surgiu com o intuito de solucionar alguns problemas que a terapia cognitivo-comportamental tradicional vinha enfrentando no tratamento dos transtornos de personalidade, que são a rigidez nas crenças e nos pensamentos dos pacientes e a desconexão entre a patologia e os ambientes parentais (McGinn & Young, 2004).

Young (2003) propõe a existência de dezoito esquemas – denominados Esquemas Iniciais Desadaptativos (EID) – distribuídos dentro de cinco domínios, descritos na Tabela 1. Estudos empíricos têm sido conduzidos e apesar de não confirmarem definitivamente esse número de esquemas, apóiam os cinco domínios (Lee, Taylor, & Dunn, 1999; Schmidt, Joiner, Young, & Telch, 1995).

Tabela 1. Esquemas Iniciais Desadaptativos.

Domínio	Principais Características	Esquemas
Desconexão e Rejeição	Expectativa de que as necessidades de segurança, carinho, estabilidade, aceitação e respeito não serão atendidos.	• Abandono e instabilidade • Desconfiança/abuso • Privação emocional • Defectividade/vergonha • Isolamento social/alienação
Autonomia e Desempenho Prejudicados	Dificuldade em perceber que, diante de separações, conseguirá sobreviver.	• Dependência/incompet. • Vulnerabilidade à doença • Emaranhamento/self subdesenvolvido • Fracasso
Limites Prejudicados	Deficiência nos limites internos, responsabilidade e objetivos a longo prazo.	• Merecimento/ grandiosidade • Autocontrole/ autodisciplina insuficiente
Orientação para o Outro	Foco excessivo nos desejos e respostas ao outro, a fim de obter amor e aprovação.	• Subjugação • Auto-Sacrifício • Busca de Aprovação/ reconhecimento
Hipervigilância e Inibição	Supressão de sentimentos e escolhas pessoais ou criação de regras rígidas.	• Negatividade/pessimismo • Inibição emocional • Padrões inflexíveis/crítica exagerada • Caráter punitivo

Nota. Adaptada de Wainer, Pergher e Piccoloto (2003) e Young et al. (2003).

O desenvolvimento dos Esquemas Iniciais Desadaptativos (EIDs) é normalmente precoce, ocorrendo principalmente na infância e na adolescência e dentro do núcleo familiar. Dessa forma, os EIDs possuem certa correlação com os estilos parentais (Young et al., 2003). Os resultados do estudo de Sheffield, Waller, Emanuelli, Murray e Meyer (2005) corroboram essa associação.

Young et al. (2003) postulam a existência de quatro tipos de ambientes capazes de nutrir a aquisição dos esquemas. O primeiro é denominado frustração/privação de necessidades, em que o ambiente da criança é deficiente em estabilidade, compreensão ou amor. Esquemas como privação

emocional e abandono tendem a ter sua origem em ambientes como esse. O segundo ambiente é denominado traumático ou abusador, no qual a criança é vitimizada, apresentando a tendência para desenvolver esquemas de abuso, defectividade e vulnerabilidade ao dano. O terceiro ambiente provê à criança coisas boas em demasia. Nesse caso, limites reais e autonomia não são estimulados, tendendo ao desenvolvimento de esquemas de dependência, incompetência e merecimento. No último ambiente, a criança abstrai seletivamente os pensamentos, sentimentos e comportamentos de seus cuidadores. Algumas das abstrações seletivas tornam-se esquemas e outras, estilos de *coping.*

Além dos ambientes, Young (2003) propôs a existência de dezoito estilos parentais. Os estilos estão, teoricamente, relacionados aos EIDs e recebem os mesmos nomes desses últimos. Por exemplo, um padrão parental que falha em prover suficiente apoio emocional à criança recebe o mesmo nome de seu EID correspondente: privação emocional. Um ambiente que não estimule a independência de seus membros associa-se ao EID de dependência/incompetência e assim sucessivamente. Os estilos parentais também estão distribuídos em cinco domínios. Na Tabela 2 são apresentadas essas cinco dimensões e a família típica de origem, bem como alguns exemplos de itens do Inventário de Estilos Parentais de Young (*Young Parenting Inventory – YPI*) construído com o objetivo de avaliar os estilos parentais de Young.

Tabela 2. Domínios dos EID e família típica de origem.

Domínio	Família típica de origem	Exemplos de itens do YPI
Desconexão e rejeição	'Fria', abusadora, explosiva, solitária, distante e imprevisível.	• Passava horas comigo e me dava atenção. • Era imprevisível.
Autonomia e desempenho prejudicados	Superprotetora, dificuldade em sustentar a competência e a confiança da criança fora da família.	• Esperava que eu fracassasse. • Tudo tinha que ser feito à maneira dele/dela.
Limites prejudicados	Permissiva, falta de orientação segura, dificuldade em estabelecer limites e disciplina.	• Estabelecia poucas regras para mim. • Era uma pessoa indisciplinada.
Orientação para o outro	A criança é estimulada a não dar importância às próprias necessidades e aos desejos a fim de receber carinho, aprovação e atenção; status e aceitação social são mais importantes do que os sentimentos da criança.	• Se preocupava com o status social e a aparência. • Dava mais importância em fazer as coisas bem do que se divertir ou relaxar.
Hipervigilância e inibição	Severa, exigente e punitiva; mais preocupada em evitar erros do que estimular aspectos prazerosos; crença de que as coisas não darão certo caso a vigilância não seja contínua e meticulosa.	• Ficava furioso ou me criticava duramente se eu fizesse algo errado. • Era reservado, raramente discutia os sentimentos dele/dela.

Nota. Adaptada de Vlierberghe, Timbremont, Braet e Basile (2007).
EID – Esquemas Iniciais Desadaptativos.

O Inventário de Estilos Parentas de Young (*Young Parenting Inventory – YPI*) (Young, 1999) foi desenvolvido no intuito de avaliar os dezoito estilos parentais (materno e paterno). O instrumento é composto de 72 itens. A cada item, a pessoa é solicitada a avaliar o quanto aquela sentença descreve seu pai e sua mãe durante a sua infância e adolescência. Esta tarefa é realizada através de uma escala do tipo Likert de seis pontos. Por fim, os escores para cada uma das dezoito dimensões são gerados separadamente para os estilos

paternos e os estilos maternos. Apesar da literatura a respeito desse modelo não ser vasta, foram encontrados alguns estudos de validação do instrumento (Sheffield, Waller, Emanuelli & Murray, 2006; Sheffield et al., 2005) e associações entre estilos parentais e psicopatologia (Hinrichsen, Sheffield & Waller, 2007; Sheffield et al., 2006; Vlierberghe et al., 2007)

Sheffield et al. (2005) realizaram uma pesquisa de validação preliminar do YPI e da relação entre estilos parentais e esquemas mentais. Para tanto, uma amostra não-clínica de 422 estudantes (com idades entre 24,5 anos) foi considerada. Os resultados apontaram para uma solução de nove fatores – estilos parentais –, dos dezoito teoricamente propostos. Os estilos foram denominados como: *privação emocional* (pais que privam a criança de afeto); *superprotetor* (pais que protegem a criança em demasia); *depreciativo* (pais que fazem a criança sentir-se cheia de defeitos); *perfeccionista* (pais que esperam que a criança demonstre perfeição em tudo); *pessimista/medroso* (pais normalmente ansiosos, medrosos e com uma visão negativa da vida); *controlador* (pais excessivamente controladores e que não estimulam a independência da criança); *emocionalmente inibido* (pais com dificuldades em expressar e compartilhar emoções com a criança); *punitivo* (pais que punem a criança, normalmente de forma coerciva, quando ela comete qualquer erro); e *condicional/narcisista* (pais que condicionam a expressão de seu amor/afeto/consideração ao sucesso da criança). Os pesquisadores também estudaram e encontraram associações significativas entre os estilos parentais e esquemas. Os autores concluíram que, após a realização de ajustes, o instrumento apresenta níveis psicométricos aceitáveis.

Em outro estudo, Sheffield et al. (2006) estudaram a validação de critério da versão reduzida do YPI. Os autores investigaram as associações entre os estilos parentais e as comorbidades psicológicas em pacientes com transtornos alimentares. A amostra foi constituída de 124 mulheres diagnosticadas com tais patologias. As análises de regressão apontaram para a importância dos estilos parentais punitivo, pessimista e controlador na predição de quadros de somatização, explicando 30,6% da variância desses quadros. As participantes que descreveram seus pais como pessimistas, controladores, emocionalmente inibidos, superprotetores, condicionais, perfeccionistas e punitivos também apresentaram, em média, maior ocorrência de comportamentos impulsivos (que são *overdose*, tentativas de suicídio e comportamento sexual de risco). Em suma, o YPI foi capaz de predizer quadros sintomáticos, bem como distinguir as pacientes que apresentavam comportamentos impulsivos daquelas em que tais sintomas não foram observados. Esses resultados, de maneira geral, apontam para uma validade de critério consistente.

No ano de 2007, Hinrichsen et al. apresentaram os resultados de um estudo correlacional entre estilos parentais, ansiedade social e agorafobia. Setenta mulheres (com idades entre 17 e 56 anos), atendidas por um serviço para transtornos alimentares, participaram da pesquisa (todas apresentavam algum transtorno alimentar como diagnóstico principal). Os autores previam, hipoteticamente, a associação entre o estilo parental punitivo e a ansiedade social (comórbida), bem como entre o estilo pessimista e a agorafobia. Entretanto, os resultados das regressões múltiplas apontaram para correlações entre o estilo paterno emocionalmente inibido e a ansiedade social, e entre o

estilo materno pessimista/medroso e a agorafobia (ainda que a explicação da variância tenha sido baixa: 8,9% e 15,1% respectivamente). Ou seja, somente a segunda hipótese pode ser respaldada pelos dados empíricos. Dessa forma, os autores concluíram que pais (do sexo masculino) com dificuldades em expressar e compartilhar seus sentimentos podem contribuir para o desenvolvimento de ansiedade social em seus filhos. Além disso, mães com uma visão pessimista da vida podem contribuir para o desenvolvimento de agorafobia (Hinrichsen et al., 2007).

Vlierberghe et al. (2007) estudaram as relações entre os estilos familiares, propostos por Young, depressão e comportamento anti-social em crianças e adolescentes. Para tanto, 82 crianças e adolescentes (idades entre 8 e 18 anos) participaram da pesquisa. Os autores concluíram que os participantes do estudo com sintomas depressivos e comportamento anti-social percebiam seus pais mais frios, não confiáveis e imprevisíveis (ligados a esquemas de Desconexão e Rejeição), se comparados aqueles sem sintomas depressivos.

2 Objetivos

2.1 Objetivo Geral

De maneira geral, este estudo tem como objetivo adaptar o Inventário de Estilos Parentais de Young (*Young Parental Inventory* - YPI) para o português brasileiro e explorar algumas suas propriedades psicométricas em uma amostra brasileira. Buscar-se-á, também, analisar as associações entre estilos parentais e variáveis sócio-demográficas.

2.2 Objetivos Específicos

- Adaptar o *Young Parental Inventory* a partir de sua tradução para o português do Brasil;
- Realizar um estudar de validade (referentes aos aspectos de conteúdo e construto) da versão brasileira do Inventário de Estilos Parentais de Young;
- Explorar indicadores de validade convergente através de um estudo da associação entre o YPI e o Teste Familiograma;
- Estudar dados de fidedignidade da versão brasileira do YPI.

Ainda como objetivos específicos, os estudos sobre as propriedades psicométricas da escala serão conduzidos, considerando a influência das variáveis sócio-demográficas, tais como sexo, idade, estado civil e escolaridade (conforme Questionário Sócio-Demográfico; Anexo A).

3 Justificativa

Apesar da Psicologia e da Terapia Cognitiva utilizarem um número considerável de instrumentos padronizados de avaliação psicológica, poucos questionários, baseados nessa perspectiva teórica, foram validados e estão disponíveis no Brasil, fato esse que ressalta a relevância deste estudo. Além disso, o processo de validação de instrumentos é apontado por pesquisadores da área como de suma importância para o processo de avaliação psicológica (Pasquali, 1999, 2001, 2003).

O inventário e a Teoria dos Estilos Parentais de Young está sendo estudado em países como Estados Unidos (Sheffield et al., 2006; Sheffield et al., 2005) e Bélgica (Vlierberghe et al., 2007). Todavia nenhuma pesquisa ou publicação brasileira foi encontrada nos bancos de dados PsycInfo, MedLine, Scielo e Plataforma Lattes, até junho de 2009.

Como também, poucos instrumentos para avaliação de estilos parentais foram validados e estão disponíveis no Brasil. Dessa forma, espera-se que este estudo de validação do YPI possa trazer benefícios à pesquisa e à clínica, ao disponibilizar um instrumento válido e preciso, bem como expandir a compreensão dos estilos parentais e da teoria de Young no Brasil.

4 Método

4.1 Participantes

Tendo em vista os objetivos de validação o YPI, o processo de amostragem deu-se por conveniência. Assim, os instrumentos foram aplicados em uma amostra não-clínica de 920 estudantes (59,3% do sexo feminino), com idades variando de 14 a 69 anos (M = 21,3; DP = 6,1). Para o cálculo amostral, considerou-se a sugestão (unicamente para validação de escalas/instrumentos) de 10 participantes para cada item de escalas psicométricas (Pasquali, 2003, 2007). Ponderando as especificidades da linguagem adotada no YPI, foram incluídos na amostra somente participantes com escolaridade igual ou superior ao segundo ano do Ensino Médio. A coleta de dados foi realizada em universidades e escolas nas cidades de Natal (67,9%), Petrolina (11,3%), Brasília (6,6%), São Leopoldo/RS (4%) e região metropolitana de Porto Alegre (10,2%). Os participantes eram estudantes do segundo e terceiro ano do Ensino Médio e dos cursos técnicos em Turismo, Edificações e Informática. Também participaram do estudo alunos dos cursos de nível superior em Administração, Biblioteconomia, Serviço Social, História, Filosofia, Letras, Psicologia, Medicina, Biologia, Enfermagem, Especialização em Saúde e Engenharias Elétrica, Química, Mecânica, Têxtil, de Produção e de Materiais. Buscou-se, através dessa variabilidade, obter dados de participantes com estilos parentais distintos, bem como ampliar o contexto cultural de adaptação do referido instrumento.

4.2 Instrumentos

Para controle de variáveis sócio-demográficas, foi elaborado um questionário específico para os fins desta pesquisa (veja Anexo A). Esse questionário teve como base as variáveis apontadas como relevantes por estudos anteriores, tais como sexo, idade, estado civil, escolaridade e curso (Sheffield et al., 2006; Sheffield et al., 2005).

4.2.1 Inventário de Estilos Parentais de Young – YPI (Young, 1999)

O YPI tem sua base na Terapia Focada em Esquemas (Young, 2003) e foi elaborado no intuito de identificar uma das causas do surgimento dos dezoito Esquemas Iniciais Desadaptativos: os estilos parentais. O instrumento, em sua versão original, busca avaliar os dezoito estilos parentais, materno e paterno, distribuídos em cinco domínios, através de 72 itens. A cada item a pessoa é convocada a avaliar o quanto aquela sentença descreve seu pai e sua mãe, separadamente, durante a infância do avaliando. Essa tarefa é realizada através de uma escala do tipo Likert de seis pontos, variando de ‘completamente falso’ a ‘descreve ele/ela perfeitamente’. Por fim, os escores para cada uma das dezoito dimensões são gerados separadamente para os estilos paternos e os estilos maternos.

Na presente pesquisa, o YPI foi adaptado ao português brasileiro. Sendo assim, sua configuração fatorial e a distribuição dos itens foram alteradas. A escala Likert de seis pontos – de difícil tradução e compreensão para a Língua Portuguesa – também foi modificada por um comitê formado por três especialistas em avaliação psicológica. Além disso, alguns itens foram excluídos na versão final.

4.2.2 Teste Familiograma (Teodoro, 2006)

O FG foi desenvolvido por Teodoro (2006) no intuito de avaliar as díades familiares (pai-mãe, filho-pai, filho-mãe, irmão-irmão), no que se refere à percepção da afetividade e do conflito familiar. O autor define afetividade como o conjunto de emoções positivas do relacionamento da díade. Já os sentimentos negativos dentro da família (geradores de estresse e agressividade) são entendidos como parte do construto conflito familiar. O FG é um instrumento de avaliação psicológica, composto de 22 itens (11 itens por fator). Cada item corresponde a um adjetivo, no qual o participante deve avaliar o quanto aquela palavra descreve o relacionamento da díade. Essa tarefa é realizada através de uma escala Likert de 5 pontos, variando de “De jeito nenhum” a “Completamente”. O construto afetividade é composto pelos adjetivos carinhoso, alegre, agradável, verdadeiro, afetivo, protetor, amoroso, acolhedor, harmonioso, atencioso e precioso. Já o conflito familiar é avaliado pelos adjetivos confuso, nervoso, estressante, baixo-astral, ruim, sufocante, tenso, frio, difícil, agressivo e chato. A avaliação através do FG permite a classificação da díade em quatro categorias: Tipo I (alta afetividade e baixo conflito), Tipo II (alta afetividade e alto conflito), Tipo III (baixa afetividade e baixo conflito) e Tipo IV (baixa afetividade e alto conflito).

4.3 Procedimentos de Pesquisa

O YPI foi adaptado para o português através do método de tradução reversa (*Backtranslation*) (Cassepp-Borges, Balbinotti, & Teodoro, no prelo; Hamblenton, 1996). Primeiramente, quatro pessoas bilíngües traduziram o referido instrumento do inglês para o português. Cinco juízes e um comitê de

especialistas, formado por pessoas que não haviam participado do processo de tradução, avaliaram as traduções e consolidaram uma versão preliminar do inventário. Posteriormente, essa versão foi retraduzida para o inglês por outro profissional bilíngüe, que não conhecia a escala original nem havia participado de qualquer etapa anterior. Os objetivos dessa fase foram avaliar a equivalência das questões entre o inventário original e o retraduzido, bem como verificar se os termos utilizados na versão traduzida possuem o mesmo significado da versão original[1].

A validação de conteúdo foi realizada por juízes-avaliadores. Seis juízes avaliaram todos os itens da versão preliminar no que se refere à sua clareza na linguagem, relevância teórica e construto teórico mais adequado. Por fim, a concordância entre os juízes foi estudada através dos cálculos de CVC (Coeficiente de Validade de Conteúdo – Cassepp-Borges et al., no prelo; Hernández-Nieto, 2002) e Coeficiente *Kappa de Cohen.*

Após os ajustes, a versão preliminar foi aplicada por psicólogos e estudantes de Psicologia, devidamente treinados. As aplicações foram coletivas e realizadas nas salas de aula, após o consentimento dos professores, participantes e responsáveis (caso necessário). Concomitantemente, foi administrado um questionário sócio-demográfico (elaborado exclusivamente para os fins desta pesquisa. Anexo A) Tais procedimentos tiveram duração média de 45 minutos.

[1] Considerando as especificidades e os detalhes dos procedimentos de tradução, adaptação e validação de conteúdo, optou-se por descrevê-los brevemente nesta seção, visando facilitar sua leitura e compreensão. A seção de resultados complementa a descrição desses procedimentos.

A partir dos dados coletados empiricamente, o YPI foi estudado quanto a sua validade de construto. Para tanto, foram realizadas análises fatoriais exploratórias e confirmatórias.

Os indicadores de validade convergente do YPI foram explorados através das correlações entre o YPI e o Familiograma (FG). Ressalta-se que o FG foi aplicado somente em uma sub-amostra de 198 participantes. Optou-se pela utilização de uma sub-amostra para diminuir o tempo de aplicação e a coleta de dados, bem como reduzir os custos da pesquisa.

Por fim, os dados de fidedignidade do YPI foram explorados através de cálculos de Alfa de Cronbach. Esse processo garante, minimamente, que as diferenças dos escores dos testes refiram-se às diferenças individuais verdadeiras e não a erros casuais (Anastasi & Urbina, 2000; Pasquali, 2003).

4.4 Análise dos Dados

Medidas de tendência central e dispersão foram utilizadas, principalmente para a descrição da amostra. Para testas as associações entre as variáveis sócio-demográficas, YPI e FG, foram utilizados os testes estatísticos Anova, Teste *t*, correlação de Pearson e regressão linear. Nos estudos de validação foram utilizadas análises fatoriais (exploratória e confirmatória). Finalmente, a consistência interna do YPI foi verificada através do cálculo Alfa de Cronbach. As análises foram realizadas com o auxílio dos *Softwares* Excel (versão 2007), SPSS (versão 15) e Lisrel (versão 8.8).

4.5 Aspectos éticos

Os participantes foram voluntários e assinaram duas vias de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE – Anexo B), ficando com uma cópia do mesmo. Foi solicitado, aos participantes com idade inferior a 18 anos, que seus pais também assinem o TCLE.

A participação na pesquisa implicou em riscos mínimos de dano físico e psicológico. O principal risco referiu-se à possibilidade de mobilização ou desgaste emocional do participante no decorrer da aplicação dos questionários. Entretanto, os participantes que, de fato, sentiram-se emocionalmente mobilizados (dois participantes) foram atendidos, imediatamente, pelos responsáveis da coleta, supervisionados pelos pesquisadores responsáveis.

Os dados obtidos foram utilizados exclusivamente para fins de pesquisa. Salientou-se, por fim, o comprometimento em manter a total confidencialidade desses dados.

5 Resultados e Discussão

Considerando a questão central dessa pesquisa, o Inventário de Estilos Parentais de Young (YPI) foi traduzido e adaptado para o português e suas propriedades psicométricas foram exploradas. A seguir são apresentados os resultados e discussões referentes a esses aspectos.

5.1Tradução e adaptação do Inventário de Estilos Parentais de Young

5.1.1 Procedimentos da adaptação[2]

O YPI foi adaptado para o português através do método de tradução reversa (*backtranslation*) (Cassepp-Borges et al., no prelo; Hamblenton, 1996). Foram realizadas quatro traduções independentes, por profissionais que não conheciam previamente o instrumento original. Um desses profissionais era estadunidense e trabalhava com ensino da Língua Inglesa no Brasil; outro era tradutor oficial de uma universidade; os dois últimos eram professores da área de lingüística com título de Doutorado em Letras.

As quatro traduções foram avaliadas por cinco juízes. Todos eles possuíam formação superior e conhecimento avançado em Inglês, sendo dois doutores em psicologia, dois estudantes de mestrado em psicologia e um estudante de mestrado de engenharia. A inclusão deste último foi necessária para não restringir as avaliações à área da psicologia. Todas elas foram realizadas de forma independente e enviadas por e-mail. Os juízes responderam a um protocolo elaborado para fins desta pesquisa, contendo as seguintes questões: “Algum dos itens traduzidos (considerando as quatro traduções) pode ser considerado apto para ser incluído na versão traduzida?” e

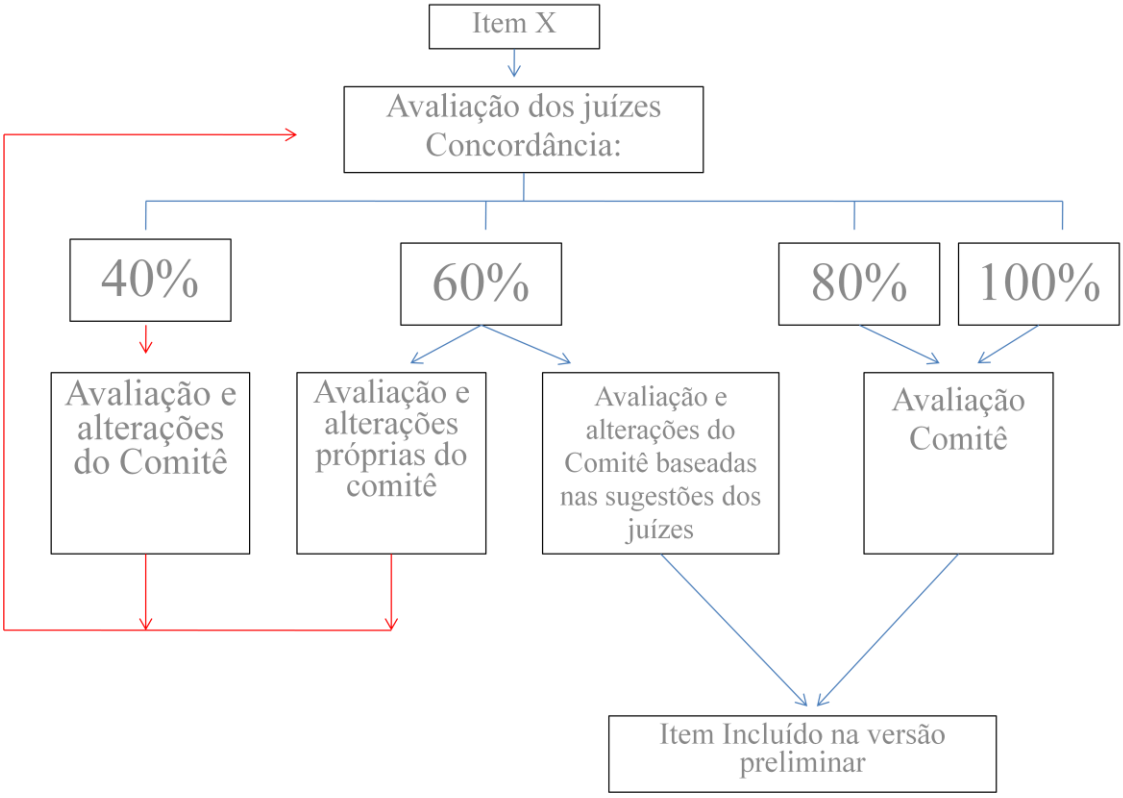
[2] Ainda que a discussão deste subcapítulo refira-se aos procedimentos de pesquisa, optou-se pela sua inclusão na seção de resultados, visando facilitar a compreensão dos dados e processo da adaptação do YPI.

“Qual dos itens traduzidos é mais adequado à Língua Portuguesa (falada no Brasil) e mantém o sentido da versão original?”

Posteriormente, as avaliações dos juízes foram analisadas por um comitê, tendo como objetivo elaborar a primeira versão traduzida do YPI. Esse comitê foi formado por três psicólogos com conhecimento em Inglês e avaliação psicológica, sendo um doutor, um especialista e outro mestrando (psicólogo responsável por esta pesquisa). Os itens cuja concordância tenha sido mínima foram modificados e, posteriormente, reavaliados pelos juízes. Essa etapa é necessária para que a versão preliminar possa ser consolidada.

Dessa forma, as traduções foram avaliadas por juízes (5 avaliações independentes) e por um comitê (3 profissionais em reunião). Caso houvesse concordância ao menos de quatro juízes (80% ou 100%, respectivamente) quanto as suas avaliações, o item era inserido na versão preliminar. Se apenas três juízes concordassem (60%) os itens deveriam ser reavaliados pelo comitê segundo os critérios: caso o comitê aderisse às sugestões de ajustes realizadas pelos juízes, o item era inserido na versão preliminar; caso o comitê realizasse alterações próprias (que não fossem baseadas nas sugestões dos juízes), os itens modificados deveriam ser reavaliados pelos juízes. Aqueles itens em que não houve concordância dos juízes também foram alterados pelo comitê e reavaliados pelos juízes. A Figura 2 resume esse processo.

Figura 2. Representação esquemática do processo de avaliação das traduções pelos juízes e comitê.



Após a consolidação da versão preliminar, um estudo piloto foi realizado para avaliar a linguagem adotada. Participaram desse estudo 17 trabalhadores de um shopping popular (com escolaridade fundamental e média) e três estudantes de nível superior. Os participantes tinham idades entre 14 e 35 anos, sendo 13 do sexo masculino e quatro do sexo feminino. A utilização de uma amostra com níveis de escolaridade distintos foi necessária para garantir a compreensão e a estética das frases. Segundo Pasquali (1999), por um lado, itens demasiadamente complicados poderiam ser de difícil compreensão para pessoas de escolaridade baixa. Por outro lado, itens demasiadamente simples poderiam ser ridicularizados por pessoas de escolaridade superior, comprometendo a validade dos resultados.

5.1.2 Análise das traduções do YPI

Verificou-se, primeiramente, a semelhança ou discordância entre a tradução de cada item. Apenas um item foi traduzido exatamente igual em todas as versões realizadas pelos quatro tradutores. Foram observados quarenta itens que apresentaram pequenas discordâncias (pequenas diferenças, normalmente, de concordância, por exemplo: “Amou-me, me tratou como alguém especial” e “Amava-me, me tratava como uma pessoa especial”). Outros dezoito itens apresentaram diferenças pequenas, todavia mais relacionadas ao uso de sinônimos (por exemplo: “Morreu ou deixou o lar permanentemente quando eu era a criança” e ‘Morreu ou abandonou a casa permanentemente quando eu era criança’). Alguns itens (dez) apresentaram incoerência mediana, também relacionada, normalmente, ao uso de sinônimos, mas com algumas alterações de significado (por exemplo: “Era temperamental, imprevisível ou alcoólatra” e “Foi mal-humorado, imprevisível ou alcoólatra”). Em três itens a incoerência semântica pôde ser considerada grave (por exemplo: “Deu-me pouca disciplina ou estrutura” e “Disciplinava-me muito pouco e não me dava estrutura familiar”). A Tabela 3 apresenta um resumo desses dados.

Tabela 3. Coerência semântica entre os itens traduzidos.

Coerência semântica	**Número de itens (%)**
Traduções iguais	1 (1,4%)
Pequenas discordâncias	40 (55,5%)
Pequenas discordâncias relacionadas ao uso de sinônimos	18 (25%)
Incoerência mediana relacionada ao uso de sinônimos	10 (13,9%)
Incoerência grave com mudança de sentido	3 (4,2%)

Para avaliar a concordância das traduções, esses dados foram reagrupados em itens coerentes (aqueles que apresentaram coerência total ou incoerência mínima, totalizando 59) e itens incoerentes (aqueles que apresentaram incoerência mais grave, totalizando 13). O teste qui-quadrado foi gerado, evidenciando que esses dois grupos (itens coerentes e itens incoerentes) apresentam diferenças não atribuídas a erros amostrais (χ^2 [1, N = 72] = 29,4, p < 0,01). Ou seja, as quatro traduções apresentaram diferenças semânticas pequenas, entre si, na maioria dos itens (82,9%).

A partir desses resultados foi possível sustentar a utilização das quatro traduções como base para consolidação da versão preliminar. Todavia alguns aspectos mereciam maior atenção. As incoerências graves, principalmente, necessitavam ser mais bem analisadas. E as pequenas discordâncias apontavam para a necessidade de uma padronização na tradução (por exemplo, utilizou-se ênclise em alguns itens traduzidos e, em outros, próclise).

5.1.3 Avaliação dos juízes e comitê

Para avaliar as traduções (principalmente suas discordâncias) cinco juízes foram consultados. Em 56 (77,8%) itens os juízes concordaram totalmente (100%) que as traduções estavam adequadas; e em quatorze (19,5%) itens, quatro juízes (80%) emitiram o mesmo parecer. Em apenas dois (2,8%) itens, três juízes concordaram que todas as traduções distorciam o sentido original da frase ou não estavam adequadas ao português. Por exemplo, o item 23, *I felt that I didn't have my own sense of direction while I was growing up because he/she was such a strong person,* foi traduzido como: A – “Senti que não tinha o meu próprio senso de orientação quando estava

crescendo porque ele /ela era uma pessoa tão forte.” B – “Eu senti que eu não tive meu próprio senso de direção durante meu crescimento porque ele/ela foi uma pessoa de presença marcante.” C – “Eu sentia que não tinha meu próprio senso de direção quando eu crescia porque ele/ela era uma pessoa tão forte.” D – “Como conseqüência da forte personalidade dele (a), eu sentia que tinha o meu próprio rumo traçado, enquanto crescia.”

Os itens, em sua maioria (97,8%), foram considerados pelos juízes como aptos a integrarem a versão preliminar. Esses resultados apontaram, de maneira geral, para a possibilidade da utilização das traduções. Todavia, além dos pequenos ajustes em grande pare dos itens, dois deles mereciam maior atenção. O Item 23, por exemplo, pareceu demasiadamente longo e de difícil compreensão. Sua readaptação foi necessária.

Foi solicitado aos juízes que também avaliassem qual seria a tradução mais adequada e se tinham alguma sugestão de modificação do item. Para análise dos dados, considerou-se os resultados de freqüência relativa da concordância. Caso os cinco juízes, por exemplo, concordassem quanto à melhor tradução de determinado item, assumiu-se o valor de 100% de concordância do item; caso quatro juízes, 80%, e assim por diante. A Tabela 4 apresenta os resultados de concordância dos juízes para os itens traduzidos.

Tabela 4. Concordância entre juízes sobre os melhores itens traduzidos.

	Freqüência de concordância	**Quantidade de itens (%)**
	100% (5 juízes)	9 (12,5%)
	80% (4 juízes)	14 (19,5%)
	60% (3 juízes)	35 (48,6%)
	40% (2 juízes)	12 (16,7%)
Total	-	70 (97,3%)

Os juízes concordaram (em 60%) que duas questões necessitavam ser mais bem traduzidas (esta informação não foi incluída na Tabela 4). Para tanto, os juízes sugeriram algumas alterações. Para o item (8) "*Had very high expectations for him/herself",* os três juízes que concordaram quanto à inadequação das traduções, teceram sugestões exatamente iguais: dever-se-ia traduzi-lo como 'Tinha expectativas muito altas para si mesmo (a)'. A posterior avaliação do comitê decidiu por acatar a sugestão dos juízes. As traduções do item (23) "*I felt that I didn't have my own sense of direction while I was growing up because he/she was such a strong person"* também foram consideradas, pelos juízes, como inadequadas. O comitê optou por reescrevê-lo da seguinte maneira: "Ele (ela) era autoritário e não deixava que eu tivesse um rumo próprio na vida'. Esta opção acarretou uma pequena alteração no item original, mas o tornou mais simples e compreensível. Esse tipo de modificação é apontada como possível e de decisão do pesquisador (Cassepp-Borges et al., no prelo; Hamblenton, 1996). Para a maioria dos demais itens, houve concordância entre os juízes. Ou seja, os pareceres de pelo menos três deles foram idênticos (ver Tabela 4).

As avaliações dos juízes foram analisadas e reavaliadas por um comitê. Foram incluídos na versão preliminar os itens cuja concordância entre juízes tenha sido superior a 60%. Pequenos ajustes, baseados nas sugestões dos juízes, foram realizados em alguns itens. A frase "Preferia meu(s) irmão(s) ou imã(s), a mim", por exemplo, foi alterada pelo comitê para "Preferia um dos meus irmãos a mim".

O comitê optou por realizar vinte e duas alterações que necessitavam ser reenviadas e reavaliadas pelos juízes. A Tabela 5 apresenta o tipo de alteração e a respectiva quantidade de modificações.

Tabela 5. Tipo de alteração realizada pelo comitê.

	Tipo de Item modificado	**Quantidade de itens modificados pelo comitê**
	Itens que necessitavam melhorar a tradução, segundo as avaliações dos juízes	2
	Itens sem concordância entre os juízes (40% de concordância)	13
	Itens modificados pelo comitê cuja concordância entre os juízes tenha sido de 60%	7
Total	-	22

A seguir, alguns exemplos de modificações realizadas pelo comitê. O item 55 (*Everything had to be on his/her terms*), por exemplo, foi modificado pelo comitê, pois os juízes não concordaram quanto à sua tradução. O comitê optou por traduzi-lo como “tudo tinha que ser feito do seu jeito”. O item 11 (*Treated me as if I was stupid or untalented*) mesmo tendo uma concordância entre os juízes de 60%, foi modificado pelo comitê. Na versão final (“Me tratava como se eu fosse burro”), suprimiu-se o termo “sem talento” e a palavra *stupid* (como “burro”) foi adaptada. O comitê realizou essa alteração por pensar que o termo “estúpido” não é tão preciso quanto “burro”.

Todas as alterações (vinte e duas) realizadas pelo comitê e citadas na Tabela 5 foram reenviadas aos juízes para serem avaliadas. Nessa etapa, um dos juízes não retornou o protocolo de análise. Sendo assim, foram consideradas as ponderações dos quatro juízes restantes. Na Tabela 6 são apresentados os resultados das avaliações.

Tabela 6. Concordância entre juízes sobre as adaptações realizadas pelo comitê.

	Freqüência de concordância	**Quantidade de itens (%)**
Concordância dos juízes com o comitê	100% (4 juízes)	15 (68,2%)
	75% (3 juízes)	5 (22,7%)
Discordância dos juízes com o comitê	75% (3 juízes)	2 (9,1%)
Total	-	22 (100%)

A maioria das alterações realizadas pelo comitê recebeu a anuência dos juízes (veja Tabela 6). Entretanto, três juízes discordaram da proposta do comitê sobre os itens 40 e 59. Esses foram reformulados pelo comitê a partir das sugestões dos juízes.

Após todas as adaptações dos juízes e do comitê, a versão preliminar do YPI foi consolidada. Um grupo de participantes ainda avaliou a facilidade de compreensão dos itens do YPI. Esse processo é descrito a seguir.

5.1.4 Compreensão dos itens

Após a consolidação da versão preliminar do YPI um estudo piloto foi realizado, que teve como objetivo avaliar a compreensão lingüística dos itens do YPI. Para tanto, 20 participantes responderam se a linguagem adotada em cada frase era de fácil compreensão e se havia alguma palavra que desconheciam. Aos participantes de Ensino Superior ainda foram solicitadas sugestões para melhorar a qualidade dos itens. A Tabela 7 descreve a quantidade de participantes que compreenderam os itens do inventário.

Tabela 7. Quantidade de participantes que compreenderam os itens do inventário (n=20).

Itens compreendidos por:	**Quantidade de itens (%)**
Todos os participantes	49 (68,1%)
19 participantes	14 (19,4%)
18 participantes	6 (8,3%)
17 participantes	2 (2,8%)
16 participantes	1 (1,4%)

Conforme o esperado, a maioria dos itens foi compreendida por todos os participantes. Entretanto, três itens foram apontados como de difícil entendimento por, no mínimo, três participantes. Ademais, seis itens não foram compreendidos por dois participantes. Somando os valores, teríamos nove itens com dificuldade mediana de compreensão.

Visando o respeito às análises dos juízes e comitê, optou-se por não adaptar os itens com dificuldade de compreensão. Todavia, para solucionar o problema, nove novos itens foram adicionados. Ou seja, os itens problemáticos foram reescritos em novas questões e os antigos foram mantidos. O item 65, ("Ele(a) era autoritário e não deixava que eu tivesse um rumo próprio na vida"),por exemplo, foi reescrito e uma versão semelhante, mais compreensível, foi adicionada (Item 57. "Me tratava como se as minhas opiniões ou os meus desejos não valessem nada")[3].

Portanto, a decisão de qual item (antigo ou reescrito) permaneceria na versão final do inventário foi reservada às análises posteriores à coleta de dados. Sendo assim, o YPI traduzido estava composto, nessa etapa, de 81

[3] Ao elaborarmos a versão final do inventário modificamos a ordem da apresentação dos itens, para manter separadas as questões semelhantes e as que pertenciam à mesma dimensão teórica. Isso explica motivo pelo qual o novo item possui uma numeração inferior (57) a seu correspondente antigo (65).

itens. Essa versão foi analisada quanto à validade de conteúdo por juízes-avaliadores. Esse processo é descrito a seguir.

5.2 Validade de Conteúdo

Autores sugerem que as análises da validade de conteúdo sejam realizadas após a adaptação de inventários e antes da validação empírica (Anastasi & Urbina, 2000; Haynes, Richard & Kubany, 1995; Pasquali, 1999, 2003). Esse processo é capaz de detectar problemas de ajustes remanescentes, bem como verificar se algum fator está sub ou superdimensionado.

Na presente pesquisa, seis juízes-avaliadores analisaram o conteúdo da versão preliminar do YPI quanto à sua clareza na linguagem, relevância do item e fator teórico mais adequado. Entretanto, um dos juízes não retornou a avaliação da relevância e o fator teórico mais adequado. Dessa forma, foram consideradas as análises de cinco juízes sobre esses dois últimos aspectos. Todos os juízes eram psicólogos especialistas na área de família e psicologia cognitiva. Três avaliadores tinham o título de doutor em psicologia, um doutorando, um mestre e um especialista.

A clareza na linguagem e relevância dos itens foram avaliadas através de um estala Likert de 5 pontos. Para a indicação do construto teórico mais adequado, os juízes receberam um material teórico de apoio e categorizaram cada item em apenas uma dimensão. A clareza na linguagem e a relevância foram analisadas através do Coeficiente de Validade de Conteúdo (CVC). A concordância dos juízes quanto ao construto teórico mais adequado foi avaliada através da média dos coeficientes *Kappa de Cohen.* A fórmula para o

cálculo de CVC encontra-se no Anexo E. Os resultados dos CVCs para a clareza na linguagem e a relevância teórica bem como as indicações dos construtos teóricos mais adequados são apresentam em uma Tabela, no Anexo F.

No que se refere à avaliação da clareza da linguagem, o índice CVC_{cl} da maioria dos itens foi superior a 0,8 [79 itens (92,6%)]. Esse resultado indica uma avaliação positiva dos juízes quanto à linguagem da maioria dos itens. Ademais, deve-se ressaltar que grande parte deles obtive índices superiores a 0,9 (75 itens).

Entretanto, dois itens (5 e 19) não obtiveram escores de CVC_{cl} satisfatórios ($CVC_{cl} < 0,8$). Na realidade, o escore CVC_{cl} para a clareza da linguagem do item 19 ($CVC_{cl} = 0,77$) pôde ser considerado limítrofe. Ainda assim, ele foi reformulado pelos pesquisadores, visando melhorar sua compreensão. Já o item 5 obteve um escore razoavelmente baixo ($CVC_{cl} = 0,57$), o que demonstrou a necessidade de modificações. Além disso, esse item já havia sido apontado, nas sugestões de alguns juízes e do comitê, como razoavelmente problemático. A dificuldade semântica do item parece estar na confusão entre os sujeitos que realizam e sofrem a ação. De fato, durante as aplicações empíricas, diversos participantes solicitaram esclarecimentos acerca de que pessoa a questão estaria referindo-se. Dessa forma, respeitando as análises anteriores, optou-se por reescrever o item, simplificando-o, em uma nova questão (número 82 do questionário). Assim, a decisão de qual item seria mantido na versão final do YPI foi reservada às análises posteriores a coleta empírica.

No que se refere à relevância teórica, oitenta itens obtiveram escores de CVC_{rt} igual ou superior a 0,8. Desses, mais da metade (45 itens) obtiveram índices superior a 0,9. Esses resultados indicam que a maior parte dos itens possui relevância e é pertinente para avaliação dos estilos parentais segundo o modelo teórico de Young.

Entretanto, o escore CVC_{rt} de relevância do item 66 foi baixo (0,56), indicando a impertinência da questão. O item em questão refere-se à possibilidade de morte ou abandono do lar de um dos pais na infância do respondente. Todavia, os participantes são instruídos, seguindo as orientações originais do inventário, a deixar a coluna apropriada em branco caso um dos pais tenha falecido ou não seja conhecido do respondente. Essas orientações poderiam respaldar as avaliações dos juízes quanto a não pertinência do item. Porém, outras configurações familiares permitiriam que o item fosse respondido adequadamente. Por exemplo, pais separados poderiam sair de casa definitivamente, mas continuarem visitando freqüentemente seus filhos. Nesse caso, o participante teria um relacionamento com o pai ou a mãe, permitindo sua avaliação completa de ambos os pais, mas responderia que um deles saiu de casa quando era criança. Assim, optou-se por manter o item na versão preliminar traduzida, considerando ainda o intuito de não descaracterizar o instrumento original antes das análises empíricas.

Os juízes também indicaram a dimensão teórica mais adequada para cada item. Os resultados indicaram que houve concordância total entre os juízes em apenas nove itens. Também houve concordância de quatro juízes (80%) em outros vinte e dois itens. Entretanto, em trinta e cinco itens houve concordância apenas mediana (60%), e outros quinze itens não houve

concordância alguma (40%). A média dos coeficientes *Kappa* para a concordância interna dos cinco juízes foi de 0,30 (todos os coeficientes apresentaram $p < 0,05$). Esse valor é considerado baixo, indicando uma pequena concordância.

Para as análises das associações entre as indicações fornecidas pelos juízes e as dimensões teoricamente propostas, consideraram-se apenas os 66 itens cuja concordância entre os juízes fora igual ou superior a 60%. Em cinqüenta e dois itens, as indicações dos juízes concordaram com as dimensões propostas pelo teste original, outras quatorze indicações não corresponderam à dimensão original. A média dos coeficientes *Kappa* para a concordância entre as indicações dos juízes e as dimensões originais foi de 0,51 (todos os coeficientes apresentaram $p < 0,05$), indicando uma concordância moderada.

No que se refere à indicação dos juízes quanto ao construto teórico mais adequado, os resultados são bastante limitados. A concordância interna e com o construto originalmente proposto foram baixa e moderada, respectivamente. Algumas hipóteses podem explicar tais resultados. Alguns juízes comentaram, em suas avaliações, a dificuldade em indicar o fator mais adequado, em razão da grande quantidade de itens e fatores, bem como da proximidade teórica entre os mesmos. Além disso, a teoria é bastante nova e ainda está em construção, o que dificulta a delimitação *a priori* dos construtos. Ademais, o estudo de Sheffield et al. (2005) – único de validação empírica do YPI realizado até o momento – encontrou fatores distintos dos originalmente propostos. Considerando esses aspectos, optou-se por não realizar novas

modificações na versão preliminar do YPI, reservando às análises fatoriais a confirmação dos construtos mais adequados.

5.3 Resultados sócio-demográficos da pesquisa de campo

Após os ajustes e a análise de conteúdo, os questionários foram aplicados numa amostra de 920 estudantes brasileiros do Ensino Médio e Superior (59,3% do sexo feminino). Os participantes tinham idades entre 14 e 69 anos (M = 21,3; DP = 6,1). A Tabela 8 apresenta os demais resultados descritivos sócio-demográficos.

Tabela 8. Estatísticas descritivas – variáveis sócio-demográficas.

Variável	**Grupo**	**n (%)**	$\overline{X}$ **(DP)**	**Mediana**
Estado civil	Casado	52 (5,7)		
	Separado	6 (0,7)		
	Solteiro	594 (64,6)		
	Viúvo	1 (0,1)		
Renda familiar (n=435)			4286,3 (4621,6)	3000,0
Escolaridade	Ens. Médio	263 (28,6)		
	Ens. Superior	653 (71,1)	-	
Área do conhecimento	Econômicas e Administrativas	120 (13)		
	Ciências Humanas e Letras	255 (27,7)		
	Saúde	14 (1,5)		
	Exatas	10 (1,1)		
	Engenharias	123 (13,4)		
	Ens. Med. Técnico	115 (12,5)	-	
Mora com alguém?	Sozinho	27 (2,9)		
	Marido/ esposa	55 (6,1)		
	Filhos	2 (0,2)		
	Pai	13 (1,4)		
	Mãe	138 (15,1)		
	Pai e mãe	318 (34,6)		
	Amigo/colega	51 (5,5)		
	Avós	10 (1,1)		
	Outras pessoas da família	41 (4,5)	-	

A Tabela 8 elucida que a maior parte da amostra estudada foi composta por participantes solteiros, com escolaridade superior, das áreas de ciências humanas e letras e que moravam com ambos os pais. Esses dados não podem ser considerados representativos da população brasileira e introduzem vieses no estudo. Ou seja, a amostra de participantes jovens, do Ensino Superior e com renda relativamente alta não abarcam toda a variabilidade das relações familiares.

A variável renda familiar causa surpresa pelo alto valor de média. Entretanto, é importante ressaltar que o desvio-padrão também é alto, da mesma forma que o número de participantes que não responderam a tal questão (*missing* de aproximadamente 500 participantes). Assim, a renda média indicada pode não ser representativa sequer da amostra utilizada, mas refletir as condições econômicas de um grupo pequeno. Além disso, alguns participantes afirmaram que sua renda familiar era inferior a R$ 500,00.

Tais resultados eram esperados uma vez que se optou pela pesquisa com uma amostra de estudantes. Mesmo que esses dados não sejam representativos da população brasileira, a coleta em diferentes regiões do Brasil, com estudantes de diferentes níveis escolaridade e áreas de estudo podem respaldar uma relativa variabilidade dos dados. Ademais a amostra utilizada, ainda que apresente alguns problemas, pode ser considerada adequada aos objetivos de adaptação e validação preliminar do YPI.

Além dos dados sócio-demográficos, algumas variáveis concernentes aos aspectos familiares foram consideradas. Para tanto, os participantes classificaram seu relacionamento, durante a infância e atual, com os pais, utilizando uma escala de 1 a 10. Eles também indicaram a freqüência de

encontro com os pais. Finalmente, os participantes avaliaram seu relacionamento com o companheiro ou namorado. As estatísticas descritivas desses dados são apresentadas na Tabela 9.

Tabela 9. Estatísticas descritivas – variáveis familiares.

Variável	**Grupo**	**n (%)**	$\overline{X}$ **(DP)**	**Mediana**
Relacionamento durante a infância	com o pai (n=471)	-	7,26 (2,49)	8
	com a mãe (n=470)	-	8,34 (1,81)	9
Relacionamento atual	com o pai (n=595)	-	7,39 (2,59)	8
	com a mãe (n=639)	-	8,63 (1,67)	9
Freqüência de encontro com o pai	raramente	51 (5,5)		
	1 a 6 vezes ao ano	42 (4,6)		
	todos os meses	64 (7,1)		
	semanal ou quinzenalmente	64 (7,1)		
	todos ou quase todos os dias	353 (38,4)		
Freqüência de encontro com a mãe	raramente	3 (0,3)		
	1 a 6 vezes ao ano	31 (3,4)		
	todos os meses	54 (5,9)		
	semanal ou quinzenalmente	40 (4,3)		
	todos ou quase todos os dias	465 (50,5)		
Relacionamento atual com o companheiro (a) (n=333)		-	8,47 (1,62)	9

Os valores nominais das médias do relacionamento do participante com seus pais são relativamente altas, considerando a possibilidade de variação de 1 a 10 pontos. Os resultados ainda indicam uma pequena variação positiva entre os valores atribuídos à infância e aos atuais. Essa pequena diferença é estatisticamente significativa e não pode ser atribuída ao erro amostral (para o pai $t_{[426]}$= -3,21, p = 0,001; para a mãe $t_{[456]}$= -4,22, p < 0,001). Entretanto, os valores nominais das diferenças (0,13 para o pai; e 0,29 para a

mãe) são relativamente pequenos e sem relevância prática. Ou seja, ainda que existam diferenças estatisticamente significativas, elas são muito baixas para respaldar a hipótese de mudanças na avaliação dos relacionamentos durante a infância e atuais. Os baixos valores de *p* ainda podem ser atribuídos, hipoteticamente, ao razoável número de participantes, considerando a sensibilidade dos testes estatísticos aos altos valores de n (Dancey & Reidy, 2006; Hair, Anderson, Tatham & Black, 2005).

Os participantes ainda avaliaram mais positivamente os relacionamentos com as mães, se comparados aos pais. Esses dados, apresentados na Tabela 9, referem-se tanto às avaliações sobre a infância quanto às atuais. As diferenças encontradas são estatisticamente significativas (para o relacionamento na infância $t_{[462]}$= -9,34, p < 0,001; para o relacionamento atual $t_{[585]}$= -11,38, p < 0,001). A magnitude dessa diferença parece ser relevante (para o relacionamento na infância = -1,08; para o relacionamento atual = -1,24). Ou seja, na avaliação dos participantes, o relacionamento com a mãe parece ser melhor do que aquele com o pai. Uma hipótese explicativa para tal diferença pode ser atribuída à cultura brasileira e aos papéis paternos e maternos. O primeiro seria visto mais como provedor e não tão próximo afetivamente, e o segundo seria mais encarregado dos cuidados com os filhos e mais próximo afetivamente. O estudo de Freitas et al. (2009) pode respaldar essa interpretação. Os autores encontraram participantes que concebiam a paternidade como um encargo social, vinculada à provisão material da família. Ressalta-se, todavia, que mais de 60% dos participantes eram do sexo feminino, o que poderia enviesar tais avaliações no sentido do resultado encontrado.

No que se refere à freqüência de encontro com os pais, a maioria dos participantes afirmou que se encontra todos os dias ou quase todos os dias com ambos os pais. Esse dado pode ser atribuído à amostra de estudantes, sendo a maioria solteira e que reside com os pais.

Os resultados relativos à freqüência rara de encontros com os pais também precisam ser ressaltados. A freqüência rara de encontros ocorreu mais com os pais do sexo masculino (cinqüenta e um participantes), se comparado às mães (três participantes). Buscou-se averiguar também se tais resultados estavam associados às avaliações dos relacionamentos com os pais. Para tanto, dois testes de análise univariada da variância foram conduzidos. As variáveis relacionamento com o pai e relacionamento com a mãe foram consideradas como dependentes e a freqüência de encontros com o pai e com a mãe, como variáveis independentes. O teste de Levene para a variável relacionamento com o pai apresentou valor de $p = 0{,}32$ ($F_{[22,\ 516]} = 1{,}12$), indicando que a hipótese de homogeneidade da variância não pode ser abandonada, o que respalda a utilização da ANOVA univariada. Entretanto, para a variável relacionamento com a mãe o teste de Levene apresentou valor de $p < 0{,}01$ ($F_{[22,\ 520]} = 3{,}44$). Esse valor indica a necessidade de cuidados na interpretação dos dados relacionados a essa variável dependente. Os resultados da interação entre variáveis dependentes e independentes são apresentados na Tabela 10.

Tabela 10. Análise do efeito da interação entre freqüência de encontro com os pais e a avaliação do relacionamento atual com os pais.

Variável dependente	Variáveis independentes	Soma dos quadrados	F	gl	*p*	Poder observ.
relacionamento atual com o pai (n=539)	Freq. Encontro PAI	193,62	10,949	4	0,00	1,00
	Freq. Encontro MÃE	18,57	1,050	4	0,38	0,33
	Interação freq. Encont. MÃE e PAI	102,66	1,659	14	0,06	0,90
relacionamento atual com a mãe (n=543)	Freq. Encontro PAI	24,21	2,311	4	0,06	0,67
	Freq. Encontro MÃE	63,15	6,028	4	0,00	0,99
	Interação freq. Encont. MÃE e PAI	100,04	2,728	14	0,00	0,99

Os resultados apresentados na Tabela 10 demonstram que a freqüência de encontro com pai exerceu influência na avaliação do relacionamento atual com pai ($p < 0,01$), assim como a freqüência de encontro com a mãe associou-se com o relacionamento atual com a mãe ($p < 0,01$). Se consideradas simultaneamente, as variáveis freqüência de encontro com a mãe e com o pai associaram-se ao relacionamento atual com a mãe ($p = 0,001$), mas não com o relacionamento com o pai ($p = 0,06$). Não obstante, esse último valor é limítrofe e apenas uma análise extremamente rigorosa o desconsideraria. Ou seja, de maneira geral, é possível afirmar que a freqüência de encontro com os pais está associada às avaliações dos relacionamentos.

Testes Post Hoc de LSD e Bonferroni também foram conduzidos. As tabelas de tais resultados não foram disponibilizadas em razão do seu tamanho. Entretanto, foi possível verificar que as médias das avaliações dos relacionamentos foram inferiores para aqueles participantes cuja freqüência de encontro com os pais tenha sido rara. Das oito associações possíveis (quatro

para o pai e quatro para a mãe), apenas uma apresentou valor de $p > 0,01$ (freqüência rara x semanal – para o relacionamento com a mãe). As maiores diferenças foram encontradas nas médias das avaliações dos relacionamentos com o pai (sexo masculino). Essas diferenças variaram de 4,9 a 5,8 pontos entre os participantes que se encontravam raramente com o pai e os demais participantes (todas as diferenças são estatisticamente significativas – $p < 0,001$). Em resumo, as pessoas que se encontravam muito raramente com o pai apresentaram uma tendência a avaliar menos positivamente seus relacionamentos atuais com esse pai, confirmando a associação entre essas variáveis.

5.4 Análise fatorial preliminar – escolha dos itens repetidos

Após a coleta de dados, os dados referentes à validação de construto do YPI foram explorados. Entretanto, antes das análises fatoriais, foi preciso escolher os 10 melhores itens reescritos (incluídos durante o processo de tradução e validação de conteúdo)[4] e excluir, preliminarmente, 10 itens. Dessa forma, o inventário voltaria a ter 72 itens, conforme a versão original. Ou seja, era preciso escolher pela permanência dos itens 4, 5, 6, 16, 23, 28, 41, 61, 65 e 71 (originais), ou pelos itens 9, 20, 24, 44, 46, 52, 57, 78, 81 e 82 (reescritos).

Durante o processo de coleta de dados, muitos participantes afirmaram não entender e solicitaram ajuda para responderem às questões 5 e 61 (respectivamente, “Eu sentia que ficaríamos magoados se um de nós fosse embora”; e “Era uma pessoa medrosa ou tinha fobias”). O item 5 já havia sido avaliado pelos juízes como de baixa clareza na linguagem ($CVC_{Cl} = 0,57$). Além

[4] Para maiores detalhes veja os sub capítulos análise das traduções do YPI, compreensão dos itens e análise de conteúdo

disso, os juízes não concordaram quanto à indicação do seu construto mais adequado (veja Tabela no Anexo F). O item 61, por sua vez, apresentou problemas, desde o início da pesquisa, no que se refere à compreensão da palavra “fobias”. Assim, os itens 5 e 61 foram preliminarmente excluídos. Os itens reescritos 82 (“Ficaríamos magoados se nos separássemos”) e 9 (“Era uma pessoa medrosa ou tinha fobias [por exemplo, medo exagerado de animais coisas ou lugares]”) foram mantidos, substituindo os antigos itens 5 e 61.

Análises fatoriais foram conduzidas no intuito de auxiliar o processo de escolha dos demais oito itens. Utilizou-se o método dos componentes principais. Considerando os objetivos de análises fatoriais preliminares, os itens foram agrupados e avaliados em seus respectivos fatores originais (teoricamente propostos). As cargas fatoriais foram avaliadas em fatores únicos. As consistências internas dos fatores também foram avaliadas através do Alfa de Cronbach. Em suma, os oito itens com maiores cargas fatoriais e maior contribuição para a consistência interna seriam mantidos no YPI. Os resultados dessas análises são apresentados na Tabela 11.

Tabela 11. Análises fatoriais preliminares e consistência interna dos itens originais e reescritos.

Itens		Análise fatorial				Consistência interna	
		KMO	Bartlett (X^2) ***	% da variância	Carga fatorial	α	α_{del}
Mãe	06*	0,77	3107,46	20,31	0,418	0,71	0,68
	46**	0,76	3464,88	20,35	0,549	0,71	0,68
Pai	06*	0,80	3216,67	19,97	0,701	0,69	0,66
	46**	0,78	3597,46	20,64	0,779	0,70	0,66
Mãe	28*	0,77	3107,46	20,31	0,525	0,71	0,67
	78**	0,76	3464,88	20,35	0,584	0,71	0,67
Pai	28*	0,80	3216,67	19,97	0,711	0,69	0,66
	78**	0,78	3597,46	20,64	0,778	0,70	0,66
Mãe	23*	0,76	3597,86	20,12	0,440	0,71	0,69
	52**	0,76	3724,36	20,20	0,518	0,70	0,69
Pai	23*	0,79	3624,20	20,77	0,186	0,70	0,68
	52**	0,79	3796,59	20,72	0,169	0,70	0,68
Mãe	04*	0,80	1721,37	20,36	0,452	0,66	0,62
	24**	0,80	1831,56	21,34	0,564	0,67	0,62
Pai	04*	0,79	1906,51	27,04	0,478	0,67	0,63
	24**	0,79	2028,56	28,17	0,620	0,68	0,63
Mãe	41*	0,80	1721,37	20,37	0,481	0,66	0,63
	81**	0,80	1733,75	20,46	0,492	0,68	0,63
Pai	41*	0,79	1906,51	27,04	0,606	0,67	0,63
	81**	0,79	1894,24	26,93	0,595	0,68	0,63
Mãe	65*	0,80	1721,37	20,37	0,663	0,66	0,62
	57**	0,79	1667,30	19,81	0,611	0,65	0,62
Pai	65*	0,79	1906,51	27,03	0,738	0,67	0,63
	57**	0,78	1865,25	26,58	0,703	0,66	0,63
Mãe	16*	0,87	3877,15	20,70	0,572	0,80	0,78
	20**	0,87	3853,81	20,66	0,564	0,80	0,78
Pai	16*	0,88	4741,36	27,11	0,597	0,83	0,82
	20**	0,88	4779,25	27,09	0,594	0,83	0,82
Mãe	71*	0,67	711,06	17,05	0,546	0,49	0,42
	44**	0,64	671,99	15,88	0,443	0,46	0,42
Pai	71*	0,68	812,10	27,43	0,689	0,47	0,39
	44**	0,66	758,59	26,51	0,629	0,44	0,39

Notas. * item original; ** item reescrito; *** todos valores de Qui-quadrado apresentados para teste de esfericidade de Bartlett foram estatisticamente significativos ($p < 0,001$);
α Alfa de Cronbach;
α_{del} Alfa de Cronbach se o item fosse deletado.

Os resultados apresentados na Tabela 11, de maneira geral, demonstraram que a maioria dos itens originais e dos reescritos não diferiu drasticamente quanto às suas cargas fatoriais. A porcentagem da variância

explicada pelo fator também não apresentou grande mudança quando o item original foi substituído pelo reescrito. Além disso, os índices Alfa de Cronbach sofreram alterações mínimas com as substituições. Esses resultados indicam que para a maioria dos itens, desta análise, sua substituição não respaldaria modificações drásticas dos construtos em questão.

Contudo, algumas substituições incorreram em consideráveis mudanças no construto. Na substituição do item 4 pelo 24, por exemplo, ocorreu um aumento em mais de 0,1 ponto em sua carga fatorial, tanto para a análise paterna quanto materna. Quando inserido o item 44 e excluído o seu original (item 71), as cargas fatoriais sofreram um decréscimo de 0,1 e 0,06 para as análises maternas e paternas, respectivamente.

Considerando esses resultados, para a exclusão preliminar dos oito itens, os seguintes critérios foram utilizados. O item reescrito foi mantido (e o original excluído), caso a substituição tenha incorrido em acréscimo de no mínimo 0,06 pontos nas cargas fatoriais (para ambas as análises paternas e maternas), acompanhada de aumento na explicação da variância. Nos demais casos o item original foi mantido. Dessa forma, foram mantidos os itens 46, 78, 23, 24, 41, 65, 16 e 71; os itens 6, 28, 52, 4, 81,57, 20 e 44 foram excluídos.

5.5 Análise de construto e consistência interna

Os aspectos referentes ao processo de validação de construto fe consistência interna serão discutidos a seguir.

5.5.1 Análises fatoriais exploratórias e consistência interna

Primeiramente, verificou-se a fatorabilidade da matriz dos itens do YPI. Para tanto, dois indicadores KMO (Kaiser-Meyer-Olkin) e o Teste de Esfericidade de Bartlett foram analisados. O KMO avalia as correlações parciais dos itens. Para a matriz fatorial ser viável é aconselhado que seu índice seja igual ou superior a 0,80. Por sua vez, o Teste de Esfericidade de Bartlett testa a hipótese (nula) da matriz de covariância configurar-se como uma matriz identidade (Hair et al., 2005; Pasquali, Laros & Figueiredo, 2009), o que impossibilitaria a utilização dessa análise

Os resultados obtidos apóiam a utilização da análise fatorial nessa escala, uma vez que o *KMO* das análises iniciais para a escala materna e paterna foram de 0,93 e 0,94, respectivamente. Além disso, o Teste de Esfericidade de Bartlett permitiu rejeitar a hipótese da matriz ser identidade, para ambas as escalas (materna, $\chi^2_{[2556]} = 25298{,}07$, $p < 0{,}001$; e paterna $\chi^2_{[2556]} = 27209{,}18$, $p < 0{,}001$).

Observados os critérios de fatorabilidade da matriz do YPI, análises fatoriais dos componentes principais (PC) foram conduzidas utilizando a rotação oblíqua *oblimin*[5]. Para a extração dos fatores, a teoria original do YPI foi considerada. Pasquali et al. (2009) salientam que tal decisão é adequada e deveria ser estimulada, ainda que existam outros métodos. Dessa forma, as análises subseqüentes foram realizadas a partir das cinco dimensões de estilos parentais propostas por Jeffrey Young (Young et al., 2003), autor do inventário original.

[5] Análises de máxima verossimilhança e eixos principais também foram conduzidas, utilizando rotações *varimax* e *oblimin*. Todavia seus resultados não foram tão satisfatórios e coerentes com a teoria se comparadas às análises de componentes principais.

Antes das análises finais, alguns itens foram excluídos, considerando a adequação da matriz fatorial e os aspectos teóricos do referido inventário. Para tanto, os seguintes critérios foram utilizados: *(1)* saturação fatorial inferior a 0,3; *(2)* comunalidades inferiores a 0,25; *(3)* saturação em diferentes dimensões para as escalas paterna e materna; *(4)* saturação superior a 0,3 em mais de dois fatores, acompanhada de significativa redução do Alfa de Cronbach (diferença > 0,08). Com o emprego desses critérios, não rigorosos, buscou-se encontrar uma solução fatorial adequada aos dados e que não descaracterizasse drasticamente a estrutura original do inventário e seu modelo teórico. Todavia, 23 itens foram excluídos, segundo os critérios mencionados. Esses foram desconsiderados nas análises subseqüentes.

Dessa forma, as análises finais foram realizadas, também utilizando o método dos componentes principais, rotação *oblimin* e extração de cinco fatores de primeira ordem. Os índices de KMO e o Teste de Esfericidade de Bartlett respaldaram a fatorabilidade da matriz dos itens do YPI para a escala materna (KMO = 0,93; e $\chi^2_{[1176]} = 17717{,}98$, $p < 0{,}001$). A variância total explicada pelos cinco fatores da escala materna foi de 45,12%. A estrutura fatorial dessa escala é apresenta na Tabela 12. A escala paterna também apresentou índices de fatorabilidade adequados (KMO = 0,93 e $\chi^2_{[1176]} = 18969{,}56$, $p < 0{,}001$). A variância total explicada pelos cinco fatores da escala paterna foi de 47,59%. A estrutura fatorial dessa escala é apresenta na Tabela 13.

Tabela 12. Estrutura fatorial do Inventário de Estilos Parentais de Young (YPI) – escala materna (n = 913).

	Cargas fatoriais							
Item	**I**	**II**	**III**	**IV**	**V**	h^2	r_{it}	α_{del}
31	**0,76**					0,48	0,46	0,89
50	**0,68**					0,43	0,46	0,89
36	**0,63**					0,43	0,47	0,89
80	**0,63**					0,43	0,55	0,89
38	**0,62**					0,53	0,66	0,88
15	**0,57**	-0,33				0,57	0,66	0,88
11	**0,55**					0,39	0,58	0,89
29	**0,54**					0,45	0,61	0,89
34	**0,53**					0,50	0,65	0,88
21	**0,53**					0,39	0,53	0,89
32	**0,52**					0,41	0,52	0,88
73	**0,43**					0,34	0,44	0,89
49	**0,40**		-0,37			0,56	0,65	0,88
65	**0,38**					0,50	0,64	0,89
63	**0,35**					0,31	0,47	0,89
16	**0,35**		-0,34			0,50	0,56	0,89
23	**0,34**					0,31	0,48	0,89
26	**0,32**					0,27	0,46	0,89
58		**0,78**				0,65	0,72	0,82
43		**0,72**				0,60	0,67	0,82
02		**0,68**				0,59	0,67	0,83
01		**0,59**				0,55	0,64	0,83
30		**0,59**				0,36	0,44	0,85
07		**0,58**				0,47	0,53	0,84
77		**0,58**				0,54	0,63	0,83
18		**-0,58**				0,37	0,51	0,84
37		**-0,38**				0,33	0,43	0,85
39			**-0,78**			0,65	0,68	0,80
55			**-0,78**			0,66	0,70	0,80
35			**-0,76**			0,56	0,63	0,80
54			**-0,68**			0,48	0,59	0,81
13			**-0,61**			0,46	0,56	0,81
25			**-0,61**			0,39	0,48	0,82
27			**-0,55**			0,30	0,43	0,82
24			**-0,48**			0,32	0,45	0,82
59			**-0,43**			0,25	0,33	0,83
03		0,33	**-0,40**			0,30	0,31	0,83
41			**-0,39**			0,25	0,37	0,83
64				**0,76**		0,63	0,66	0,71
78				**0,75**		0,63	0,56	0,73
46				**0,72**		0,62	0,58	0,73
60				**0,65**		0,44	0,49	0,76
48				**0,61**		0,47	0,45	0,77
70				**0,53**		0,42	0,39	0,78
69					**0,68**	0,50	0,40	0,63
40					**0,55**	0,43	0,47	0,59
71					**0,45**	0,36	0,43	0,61
68					**0,42**	0,36	0,36	0,64
56					**0,42**	0,40	0,45	0,60
Eigenvalue	11,19	1,88	2,79	4,75	1,50			
% variância	22,83	3,85	5,69	9,70	3,06			
Alfa de Cronbach (α)	0,89	0,85	0,83	0,78	0,66			

Notas. h^2 = Comunalidade; r_{it} = Correlação item-total; α_{del} = Alfa de Cronbach se o item fosse deletado.
Em negrito, as cargas fatoriais considerados para a interpretação do fator.

Tabela 13. Estrutura fatorial do Inventário de Estilos Parentais de Young (YPI) – escala paterna (n = 878).

	Cargas fatoriais							
Item	**I**	**II**	**III**	**IV**	**V**	h^2	r_{it}	α_{del}
31	**0,72**					0,43	0,48	0,90
50	**0,70**					0,44	0,52	0,90
11	**0,70**					0,53	0,66	0,90
29	**0,67**					0,50	0,64	0,90
38	**0,65**					0,55	0,68	0,90
36	**0,61**					0,35	0,47	0,90
80	**0,61**					0,45	0,59	0,90
21	**0,59**					0,45	0,59	0,90
49	**0,58**					0,55	0,67	0,89
34	**0,57**					0,48	0,63	0,90
15	**0,53**					0,53	0,62	0,90
16	**0,45**					0,48	0,62	0,90
65	**0,45**					0,55	0,67	0,89
23	**0,41**					0,32	0,45	0,90
32	**0,41**				0,37	0,40	0,45	0,90
73	**0,39**					0,28	0,42	0,90
26	**0,38**					0,31	0,48	0,90
63	**0,30**					0,33	0,48	0,90
58		**0,80**				0,65	0,73	0,85
43		**0,74**				0,65	0,73	0,85
02		**0,67**				0,63	0,72	0,85
18		**-0,62**	-0,31			0,49	0,54	0,87
77		**0,61**				0,59	0,68	0,86
30		**0,61**				0,43	0,51	0,87
07		**0,60**				0,49	0,55	0,87
01		**0,59**				0,57	0,66	0,86
37		**-0,44**	-0,37			0,43	0,46	0,88
39			**-0,77**			0,69	0,73	0,83
55			**-0,75**			0,68	0,72	0,83
35			**-0,73**			0,59	0,68	0,83
54			**-0,70**			0,52	0,63	0,83
59		0,34	**-0,60**			0,45	0,45	0,85
13			**-0,59**			0,50	0,59	0,84
03		0,39	**-0,54**			0,41	0,37	0,85
41			**-0,53**		0,31	0,38	0,42	0,85
27			**-0,50**			0,30	0,45	0,85
25			**-0,49**			0,30	0,48	0,85
24			**-0,36**			0,30	0,43	0,85
64				**0,80**		0,67	0,68	0,72
78				**0,72**		0,61	0,62	0,73
46				**0,69**		0,61	0,61	0,74
48				**0,66**		0,47	0,44	0,78
60				**0,60**		0,42	0,50	0,76
70				**0,59**		0,39	0,37	0,79
69					**0,68**	0,46	0,46	0,67
40					**0,61**	0,47	0,52	0,64
71					**0,59**	0,45	0,48	0,66
68					**0,57**	0,42	0,42	0,69
56					**0,49**	0,55	0,48	0,66
Eigenvalue	11,31	5,69	2,65	2,11	1,57			
% variância	23,08	11,61	5,41	4,3	3,2			
Alfa de Cronbach (α)	0,90	0,88	0,85	0,79	0,71			

Notas. h^2 = Comunalidade; r_{it} = Correlação item-total; α_{del} = Alfa de Cronbach se o item fosse deletado.
Em negrito, as cargas fatoriais considerados para a interpretação do fator.

Como pode ser observado nas Tabelas 12 e 13, a estrutura de cinco fatores mostrou-se razoavelmente adequada às escalas materna e paterna do YPI. Os *eigenvalues* foram superiores a 1,0, para ambas as escalas. Além disso, cada dimensão explicou, ao menos, 3,2% da variância. Ademais, as correlações item-total apresentaram valores superiores a 0,3, indicando associação adequada dos itens com o instrumento total.

Entretanto, as comunalidades de alguns itens foram inferiores a 0,3. Para a escala materna, os itens 11 (“Me tratava como se eu fosse burro”) e 26 (“Era uma pessoa pessimista, geralmente esperava o pior”) apresentaram índices abaixo do esperado (h^2 = 0,25 e 0,27, respectivamente. Para a escala paterna, os itens 26, 41 e 59 (“Valorizava muito o sucesso e a competição”) apresentaram comunalidades baixas (h^2 = 0,27; 0,25 e 0,25, respectivamente). Esses valores indicam que a variância compartilhada entre os itens indicados e todos os demais é pequena. Mesmo assim, esses itens foram mantidos na versão final do YPI, considerando as adequadas correlações item-total, saturações fatoriais e relevância teórica dos mesmos.

Finalmente, a consistência interna do inventário foi avaliada. Os coeficientes Alfa de Cronbach variaram de 0,66 a 089, para a escala materna, e de 0,71 a 0,90, para a escala paterna. Apenas o Fator V da escala materna pôde ser considerado de consistência interna baixa (α = 0,66). Além disso, os Fatores I, II e III, de ambas as escalas, apresentaram coeficientes superiores a 0,8, indicando boa consistência interna. Esses resultados respaldam a fidedignidade razoavelmente adequada do YPI, indicando que a maior parte das variações dos escores individuais refere-se às variações verdadeiras e não a erros (Pasquali, 2003).

5.5.2 Correlações entre os fatores

Para verificação das correlações entre os fatores extraídos, procederam-se análises de correlações de Pearson. Na Tabela 14, são apresentados os resultados de tais associações.

Tabela 14. Correlações entre os fatores do Inventário de Estilos Parentais de Young (YPI) para a escala materna (n=917) e paterna (n=878).

	Fator I	**Fator II**	**Fator III**	**Fator IV**	**Fator V**
Fator I	-	*-0,52***	*0,53***	*-0,02*	*0,43***
Fator II	**-0,57****	-	*-0,18***	*0,35***	*-0,46***
Fator III	**0,54****	**-0,24****	-	*0,22***	*0,06*
Fator IV	**0,08***	**0,23****	**0,25****	-	*-0,12***
Fator V	**0,50****	**-0,43****	**0,14****	**0,003**	-

Notas. * correlação significativa, $p < 0,05$; ** correlação significativa, $p < 0,01$;
Em negrito, na parte inferior da Tabela são apresentadas as correlações para a escala materna;
Em itálico, na parte superior da Tabela, são apresentadas as correlações para a escala paterna.

A maioria das correlações apresentadas na Tabela 14 é estatisticamente significativa. Para ambas as escalas, as correlações entre os Fatores I, II e III foram moderadas, bem como entre os Fatores I e V. Esses resultados eram esperados, uma vez que seus conteúdos possuíam algumas semelhanças. Por exemplo, as idéias de defectividade e abandono, presentes no Fator I, são negadas pelo conteúdo de afeto e carinho, presente no Fator II. Isso pode justificar a relação moderada e negativa entre essas duas dimensões. Entretanto, os Fatores I e IV apresentaram correlações muito baixas para ambas as escalas, indicando que são duas dimensões razoavelmente independentes.

Finalmente, as correlações encontradas também respaldam a utilização da rotação *oblimin* nas análises fatoriais exploratórias. Tal tipo de

rotação supõe que os fatores mantém associações entre si (Hair et al., 2005; Pasquali et al., 2009).

5.5.3 Análises fatoriais confirmatórias

Após as análises exploratórias, duas análises fatoriais confirmatórias – uma para a escala materna e outra para a paterna – foram realizadas, com o auxílio do programa informatizado Lisrel (versão 8.8). Para a confecção do modelo, foram utilizados os quarenta e nove itens do YPI (variáveis observadas), bem com os cinco fatores (variáveis latentes) propostos pelas análises fatoriais exploratórias. Para ajuste do modelo, foram considerados os seguintes indicadores (Hair et al., 2005; Joreskög & Sörbom, 1989; Pasquali et al., 2009): *(1)* χ^2/gl, sendo aceito índices abaixo de 5. *(2)* Índices *Goodness-of-Fit Index* (GFI) e *Adjusted Goodness-of-Fit Index* (AGFI), que são indicadores da variância explicada pelo modelo. Estes índices variam de 0 a 1, sendo recomendado valores superiores a 0,9 (entretanto, valores acima de 0,8 podem ser considerados aceitáveis). *(3) Root Mean Square Error Approximation* (RMSEA), considerado um indicador do não ajuste do modelo, é aconselhado valores próximos a 0. Índices inferiores a 0,10 são aceitáveis, sendo que abaixo de 0,05 o modelo pode ser considerado bem ajustado.

De maneira geral, o modelo teórico ajustou-se aos dados, apresentando índices razoáveis: para a escala materna, $\chi^2_{[1117]} = 5402{,}48$, $p < 0{,}001$, χ^2/gl = 4,84, com GFI = 0,81, AGFI = 0,79 e RMSEA = 0,07; para a escala paterna $\chi^2_{[1117]} = 5697{,}25$ $p < 0{,}001$, χ^2/gl = 5,1, com GFI = 0,79, AGFI = 0,77 e RMSEA = 0,07. Entretanto, o modelo não pode ser considerado ótimo. A razão χ^2/gl, para a escala paterna, apresentou resultado acima do esperado

(máximo de 5,0). Além disso, os índices de GFI e AGFI foram apenas razoáveis.

Sendo assim, uma segunda análise fatorial confirmatória foi conduzida. Para tanto, os índices de modificação do modelo foram analisados. Segundo tais análises, a permissão de cálculos de covariâncias entre os erros de três pares de itens poderia diminuir o valor do χ^2 e melhorar os indicadores de ajuste do modelo. Dessa forma, as associações entre os erros dos itens 46-78, 01-02, 26-63 foram acrescentadas ao modelo (veja Figura 2 e 3). Para ambas as escalas, os índices apresentaram uma relativa melhora: para a escala materna, $\chi^2_{[1114]} = 4636{,}38$ $p < 0{,}001$, $\chi^2/gl = 4{,}16$, com GFI = 0,83, AGFI = 0,81 e RMSEA = 0,06; para a escala paterna, $\chi^2_{[1114]} = 5133{,}69$ $p < 0{,}001$, $\chi^2/gl = 4{,}61$, com GFI = 0,81, AGFI = 0,79 e RMSEA = 0,06. Os modelos finais para as escala materna e paterna são apresentados nas Figuras 3 e 4, respectivamente.

Figura 3. Análise fatorial confirmatória – modelo da escala materna do Inventário de Estilos Parentais de Young.

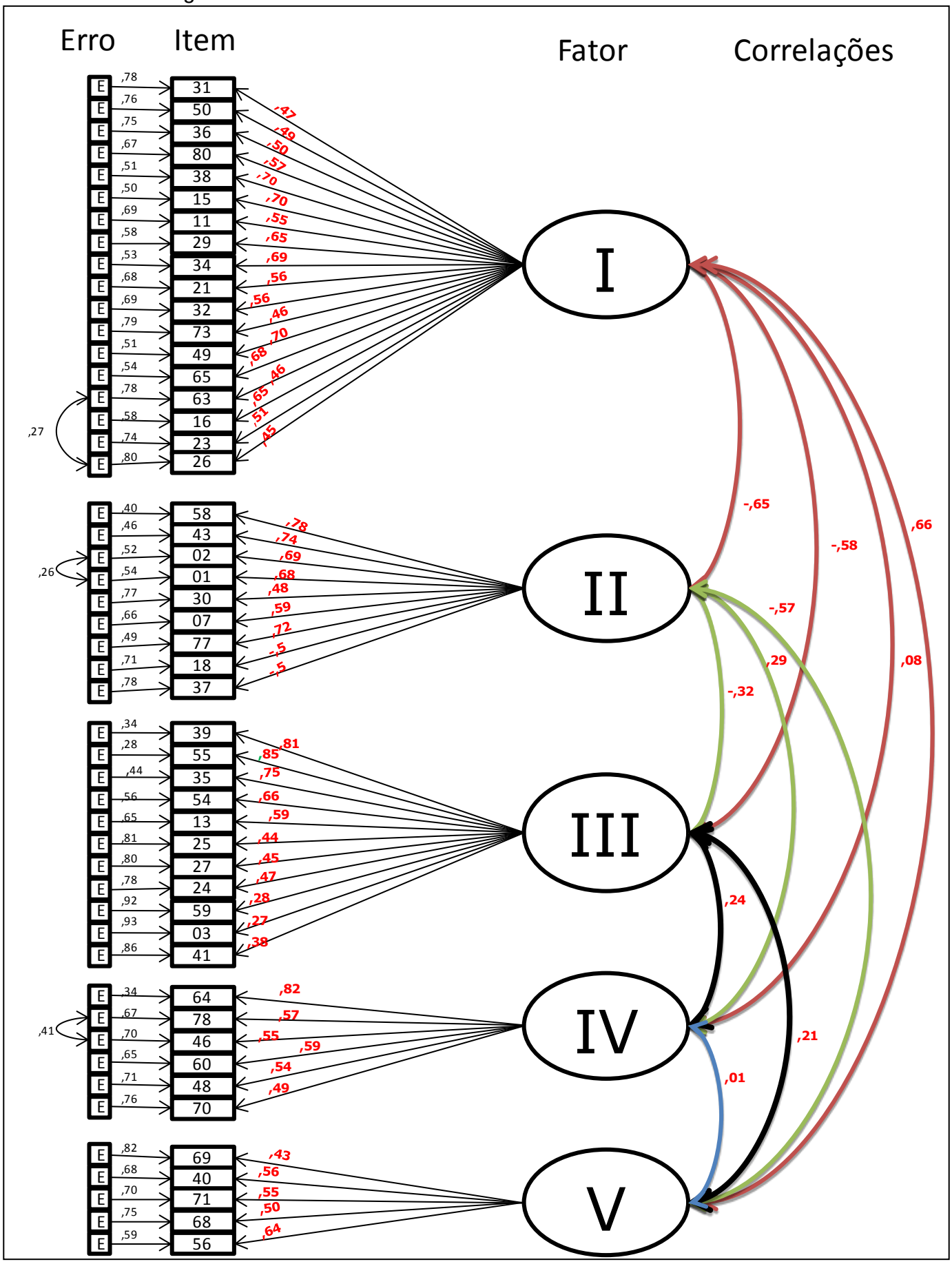
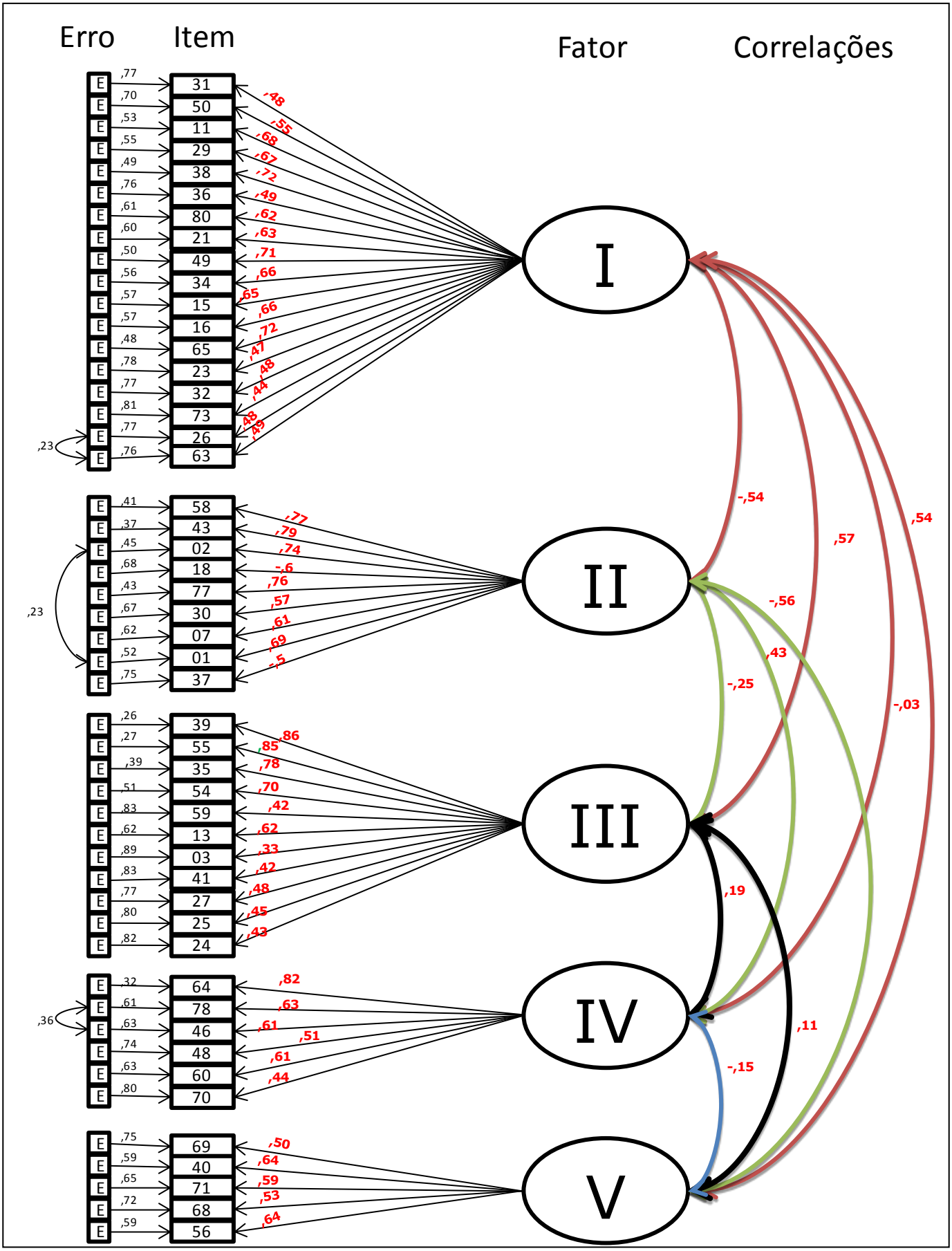


Figura 4. Análise fatorial confirmatória – modelo da escala paterna do Inventário de Estilos Parentais de Young.



Como é possível observar nas Figuras 2 e 3, os modelos apresentados podem ser considerados razoavelmente adequados e respaldam a organização dos itens do YPI em cinco fatores. Além disso, observou-se uma relativa melhora dos índices de ajuste do modelo com a permissão dos cálculos de covariância entre os erros de três pares de itens. Conforme observado nas Figuras 2 e 3, esses itens pertenciam ao mesmo fator e apresentavam semelhança lingüística (por exemplo, [46] “Tinha muito medo que eu me machucasse” e [78] “Tinha muito medo que eu ficasse doente”).

O indicador de ajuste χ^2/gl apresentou resultados abaixo de 5, para ambas as escalas, também indicando adequação. Ademais os indicadores RMSEA apresentaram valores inferiores ao máximo indicado de 0,1 (para ambas as escalas, RMSEA = 0,06). Finalmente, os valores de GFI ≥ 0,81, AGFI ≥ 0,79 podem ser considerados razoáveis, ainda que abaixo de 0,9.

Alguns itens apresentaram altos indicadores de erros, isso significa que boa parte da variância desses itens é explicada por variáveis não inseridas no modelo. Entretanto, os escores padronizados de grande parte dos itens (33 itens para a escala materna; e 32, para a escala paterna) apresentaram valores iguais ou superiores a 0,5, indicando que uma parte relevante da variância do item pode ser explicada pelo fator.

Considerando os dados discutidos, as análises fatoriais confirmam o modelo apresentado. Ainda que os indicadores de ajuste não sejam ótimos, é possível sustentar, razoavelmente, a adequação dos cinco fatores aos itens correspondentes. Desta forma, procedeu-se a interpretação dos fatores.

5.5.4 Interpretação dos fatores

Após a confirmação do modelo, procedeu-se a interpretação dos fatores, considerando o conteúdo dos itens e a teoria de Jeffrey Young (2003). As dimensões são descritas a seguir.

5.5.4.1 Fator I – Desconexão e Rejeição:

Esse fator foi composto de dezoito itens, apresentados na Tabela 15.

Tabela 15. Itens que compõem o Fator I – Desconexão e Rejeição.

Item	Conteúdo	Saturação	
		Mãe	Pai
31	Não queria, realmente, que eu fosse bem sucedido.	,76	,72
50	Esperava que eu fosse um fracasso na vida.	,68	,70
36	Abusava de mim física, emocional ou sexualmente.	,63	,61
80	Parecia sentir prazer em machucar as pessoas.	,63	,61
38	Me tratava como se houvesse algo de errado comigo.	,62	,65
15	Fazia com que eu me sentisse rejeitado(a) ou não amado(a).	,57	,53
11	Me tratava como se eu fosse “burro”.	,55	,70
29	Fazia com que eu sentisse vergonha de mim mesmo em aspectos importantes.	,54	,67
34	Me fazia sentir que eu não podia confiar nas minhas decisões ou nos meus julgamentos.	,53	,57
21	Me chamava de nomes feios (como “burro” ou “idiota”) quando eu fazia algo errado.	,53	,59
32	Mentia para mim, me enganava ou me traía.	,52	,41
73	Me usava para satisfazer suas necessidades.	,43	,39
49	Me criticava muito.	,40	,58
65	Me tratava como se as minhas opiniões ou desejos não contassem.	,38	,45
63	Focalizava os aspectos negativos da vida ou as coisas que davam errado	,35	,30
16	Eu tinha a impressão de que nada que eu fizesse era bom o suficiente para ele(a).	,35	,45
23	Eu sentia que não tinha rumo próprio na vida porque ele(a) tinha uma personalidade marcante.	,34	,41
26	Era uma pessoa pessimista, geralmente esperava o pior	,32	,38

Considerando o conteúdo dos itens apresentados na Tabela 15, emerge a idéia de alguém que avalie seus pais como defectivos, frios, abusadores e rejeitadores. Os itens também apontam para o desrespeito e a falta de estabilidade emocional. Assim, esse fator pode respaldar a avaliação do domínio Desconexão e Rejeição da proposta teórica de Young (2003).

Sheffield et al. (2005) apresentaram, no estudo de validação do YPI para os Estados Unidos, um fator semelhante ao Fator I do presente estudo. Entretanto, os autores construíram o fator com apenas os oito itens mais relacionados às práticas depreciativas. Conseqüentemente, eles denominaram tal dimensão como Práticas Depreciativas (*belittling parenting*).

No presente estudo optou-se por manter a denominação original do fator (Desconexão e Rejeição), pois os itens que compõem o Fator I não se restringem à idéia de depreciação, mas também aspectos como abuso, rejeição e privação emocional. Assim, altos escores na dimensão Desconexão e Rejeição podem ser indicadores de uma avaliação de pais frios, depreciativos, desrespeitosos e incapazes de prover carinho, aceitação e estabilidade.

5.5.4.2 Fator II – Afetividade e Estabilidade Emocional:

Esse fator foi composto de nove itens, apresentados na Tabela 16.

Tabela 16. Itens que compõem o Fator II – Afetividade e Estabilidade Emocional.

		Saturação	
Item	**Conteúdo**	**Mãe**	**Pai**
58	Me ouvia, me entendia e compartilhava os sentimentos comigo.	,78	,80
43	Éramos tão próximos(as) que nos entendíamos perfeitamente.	,72	,74
02	Era carinhoso(a) e afetivo (a).	,68	,67
01	Me amava, me tratava como alguém especial.	,59	,59
30	Fazia com que eu me sentisse forte e que deveria cuidar das outras pessoas.	,59	,61
07	Me dava conselhos e orientações úteis.	,58	,60
77	Passava tempo comigo e me dava atenção.	,58	,61
18	Era uma pessoa fechada; raramente falava dos seus sentimentos.	-,58	-,62
37	Sentia-se desconfortável em demonstrar afeto ou fraqueza.	-,38	-,44

Considerando o conteúdo dos itens apresentados na Tabela 16, emerge a idéia de alguém que avalie seus pais como afetivos, compreensivos, conselheiros, que atendam as necessidades de aceitação e carinho e

estabilidade emocional. Dois itens (18 e 37) possuiam vetores negativos e seus conteúdos apresentam idéias contrárias aos demais.

Sheffield et al. (2005) extraíram um fator – semelhante ao Fator I do presente estudo, denominado Deprivação Emocional (*Emotionally depriving parentig)*, composto pelos itens 1, 7, 58 e 77. Na realidade, essa dimensão está associada ao domínio Desconexão e Rejeição, no instrumento original. Entretanto, nem o presente estudo nem a pesquisa de Sheffield et al. (2005) corroboram a interpretação de um fator único. Além disso, as correlações entre os Fatores I e II foram moderadas. Ou seja, ainda que existam associações, elas não são suficientemente fortes para sustentar um fator único.

Dessa forma, manteve-se a separação entre o Fator I e II, proposta pelas análises fatoriais. Altos escores no Fator Afetividade e Estabilidade Emocional (II) podem indicar participantes que avaliaram seus pais como provedores de afeto adequado, carinho e estabilidade emocional.

5.5.4.3 Fator III – Hipervigilância e Orientação para o Outro:

Esse fator foi composto de onze itens, apresentados na Tabela 17.

Tabela 17. Itens que compõem o Fator III – Hipervigilância e Orientação para o Outro.

		Saturação	
Item	**Conteúdo**	**Mãe**	**Pai**
39	Era exigente, queria as coisas do seu jeito.	-,78	-,77
55	Tudo tinha que ser feito do seu jeito.	-,78	-,75
35	Era perfeccionista em muitas áreas, tudo tinha que ser do jeito que ele(a) queria.	-,76	-,73
54	Ficava impaciente quando as coisas não eram realizadas corretamente ou rápidas o suficiente.	-,68	-,70
13	Tinha que ter tudo sob controle.	-,61	-,59
25	Preocupava-se com sua aparência e posição social.	-,61	-,49
27	Dava mais importância a fazer as coisas bem feitas do que a se divertir ou relaxar.	-,55	-,50
24	Devido ao meu comportamento, preocupava-se com o julgamento que as pessoas fariam dele.	-,48	-,36
59	Valorizava muito o sucesso e a competição.	-,43	-,60
03	Esperava que eu desse o melhor de mim o tempo todo.	-,40	-,54
41	Parecia me amar mais ou prestar mais atenção em mim quando eu me destacava.	-,39	-,53

Considerando o conteúdo dos itens, emerge a idéia de pais que impõem regras rígidas e são vigilantes quanto ao cumprimento das mesmas. Como também, alguns itens (24, 25, 59, 41) parecem estar associados a preocupações com as opiniões alheias sobre o desempenho e a posição social.

No instrumento original, esse fator estava separado em duas dimensões. Porém o estudo de Sheffield et al. (2005) também não confirmou tal independência. Os autores encontraram um único fator, no qual denominaram Perfeccionismo (*Perfectionist parenting*).

Então os aspectos de hipervigilância e de orientação para o outro foram mantidos num único fator. Escores elevados nessa dimensão podem significar altos níveis de exigência e perfeccionismo, bem como busca exagerada de aprovação e reconhecimento.

5.5.4.4 Fator IV – Superproteção e Autonomia Prejudicada:

Esse fator foi composto de seis itens, apresentados na Tabela 18.

Tabela 18. Itens que compõem o Fator IV – Superproteção e Autonomia Prejudicada.

		Saturação	
Item	**Conteúdo**	**Mãe**	**Pai**
64	Me superprotegia.	,76	,80
78	Tinha muito medo que eu ficasse doente.	,75	,72
46	Tinha muito medo que eu me machucasse.	,72	,69
60	Fazia muitas coisas por mim, ao invés de me deixar tentar sozinho.	,65	,60
48	Mimava-me ou era tolerante demais em muitos aspectos.	,61	,66
70	Me tratava como se eu fosse mais novo do que eu realmente era.	,53	,59

Dos itens que compõe o Fator IV emerge a idéia de pais que protegem a criança e o adolescente em excesso e que apresentam dificuldade em sustentar a autonomia dos filhos fora da família. Além disso, os itens 46 e 78 apresentam conteúdo relacionado à preocupação excessiva com o dano e doença.

Sheffield et al. (2005) apresentaram uma dimensão semelhante ao Fator IV da presente pesquisa. Os itens 46, 60, 64, 70 e 78 agruparam-se no mesmo fator em ambas as pesquisas. Salienta-se que o item 48 apresentou saturação adequada no presente estudo, mas foi excluído por Sheffield.

Escores elevados na dimensão Superproteção e Autonomia Prejudicada (IV) podem ser indicadores de pais superprotetores e que não estimulam a independência de seus filhos. Além disso, a preocupação exagerada com o dado e a doença também é característica desse fator.

5.5.4.5 Fator V – Limites Prejudicados:

Esse fator foi composto dos cinco itens, apresentados na Tabela 19.

Tabela 19. Itens que compões o Fator V – Limites Prejudicados.

		Saturação	
Item	**Conteúdo**	**Mãe**	**Pai**
69	Estabelecia poucas regras ou responsabilidades para mim.	,68	,68
40	Me deu pouca disciplina.	,55	,61
71	Não me ensinou que eu tinha responsabilidades com as outras pessoas.	,45	,59
68	Se ausentava ou me deixa sozinho por bastante tempo.	,42	,57
56	Nunca me ensinou a disciplina necessária para que eu tivesse um bom desempenho escolar.	,42	,49

O conteúdo dos itens do Fator V refere-se à dificuldade no estabelecimento de regras e limites adequados. A ausência também é avaliada pelo fator.

Todavia, Sheffield et al. (2005) não encontraram nenhuma dimensão semelhante. Além disso, esses autores excluíram todos os cinco itens da solução fatorial. Porém, salienta-se que esse fator foi, de fato, proposto por Young e os itens da presente pesquisa possuem conteúdo adequado a essa proposta teórica (Young et al., 2003).

Escores elevados na dimensão Limites Prejudicados podem ser indicadores da dificuldade no estabelecimento de regras, responsabilidade e limites. Como também, indicam, indisciplina e falta de orientação segura.

Finalmente, é importante salientar que alguns itens tiveram saturação fatorial, na presente pesquisa, distinta da proposta original. O item 31, por exemplo, parece ser adequado, segundo os resultados, à avaliação do Fator Desconexão e Rejeição (I), embora tenha sido projetado originalmente para pertencer ao Fator Autonomia e Desempenho Prejudicados.

A principal mudança na estrutura do instrumento ocorreu na extração e na denominação dos fatores. Originalmente o Fator Afetividade e Estabilidade Emocional (II) era apenas uma parte do Fator Desconexão e Rejeição. Além disso, o Fator Hipervigilância e Orientação Para o Outro (III) estava separado em duas dimensões. Entretanto, esses resultados eram esperados, pois a teoria é recente e poucos estudos empíricos foram realizados. Ademais, apenas uma pesquisa sobre as propriedades psicométricas do YPI foi encontrada (Sheffield et al., 2005). Esta também não respalda o modelo teórico em sua totalidade.

5.5.5 Associações entre o Inventário de Estilos Parentais de Young (YPI) e o Teste Familiograma (FG)

Após a consolidação dos fatores do YPI, buscou-se verificar as correlações entre o YPI e as dimensões Afeto e Conflito do FG. Como hipótese, pensou-se em correlações positivas entre os Fatores Desconexão (I), Hipervigilância (III), Superproteção (IV) e Limites Prejudicados (V), do YPI, e a dimensão Conflito, do FG. Além disso, relações positivas também eram

esperadas entre o Fator Afetividade (II) do YPI e a dimensão Afeto do FG. Os resultados das correlações de Pearson são apresentados na Tabela 20.

Tabela 20. Correlações entre o Inventário de Estilos Parentais de Young (YPI) e o Teste Familiograma para as díades participante-mãe (n=195) e participante-pai (n=188).

		Teste Familiograma			
		Díade participante-mãe		**Díade participante-pai**	
		Afet (*r*)	**Conf (*r*)**	**Afet (*r*)**	**Conf (*r*)**
YPI Mãe	F I	-0,48**	0,59**	-0,17*	0,20**
	F II	0,69**	-0,43**	0,19*	-0,15*
	F III	-0,16*	0,42**	-0,01	0,19*
	F IV	0,16*	0,12	0,02	0,09
	F V	-0,29**	0,28**	-0,11	0,11
YPI Pai	F I	-0,26**	0,38**	-0,43**	0,58**
	F II	0,23**	-0,14	0,70**	-0,44**
	F III	0,06	0,16*	-0,12	0,45**
	F IV	0,05	0,15*	0,40**	-0,11
	F V	-0,15*	0,23**	-0,29**	0,22**

Notas. * correlação significativa, $p < 0,05$; ** correlação significativa, $p < 0,01$;
Afet = Afetividade; Conf = Conflito;
F I = Desconexão e Rejeição; F II = Afetividade e Estabilidade Emocional; F III = Hipervigilância e Orientação para o Outro; F IV = Superproteção e Autonomia Prejudicada; F V = Limites Prejudicados.

Como é possível observar na Tabela 20, grande parte das correlações encontradas é estatisticamente significativa, embora algumas sejam fracas. De maneira geral, os fatores do YPI, para a escala materna, associaram-se melhor às dimensões do FG referentes à díade participante-mãe. Assim como a escala paterna associou-se mais à díade participante-pai.

As maiores associações ocorreram entre o Fator Afetividade e Estabilidade Emocional do YPI e a dimensão Afeto do FG (para a mãe, r = 0,68; e para o pai, r = 0,70). Essas correlações podem ser consideradas

moderadas e indicam que quase 50% da variância pode ser explicada pelas associações. Mas também, o Fator Desconexão e Rejeição do YPI correlacionou-se moderadamente à dimensão Conflito do FG (para a mãe, r = 0,59; e para o pai, r = 0,58).

O Fator Superproteção (IV) do YPI correlacionou-se moderadamente com a dimensão Afeto do FG, considerando as escalas paternas (r = 0,40). Embora, quando as escalas maternas foram consideradas, essa associação foi mais fraca (r = 0,16). Esses dados podem indicar que os participantes tendem a associar as características de superproteção dos pais (sexo masculino) à afetividade. Todavia, a superproteção materna não é entendida como expressão de afeto.

Dando continuidade as análises, buscou-se testar o efeito de variáveis explicativas (fatores do YPI) sobre as dependentes (dimensões do FG). Para tanto, análises de regressão linear foram conduzidas. O método *Stepwise* foi utilizado. Um modelo explicativo foi criado para cada dimensão e díade, totalizando quatro modelos. Os resultados dessas análises são apresentados na Tabela 21.

Todos os quatro modelos explicativos apresentaram significância estatística (valores de F variando de 46,46 a 132,55; $p < 0,001$), indicando a adequação dos modelos. De maneira geral, os modelos explicaram mais de 50% da variância da dimensão Afeto e mais de 40% da dimensão Conflito do FG. Esses dados podem ser interpretados como indicadores de associação entre o YPI e o FG.

Tabela 21. Construção de modelos explicativos para as dimensões do Familiograma a partir do Inventário de Estilos Parentais de Young - análises de regressão linear.

VDs Dimensões Familiograma	Modelo Explicativo	Coeficientes não Padronizados B	Coeficientes não Padronizados Erro padrão	Coeficientes Padronizados Beta	*t*	r^2 (modelo)
Afeto participante-mãe	(Constante)	20,39	3,36		6,07***	0,58
	YPI mãe F II	0,78	0,07	0,67	11,58***	
	YPI mãe F I	-0,13	0,05	-0,14	-2,45*	
Afeto participante-pai	(Constante)	18,65	3,48		5,35***	0,53
	YPI pai F II	0,73	0,09	0,53	7,93***	
	YPI pai F I	-0,22	0,07	-0,20	-3,32**	
	YPI pai F IV	0,32	0,11	0,18	2,93*	
Conflito participante-mãe	(Constante)	18,92	3,60		5,26***	0,45
	YPI mãe F I	0,25	0,07	0,31	3,49***	
	YPI mãe F II	-0,37	0,08	-0,34	-4,51**	
	YPI mãe F III	0,15	0,06	0,18	2,42*	
	YPI mãe F V	0,16	0,08	0,12	2,03*	
Conflito participante-pai	(Constante)	13,69	3,12		4,39***	0,44
	YPI pai F I	0,39	0,07	0,44	5,69***	
	YPI pai F II	-0,26	0,07	-0,23	-3,51**	
	YPI pai F III	0,14	0,06	0,15	2,20*	

Notas. *$p < 0,05$; **$p < 0,01$; ***$p < 0,001$;
VDs = Variáveis dependentes;
F I = Desconexão e Rejeição; F II = Afetividade e Estabilidade Emocional; F III = Hipervigilância e Orientação para o Outro; F IV = Superproteção e Autonomia Prejudicada; F V = Limites Prejudicados.

Os coeficientes de regressão padronizados indicam que o aumento de uma unidade no Fator Afetividade e Estabilidade Emocional (YPI) produziu o aumento de 0,67 unidades na dimensão Afeto (FG) para a díade participante-mãe e 0,53 para a díade participante-pai. Como também, o aumento de uma unidade no Fator Desconexão e Rejeição (YPI) produziu o aumento de 0,31 unidades na dimensão Conflito (FG) para a díade participante-mãe e 0,44 para a díade participante-pai.

Os resultados das análises de regressão ainda corroboram, em parte, as hipóteses formuladas anteriormente. As maiores associações ocorreram entre o Fator II (YPI) e Afeto (FG), e o Fator I (YPI) e Conflito (FG), respaldando duas hipóteses. Entretanto os Fatores III, IV e V possuem relações mais fracas com

as dimensões do FG. Além disso, esses três fatores possuem menor capacidade de explicação da variância das dimensões do FG, se comparados aos Fatores I e II.

A ausência de estudos anteriores comparando o YPI a outros instrumentos de avaliação de estilos parentais dificulta a discussão desses resultados. Entretanto, considerando as correlações moderadas encontradas, a ausência de correlações fortes ($r > 0,8$) e os modelos de regressão, é possível afirmar que os instrumentos FG e YPI possuem semelhanças, mas não avaliam as mesmas dimensões psicológicas. As maiores semelhanças ocorrem entre os Fatores Afetividade (II) e Desconexão (I) do YPI e as dimensões Afeto e Conflito do FG, respectivamente.

5.6 Relações entre os estilos parentais e as variáveis sócio-demográficas e familiares

Por fim, buscou-se verificar as associações entre o YPI e as variáveis sexo, faixa etária e relacionamento com os pais durante a infância e atualmente. Essas variáveis foram utilizadas em pesquisas anteriores, que utilizaram modelos teóricos distintos do YPI (Aunola, Stattin & Nurmi, 2000; Chen, Liu & Li, 2000; Costa, Teixeira & Gomes, 2000; McGue, Elkins, Walden & Iacono, 2005; Wolfradta, Hempelb & Milesc, 2003). Nas Tabelas 22 e 23 são apresentados os valores de média e desvios-padrão dos fatores que compõem o YPI, em função das variáveis sexo e faixa etária. Salienta-se que esses escores podem assumir valor mínimo de 1 e máximo de 5 (mediana teórica = 3), conforme escala Likert utilizada.

Tabela 22. Médias e desvios-padrão dos fatores do Inventário de Estilos parentais – escala materna -, segundo as variáveis sexo e faixa etária.

		YPI – escala materna				
Variável	**Grupo**	**F I** $\overline{X}$ **(DP)**	**F II** $\overline{X}$ **(DP)**	**F III** $\overline{X}$ **(DP)**	**F IV** $\overline{X}$ **(DP)**	**F V** $\overline{X}$ **(DP)**
Sexo	Masculino	1,45 (0,52)	3,86 (0,74)	2,73 (0,76)	**2,91 (0,97)**	**1,65 (0,68)**
	Feminino	1,47 (0,58)	3,83 (0,83)	2,69 (0,84)	**2,75 (0,97)**	**1,56 (0,69)**
Faixa etária (em anos)	14 – 17	1,48 (0,50)	3,81 (0,78)	2,75 (0,78)	**2,96 (1,01)**	1,61 (0,70)
	18 – 20	1,47 (0,55)	**3,91 (0,79)**	2,70 (0,80)	**2,90 (0,94)**	1,61 (0,68)
	21 – 24	**1,41 (0,49)**	**3,87 (0,74)**	2,70 (0,84)	2,74 (0,94)	1,55 (0,65)
	25 – 33	1,44 (0,65)	3,81 (0,86)	2,59 (0,82)	2,70 (0,95)	1,65 (0,68)
	33 – 69	**1,69 (0,82)**	**3,47 (1,05)**	2,74 (0,86)	**2,32 (1,03)**	1,62 (0,87)

Notas. F I = Desconexão e Rejeição; F II = Afetividade e Estabilidade Emocional; F III = Hipervigilância e Orientação para o Outro; F IV = Superproteção e Autonomia Prejudicada; F V = Limites Prejudicados. Em negrito, as diferenças estatisticamente são apresentadas.

Na Tabela 23 são apresentadas as estatísticas descritivas para a escala paterna.

Tabela 23. Médias e desvios-padrão dos fatores do Inventário de Estilos parentais – escala paterna -, segundo as variáveis sexo e faixa etária.

		YPI – escala paterna				
Variável	**Grupo**	**F I** $\overline{X}$ **(DP)**	**F II** $\overline{X}$ **(DP)**	**F III** $\overline{X}$ **(DP)**	**F IV** $\overline{X}$ **(DP)**	**F V** $\overline{X}$ **(DP)**
Sexo	Masculino	1,55 (0,61)	3,20 (0,91)	**2,81 (0,84)**	2,40 (0,87)	**1,86 (0,82)**
	Feminino	1,47 (0,59)	3,27 (0,96)	**2,63 (0,89)**	2,46 (0,97)	**1,71 (0,80)**
Faixa etária (em anos)	14 - 17	1,49 (0,55)	3,17 (0,90)	2,70 (0,86)	**2,59 (1,00)**	1,79 (0,84)
	18 – 20	1,53 (0,59)	3,25 (0,97)	2,73 (0,88)	2,41 (0,87)	1,78 (0,78)
	21 – 24	1,44 (0,53)	3,33 (0,90)	2,68 (0,85)	2,42 (0,93)	1,71 (0,78)
	25 – 33	1,60 (0,81)	3,15 (1,01)	2,78 (0,95)	2,33 (0,89)	1,86 (0,88)
	33 – 69	1,64 (0,79)	3,33 (1,10)	2,54 (0,93)	**2,06 (0,91)**	1,71 (0,82)

Notas. F I = Desconexão e Rejeição; F II = Afetividade e Estabilidade Emocional; F III = Hipervigilância e Orientação para o Outro; F IV = Superproteção e Autonomia Prejudicada; F V = Limites Prejudicados. Em negrito, as diferenças estatisticamente são apresentadas.

De maneira geral, as diferenças encontradas entre os participantes do sexo masculino e feminino quanto aos fatores do YPI são pequenas. Todas as diferenças nominais de média apresentaram valores inferiores a 0,2 – o que

corresponderia a 4% da variação possível dos escores. As maiores diferenças encontradas referem-se aos Fatores Superproteção (IV), para a escala materna; Hipervigilância (III), para a escala paterna; e Limites Prejudicados (V), para ambas as escalas. Ressalta-se, entretanto, que essas diferenças são nominais e para verificar se elas são de fato estatisticamente significativas, deve-se observar os resultados dos testes MANOVA e ANOVA apresentados nas Tabelas 24 e 25.

Para a faixa etária, as variações entre os grupos foram maiores, se comparadas à variável sexo. Considerando o Fator Superproteção e Autonomia Prejudicada, os maiores escores encontrados foram para a primeira faixa etária, e os menores, para a última. Ou seja, os participantes mais jovens tendem a avaliar mais os seus pais (pai e mãe) como superprotetores, se comparados aos participantes mais velhos. Não obstante, para verificar se esses resultados são de fato estatisticamente significativos, deve-se observar os testes de hipóteses apresentados nas Tabelas 24 e 25.

Tabela 24. Análises multivariadas e univariadas da variância dos fatores do Inventário de Estilos Parentais – escala materna -, segundo as variáveis sexo e faixa etária.

		ANOVA				
Variável	**MANOVA** [1]	**F I**	**F II**	**F III**	**F IV**	**F V**
Sexo (S) n=913	*F* (5,907) **3,03****	*F* (1,911) 0,31	*F* (1,911) 0,21	*F* (1,911) 0,47	*F* (1,911) **6,26****	*F* (1,911) **3,77***
Faixa Etária (FE) n=912	*F* (20,2985) **2,09****	*F* (4,904) **2,35***	*F* (4,904) **2,75***	*F* (4,904) 0,76	*F* (4,904) **5,06****	*F* (4,904) 0,51

Notas. [1] Lambda de Wilks;
**p* < 0,05; ***p* < 0,01;
F I = Desconexão e Rejeição; F II = Afetividade e Estabilidade Emocional; F III = Hipervigilância e Orientação para o Outro; F IV = Superproteção e Autonomia Prejudicada; F V = Limites Prejudicados.

Tabela 25. Análises multivariadas e univariadas da variância dos fatores do Inventário de Estilos Parentais – escala paterna -, segundo as variáveis sexo e faixa etária.

		ANOVA				
Variável	**MANOVA** [1]	**F I**	**F II**	**F III**	**F IV**	**F V**
Sexo (S) n=877	*F* (5,871) **3,75****	*F* (1,875) 3,14	*F* (1,875) 1,39	*F* (1,875) **9,31****	*F* (1,875) 0,66	*F* (1,875) **6,91****
Faixa Etária (FE) n=873	*F* (20,2866) **2,11****	*F* (4,868) 1,96	*F* (4,868) 1,82	*F* (4,868) 0,57	*F* (4,868) **3,43****	*F* (4,868) 0,79

Notas. [1] Lambda de Wilks;
*p <0,05; **p < 0,01;
F I = Desconexão e Rejeição; F II = Afetividade e Estabilidade Emocional; F III = Hipervigilância e Orientação para o Outro; F IV = Superproteção e Autonomia Prejudicada; F V = Limites Prejudicados.

Os resultados das análises multivariadas da variância indicaram que os estilos parentais – para ambas as escalas – são avaliados de forma distinta por participantes do sexo masculino e feminino. As análises univariadas da variância complementam esses dados e respaldam, estatisticamente, as discussões descritivas, realizadas anteriormente. Ou seja, participantes do sexo masculino diferem do sexo feminino quanto aos escores dos Fatores Superproteção (IV), para a escala materna; Hipervigilância (III), para a escala paterna; e Limites Prejudicados (V), para ambas as escalas.

As pesquisas anteriores, que utilizaram o modelo de Young, não apresentaram as discussões dos estilos parentais em função do sexo. Entretanto, essa discussão está presente nos estudos de outros autores, que utilizaram outros modelos teóricos (Chen et al., 2000; Costa et al., 2000; Wolfradta et al., 2003).

Wolfradta et al. (2003), por exemplo, classificaram os participantes a partir dos estilos parentais avaliados e não encontraram diferenças nos

clusters, considerando as variáveis sexo e idade. Entretanto, os resultados da pesquisa de Chen et al. (2000) indicaram que os participantes do sexo masculino avaliaram seus pais (do sexo masculino) como mais controladores se comparados aos participantes do sexo feminino. Aunola et al. (2000), afirmaram que as meninas, participantes do estudo, tendiam a avaliar seus pais como mais autoritativos, e os meninos, como mais negligentes.

Os resultados do presente estudo apóiam as pesquisas que encontraram diferenças estatisticamente significativas para a variável sexo. Os participantes do sexo masculino, de maneira geral, avaliaram seus pais como mais hipervigilantes, superprotetores e com dificuldades no estabelecimento de regras e limites, se comparados aos participantes do sexo feminino. Ainda que estudos dessa relação específica não tenham sido encontrados, os dados referentes ao Fator Hipervigiância podem receber apoio do estudo de Chen et al (2000), no qual as práticas de controle estiveram mais associadas às avaliações dos participantes do sexo masculino.

Entretanto, a magnitude nominal dessas diferenças é pequena, conforme afirmado anteriormente. Além disso, o número de participantes total da pesquisa é alto, o que torna os testes de hipóteses mais sensíveis a pequenas diferenças (Dancey & Reidy, 2006; Hair et al., 2005). Sendo assim, mesmo que essas diferenças sejam estatisticamente significativas, elas sugerem pouco impacto teórico. Ou seja, elas possuem pouca relevância psicológica, considerando seus valores de média. Sugere-se novos estudos que tenham como objetivo testar as diferenças dos estilos parentais de Young para participantes do sexo masculino e feminino, ampliando a discussão.

No que se refere à variável faixa etária, os resultados das análises multivariadas também indicaram significância estatística. Ou seja, as avaliações dos estilos parentais são influenciadas pela idade do participante. Esses resultados, por um lado, vão de encontro aos apresentados por Wolfradta et al. (2000), nos quais tais diferenças não foram evidenciadas. Por outro lado, os dados da presente pesquisa recebem apoio do estudo de McGue et al (2005), que encontraram maiores níveis de conflito familiar entre os adolescentes de 14 anos, se comparados aos de 11 anos. Todavia, a carência de outros estudos que apresentem objetivos semelhantes dificulta a presente discussão. Os resultados das análises univariadas podem complementar os dados apresentados.

Para a escala materna, as diferenças verificadas para a variável faixa etária foram estatisticamente significativas para os Fatores Desconexão, Afetividade e Superproteção. Testes *Post Hoc* de Bonferroni foram conduzidos e indicaram que a média do Fator Desconexão foi maior para os participantes entre 33 e 69 anos, se comparados aos da faixa etária 21-24. Para o Fator Afetividade, os participantes da faixa etária 33-69 apresentaram médias inferiores aos das faixas 18-20 e 21-24. Além disso, os estudantes entre 33 e 69 anos avaliaram suas mães como menos protetoras (Fator IV) se comparados aos das faixas 14-17 e 18-20. Em resumo, participantes mais velhos parecem avaliar suas mães através de estilos mais desconexos (Fator I) e menos afetivos (Fator II) e superprotetores (Fator IV).

Para a escala paterna, as diferenças das médias entre as faixas etárias foram significativas apenas em relação ao Fator Superporteção. Testes *Post Hoc* de Bonferroni indicaram que os participantes entre 33 e 69 anos avaliaram

seus pais (do sexo masculino) como menos superprotetores, se comparados aos da faixa etária 14-17.

De maneira geral, esses dados podem indicar que os participantes mais velhos tendem a avaliar seus pais, de ambos os sexos, durante a infância e a adolescência, como menos superprotetores e prejudiciais à autonomia. Além disso, questões relacionadas à autonomia podem configura-se como um problema para os jovens, enquanto os adultos, normalmente, já adquiriram autonomia, o que respaldaria valores mais altos para a amostra jovem. Entretanto, é preciso ressaltar que não foi encontrado nenhum estudo que respalde essas interpretações. Além disso, a amostra pertencente ao grupo entre 33 e 69 anos é de apenas 37 participantes, o que poderia incorrer em erros amostrais. Sendo assim, sugere-se cautela na interpretação desses resultados. Novas pesquisas que aumentem o número de participantes acima de 30 anos também seriam necessárias.

Finalmente, buscou-se avaliar as relações entre os estilos parentais e as avaliações sobre o relacionamento com os pais durante a infância e na atualidade. Para tanto, correlações de Pearson foram utilizadas e seus resultados são apresentados na Tabela 26.

Tabela 26. Correlações entre o Inventário de Estilos Parentais de Young (YPI) e o relacionamento com os pais durante a infância e atualmente

		Relacionamento			
		Durante a infância		**Atualmente**	
		Pai (*r*)	**Mãe (*r*)**	**Pai (*r*)**	**Mãe (*r*)**
YPI	F I	-0,18**	-0,44**	-0,15**	-0,47**
Mãe	F II	0,29**	0,64**	0,26**	0,57**
	F III	0,03	-0,26**	-0,03	-0,23**
	F IV	0,09	0,20**	0,03	0,13**
	F V	-0,31**	-0,25**	-0,19**	-0,29**
YPI	F I	-0,51**	-0,28**	-0,45**	-0,27**
Pai	F II	0,74**	0,30**	0,66**	0,28**
	F III	-0,16**	-0,07	-0,13**	-0,04
	F IV	0,36**	0,15**	0,28**	0,07
	F V	-0,39**	-0,21**	-0,31**	-0,24**

Nota. ** correlação significativa, $p < 0,01$;
F I = Desconexão e Rejeição; F II = Afetividade e Estabilidade Emocional; F III = Hipervigilância e Orientação para o Outro; F IV = Superproteção e Autonomia Prejudicada; F V = Limites Prejudicados;
n variou de 461 a 639;

Os resultados apresentados na Tabela 26, demonstraram que a maior parte das associações entre os estilos parentais e avaliações dos relacionamentos com os pais foi estatisticamente significativa. As maiores correlações positivas encontradas foram entre o Fator Afetividade (II), para ambas as escalas, e as avaliações dos relacionamentos com os pais. Correlações moderadas, negativas, também foram encontradas entre o Fator Desconexão e a variável relacionamento com os pais.

Sendo assim, os dados correlacionais indicaram que avaliações mais positivas dos participantes sobre os seus relacionamentos com os pais estiveram associadas à presença de estilos parentais mais afetivos (Fator II) e menos desconexos e rejeitadores (Fator I). Nesse aspecto, a presença de afeto parece, ainda, ser mais importante do que a diminuição da desconexão e rejeição, além dos demais fatores.

As associações entre estilos parentais e relacionamentos foram estudadas anteriormente. Birditt, Miller, Fingerman e Lefkowitz (2009)

encontraram correlações entre tensões nos relacionamentos familiares e práticas menos afetivas e mais ambivalentes. Kowal, Krull e Kramer (2004) afirmaram, a partir dos resultados de uma pesquisa empírica, que as avaliações negativas das relações com os pais estavam associadas à percepção de tratamento diferenciado e injusto recebido pelos irmãos. Ou seja, estudos anteriores também apóiam as associações entre os estilos parentais e as avaliações de relacionamentos, embora tenham utilizado outros modelos teóricos.

Salienta-se que os relacionamentos foram avaliados por apenas duas questões inseridas no questionário sócio-demográfico. Essa discussão poderia ser aprofundada por pesquisas que utilizem questionários ou inventários construídos e validados para esse construto e compostos por um número maior de itens.

6 Conclusões

A presente dissertação teve como objetivo geral apresentar o estudo de adaptação do Inventário de Estilos Parentais de Young (YPI) para o contexto brasileiro. Nesse sentido, buscou-se avaliar a sua estrutura fatorial, consistência interna e associação com o Teste Familiograma (FG), devido as suas semelhanças teóricas. Espera-se que tais objetivos possam ampliar a compreensão dos estilos parentais na cultura brasileira.

Conforme mencionado anteriormente, a família pode ser considerada o primeiro ambiente na qual a criança participa (Bronfenbrenner, 1979/1996). Sendo assim, os pais desempenham um papel importante no desenvolvimento da criança e do adolescente (Cecconello et al., 2003; Darling & Steinberg, 1993; Spera, 2005; Steinberg, 2001). Nesse contexto, diversos autores têm ressaltado a importância dos estilos parentais para a compreensão da família, principalmente no que se refere ao desenvolvimento social, cognitivo e emocional da criança e do adolescente (Baumrind, 1997; Cecconello et al., 2003; Darling & Steinberg, 1993; Maccoby & Martin, 1983; Spera, 2005; Steinberg, 2001; Steinberg et al., 1994).

Os estilos parentais referem-se às características globais das interações entre pais e filhos. Essa temática tem sido pesquisada a partir de diferentes modelos teóricos (Baumrind, 1966,1997; Darling & Steinberg, 1993; Hoffman, 1994; Maccoby & Martin, 1983; Steinberg, 2001). Porém, todos eles confirmam a influência dos estilos em diversos aspectos psicossociais (Castrucci & Gerlach, 2006; Haslam et al., 2008; Malik, 2005; Rhee et al., 2006; Steinberg et al., 1989; Zimmermann et al., 2008). Nesse estudo, optou-se pela

discussão dos estilos parentais a partir da teoria de Jeffrey Young (Young et al., 2003), pois trata-se de uma base teórica atual e amparada nos estudos que culminaram na versão original do YPI. Além disso, a proposta de Young foi pouco explorada no Brasil, o que incorre na necessidade de mais estudos capazes de aprofundá-la.

Ressalta-se que a melhoria da compreensão dos estilos parentais pode estar associada à qualidade dos instrumentos de pesquisa utilizados. Nesse sentido, o presente estudo disponibilizou um instrumento novo de avaliação, podendo ser utilizado em pesquisas futuras sobre essa temática.

No que se refere à tradução e à adaptação do YPI, pode-se afirmar que os resultados respaldaram a utilização das versões preliminares, embora alguns indicadores tenham sido insatisfatórios aos critérios esperados. A utilização de tradutores, juízes de tradução, comitê e juízes de conteúdo proporcionou um número razoável de pessoas envolvidas no processo de adaptação, diminuindo as chances de vieses nas versões preliminares. Contudo, alguns itens não obtiveram concordância entre os juízes, bem como indicadores de clareza na linguagem e de pertinência adequados. Esses foram readaptados ou reescritos. Os resultados mais insatisfatórios, nessa etapa, ocorreram nas análises de concordância do construto teórico mais adequado, realizada pelos juízes. Ou seja, a média dos coeficientes *Kappa* foi de 0,3, indicando baixa concordância. Todavia, é importante ressaltar, que se trata de uma teoria nova e de estrutura fatorial não consolidada. Além disso, o estudo de Sheffield et al. (2005) não corroborou a estrutura original do teste.

Para o estudo empírico, 920 estudantes responderam aos questionários de pesquisa. Os participantes eram de diversas regiões do país.

Eles também possuíam níveis de escolaridade e cursos acadêmicos distintos. Entretanto, algumas limitações na amostra podem ser apontadas: o número de participantes do sexo feminino foi maior, se comparado aos do sexo masculino; a maioria dos participantes era solteira, morava com os pais e possuía renda familiar acima da média populacional brasileira. Além disso, a amostra de estudantes pode ter introduzido vieses nos dados da pesquisa. Em suma, os resultados da presente pesquisa não podem ser generalizados para o restante da população, embora sejam adequados a um primeiro estudo das propriedades psicométricas do YPI no Brasil. Sugere-se, desta forma, novas pesquisas, com amostras mais representativas da população, o que poderia, inclusive, respaldar um estudo de normatização do YPI.

No que se refere à validade de construto, buscou-se explorar e verificar a adequação dos cinco fatores de primeira ordem do YPI. Salienta-se que esses foram propostos originalmente por Young (2003) e apenas um estudo empírico foi encontrado sob autoria de Sheffield et al. (2005).

Os resultados das análises fatoriais exploratórias indicaram que os cinco fatores extraídos explicaram uma quantidade satisfatória da variância dos dados (maior que 40%), tanto para a escala materna quanto paterna. As cargas fatoriais foram superiores a 0,3 (conforme indicado por Dancey & Reidy, 2006; Hair et al. 2005; Pasquali et al., 2009) e os itens distribuíram-se nos mesmos fatores, para as escalas materna e paterna. Os valores dos Alfas de Cronbach foram razoavelmente adequados, variando de 0,66 a 0,9. Porém, vinte e três itens foram excluídos, pois alguns de seus indicadores não foram minimamente satisfatórios. Novas adaptações desses itens e novas pesquisas poderiam ser

conduzidas, a fim de ampliar a discussão da qualidade e a pertinência dos mesmos.

As análises fatoriais confirmatórias apresentaram indicadores de ajuste do modelo razoavelmente adequados. A permissão de cálculos de covariância entre os erros de três pares de itens apresentou relativa melhora nos indicadores de ajuste. Ainda que os resultados respaldem a adequação do modelo, esse não pode ser considerado ótimo.

A partir da interpretação dos fatores extraídos e confirmados, percebeu-se que alguns itens migram entre os fatores. O item 34 ("Me fazia sentir que eu não podia confiar nas minhas decisões ou nos meus julgamentos"), por exemplo, pensado originalmente para o Fator Autonomia e Desempenho Prejudicados, passou a pertencer ao Fator Desconexão e Rejeição. Salienta-se que, no estudo de Sheffield et al. (2005), a maior parte dos itens também migrou para dimensões distintas das originalmente propostas.

Dois fatores não tiveram sua estrutura original confirmada. O Fator Desconexão e Rejeição, originalmente proposto, foi dividido em dois: Fator I (Desconexão e Rejeição) e Fator II (Afetividade e Estabilidade Emocional). Além disso, os Fatores Hipervigilância e Orientação para Outro, propostos teoricamente como duas dimensões separadas, foram unidos em um único fator, na presente pesquisa. Todavia, ressalta-se que a proposta teórica de Young ainda carece de estudos científicos tanto nacionais quanto internacionais. Sendo assim, os resultados discutidos na presente pesquisa necessitam ser aprofundados. Sugere-se, dessa forma, novas pesquisas com outras amostras, principalmente com sujeitos que apresentem alguma

psicopatologia, uma vez que o YPI também se propõe a avaliar clinicamente os estilos parentais.

No que se refere às relações entre o YPI e o Teste Familiograma (FG), esses instrumentos apresentaram correlações moderadas entre alguns fatores. O Fator Afetividade e Estabilidade Emocional, do YPI, associou-se moderadamente à dimensão Afeto, do FG. Além disso, o Fator Desconexão e rejeição, do YPI, apresentou correlações moderadas com a dimensão Conflito, do FG. As análises de regressão corroboraram tais resultados. Considerando esses dados, é possível concluir que os dois instrumentos possuem algumas associações, mas não avaliam as mesmas dimensões. Tais resultados podem, ainda, respaldar os estudos iniciais para um entendimento da validação convergente. Conquanto, não é possível concluir que o YPI possua tal validade, uma vez que as correlações, aqui evidenciadas, não foram fortes o suficiente. Ademais, é importante ressaltar que o YPI busca avaliar as representações cognitivas dos estilos parentais recebidos na infância e na adolescência, enquanto FG procura avaliar os relacionamentos atuais entre as díades. Novos estudos, utilizando outros instrumentos, poderão aprofundar o processo de validação convergente do YPI.

Verificou-se ainda, que as médias dos estilos parentais sofreram influência das variáveis sexo e faixa etária. Porém, para o sexo, a diferença nominal é pequena e possui pouca relevância teórica. Considerando a faixa etária, os dados indicaram que os participantes mais velhos tenderam a avaliar seus pais, de ambos os sexos, como menos superprotetores e prejudiciais à autonomia.

As avaliações dos participantes sobre os seus relacionamentos com os pais estiveram associadas, positivamente, à presença de estilos parentais mais afetivos, bem como, negativamente, aos pais desconexos e rejeitadores. Nesse aspecto, a presença de afeto parece, ainda, ser mais importante do que a diminuição da desconexão e rejeição. Não obstante, essas variáveis foram acessadas através de poucos itens. Pesquisas que utilizem questionários válidos e específicos para tais variáveis poderiam ampliar a discussão.

Em resumo, conclui-se que o YPI, adaptado ao contexto brasileiro, possui indicadores psicométricos aceitáveis, podendo ser utilizado em pesquisas futuras. Mas também, é importante ressaltar que os resultados não confirmam totalmente a estrutura original do YPI. Não obstante, conforme mencionado anteriormente, a teoria e a estrutura do referido instrumento original é recente e ainda carece de estudos científicos. Além disso, o estudo de Sheffield et al. (2005) , cujo objetivo principal era o de validação do YPI para os Estados Unidos, também não confirmou totalmente a estrutura teórica de cinco fatores. Sendo assim, espera-se que a presente pesquisa também possa ter contribuído para as discussões e o aprofundamento da teoria de Young, justamente ao propor um modelo diferente do original. Do mesmo modo que novas pesquisas são necessárias para dar continuidade a essa discussão. Para tanto, estudos com amostras mais controladas e representativas, bem como pesquisas que utilizem amostras clínicas serão oportunas.

Espera-se que o presente estudo possa contribuir para o aprofundamento do tema sobre os estilos parentais. Acredita-se também que um novo instrumento, adaptado ao contexto brasileiro, possa auxiliar o processo de avaliação dos aspectos familiares em pesquisas futuras.

Referências

Alvarenga, P., & Piccinini, C. (2001). Práticas educativas maternas e problemas de comportamento em pré-escolares. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 14*, 44-460.

Anastasi, A., & Urbina, S. (2000). *Testagem psicológica* (7 ed.). Porto Alegre: ArtMed.

Arredondo, E. M., Elder, J. P., Ayala, G. X., Campbell, N., Baquero, B., & Duerksen, S. (2006). Is parenting style related to children's healthy eating and physical activity in Latino families? *Health education research, 21*, 862-871.

Aunola, K., Stattin, H., & Nurmi, J. E. (2000). Parenting styles and adolescents' achievement strategies. *Journal of Adolescence, 23*, 205-222.

Baldwin, A. L. (1948). Socialization and the Parent - Child Relationship. *Child Development, 19*, 127-136.

Baptista, M. N., Baptista, A. S. D., & Dias, R. R. (2001). Estrutura e suporte familiar como fatores de risco na depressão de adolescentes. *Psicologia: Ciência e Profissão, 21*, 52-61.

Baptista, M. N., & Oliveira, A. A. (2004). Sintomatologia de depressão e suporte familiar em adolescentes: Um estudo de correlação. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano, 14*, 58-67.

Baumrind, D. (1966). Effects of autoritative parental control on child behavior. *Child Development, 37*, 887-907.

Baumrind, D. (1967). Child care practices anteceding three patterns of preschool behavior. *Genetic Psychology Monographs, 75*, 43-88.

Baumrind, D. (1971). Current patterns of parental authority. *Developmental Psychology Monograph, 4*, (1, Pt. 2).

Baumrind, D. (1991). The influence of parenting style on adolescent competence and substance use. *Journal of Early Adolescence, 11*, 56-95.

Baumrind, D. (1997). The discipline encounter: Contemporary Issues. *Aggression and Violent Behavior, 2*, 321-335.

Benetti, S. P. C., & Balbinotti, M. A. A. (2003). Elaboração e estudo de propriedades psicométricas do Inventário de Práticas Parentais. *Psico-USF, 8*, 103-113.

Birditt, K. S., Miller, L. M., Fingerman, K. L., & Lefkowitz, E. S. (2009). Tensions in the parent and adult child relationship: Links to solidarity and ambivalence. *Psychology and Aging, 24*, 287-295.

Boeckel, M. G., & J. C. Sarriera (2006). Estilos parentais, estilos atribucionais, e bem-estar psicológico em jovens universitários. *Revista Brasileira Crescimento e Desenvolvimento Humano, 16*, 53 - 65.

Boon, H. J. (2007). Low and high achieving Australian secondary school students: Their parenting, motivations and academic achievement. *Australian Psychologist, 42*, 212-225.

Bronfenbrenner, U. (1979/1996). *A ecologia do desenvolvimento humano: Experimentos naturais e planejados*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Carvalho, M. C. N. , & Gomide, P. I. C. (2005). Práticas educativas parentais em famílias de adolescentes em conflito com a lei. *Estudos de Psicologia (Campinas) 22,* 263-275.

Cassepp-Borges, V., Balbinotti, M. A. A., & Teodoro, M. L. M. (no prelo). Tradução e validação de conteúdo: uma proposta para a adaptação de instrumentos. Em L. Pasquali (Org.), *Instrumentação Psicológica: Fundamentos e Prática.* Porto Alegre: ArtMed.

Castrucci, B. C., & Gerlach, K. K. (2006). Understanding the association between authoritative parenting and adolescent smoking. *Maternal and Child Health Journal, 10*, 217-224.

Cecconello, A. M., Antoni, C. D., & Koller, S. H. (2003). Práticas educativas, estilos parentais e abuso físico no contexto familiar. *Psicologia em Estudo (Maringá), 8*, 45-54.

Chen, X., Liu, M., & Li, D. (2000). Parental warmth, control, and indulgence and their relations to adjustment in Chinese children: A longitudinal study. *Journal of Family Psychology, 14*, 401-419.

Choquet, M., Hassler, C., Morin, D., Falissard, B., & Chau, N. (2008). Perceived parenting styles and tobacco, alcohol and cannabis use among French adolescents: Gender and family structure differentials. *Alcohol and Alcoholism, 43*, 73-80.

Cohen, E., Sade, M., Benarroch, F., Pollak, Y., & Gross-Tsur, V. (2008). Locus of control, perceived parenting style, and symptoms of anxiety and depression in children with Tourette's syndrome. *European Child and Adolescent Psychiatry, 17*, 299-305.

Costa, F. T., Teixeira, M. A. P., & Gomes, W. B. (2000). Responsividade e exigência: Duas escalas para avaliar estilos parentais. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 13*, 465-473.

Cuarati-Burgio, L. (2001). Meta-analysis: The effects of parental practices and parental processes on resilience in adolescents. *Dissertation Abstracts International: Section B: The Sciences and Engineering, 61* (10-B).

Dancey, C. P., & Reidy, J. (2006). *Estatística sem matemática para Psicologia* (3 ed.). Porto Alegre: ArtMed.

Darling, N., & Steinberg, L. (1993). Parenting style as context: As integrative model. *Psychological Bulletin, 113*, 487-496.

Diaz, D. M. V. (2006). *The relations among parenting style, parent-adolescent relationship, family stress, cultural context and depressive symptomatology among adolescent females.* Tese de doutorado não publicada, Georgia State University, EUA.

Dornbusch, S. M., Ritter, P. L., Leiderman, P. H., Roberts, D. F., & Fraleigh, M. J. (1987). The relation of parenting style to adolescent school performance. *Child Development, 58*, 1244-1257.

Dwairy, M. (2004). Parenting styles and mental health of Palestinian-Arab adolescents in Israel. *Transcultural Psychiatry, 41*, 233-252.

Freitas, W. M. F., Silva, A. T. M C., Coelho, E. A. C., Guedes, R. N., Lucena, K. D. T., & Costa, A. P. T. (2009). Paternidade: responsabilidade social do homem no papel de provedor. *Revista de Saúde Pública, 43*, 85-90.

Flouri, E. (2005). Psychological and sociological aspects of parenting and their relation to suicidal behavior. *Archives of Suicide Research, 9*, 373-383.

Ginsburg, G. S., Siqueland, L., Masia-Warner, C., & Hedtke, K. A. (2004). Anxiety disorders in children: Family matters. *Cognitive and Behavioral Practice, 11*, 28-43.

Glasgow, K. L., Dornbusch, S. M., Troyer, L., Steinberg, L., & Ritter, P. L. (1997). Parenting styles, adolescents' attributions, and educational outcomes in nine heterogeneous high schools. *Child Development, 68*, 507-529.

Gomide, P. I. C., Salvo, C. G., Pinheiro, D. P. N., & Sabbag, G. M. (2005). Correlação entre práticas educativas, depressão, estresse e habilidades sociais. *Psico-USF, 10*, 169-178.

Grusec, J. E., & Goodnow, J. J. (1994). Impact of parental discipline methods on the child's internalization of values: A Reconceptualization of current points of view. *Developmental Psychology, 30*, 4-19.

Hair, J. F., Anderson, R. E., Tatham, R. L., & Black, W. C. (2005). *Análise multivariada de dados* (5 ed.). Porto Alegre: ArtMed.

Hamblenton, R. K. (1996). Adaptación de testes para su uso en diferentes idiomas y culturas: Fuentes de error, posibles soluciones y directrices prácticas. Em J. Muñiz (Org.), *Psicometría* (pp. 207-238). Madri: Universitas.

Hart, C. H., Ladd, G. W., & Burleson, B. R. (1990). Expectations of the outcomes of social strategies. Relations with socioeconomic status and maternal disciplinary styles. *Child Development, 51*, 127-137.

Hart, C. H., Nelson, D. A., Robinson, C. C., Olsen, S. F., & McNeilly-Choque, M. K. (1998). Overt and relational aggression in Russian nursery-school-age children: parenting styles and marital linkages. *Developmental Psychology, 34,* 687-697.

Haslam, M., Mountford, V., Meyer, C., & Waller, G. (2008). Invalidating childhood environments in anorexia and bulimia nervosa. *Eating Behaviors, 9*, 313-318.

Haynes, S. N., Richard, D. C. S., & Kubany, E. S. (1995). Content validity in psychological assessment: A functional approach to concepts and methods. *Psychological Assessment, 7*, 238-247.

Heaven, P. C. L., & Ciarrochi, J. (2008). Parental styles, conscientiousness, and academic performance in high school: A three-wave longitudinal study. *Personality and Social Psychology Bulletin, 34*, 451-461.

Hernández-Nieto, R. A. (2002). *Contribuiciones al análises estadístico.* Mérida, Venezuela: Universidad de Los Andes.

Hinrichsen, H., Sheffield, A., & Waller, G. (2007). The role of parenting experiences in the development of social anxiety and agoraphobia in the eating disorders. *Eating Behaviors, 8*, 285-290.

Hoffman, M. L. (1960). Power assertion by the parent and its impact on the child. *Child Development, 31*, 129-143.

Hoffman, M. L. (1975). Moral internalization, parental power, and the nature of parent-child interaction. *Developmental Psychology, 11*, 228-239.

Hoffman, M. L. (1979). Development of moral thought, feeling, and behavior. *American Psychologist, 34*, 958-966.

Hoffman, M. L. (1994). Discipline and internalization. *Developmental Psychology, 30*, 26-28.

Hutz, C. S., & Bardagair, M. P. (2006). Indecisão profissional, ansiedade e depressão na adolescência: A influência dos estilos parentais. *Psico-USF, 11*, 65 - 73.

Joreskög, K., & Sörbom, D. (1989). *Lisrel 7 user's reference guide*. Mooresville: Scientific Software.

Kowal, A. K., Krull, J. L., & Kramer, L. (2004). How the differential treatment of siblings is linked with parent-child relationship quality. *Journal of Family Psychology, 18*, 658-665.

Kremers, S. P., Brug, J., Vries, H., & Engels, R. C. (2003). Parenting style and adolescent fruit consumption. *Appetite, 41*, 43-50.

Lamborn, S. D., Mounts, N. S., Steinberg, L., & Dornbusch, S. M. (1991). Parrerns of competence and adjustment among adolescents from authoritative, authoritarian, indulgent, and neglectful families. *Child Development, 62*, 1049-1065.

Lee, C. W., Taylor, G., & Dunn, J. (1999). Factor structure of the schema questionnaire in a large clinical sample. *Cognitive Therapy and Research, 23*, 441-451.

Leung, N., Thomas, G., & Waller, G. (2000). The relationship between parental bonding and core beliefs in anorexic and bulimic women. *British Journal of Clinical Psychology, 39*, 205-213.

Lim, S. L., & Lim, B. K. (2004). Parenting style and child outcomes in Chinese and immigrant Chinese families-current findings and cross-cultural considerations in conceptualization and research. *Marriage and Family Review, 35*, 21-43.

Maccoby, E. E., & Martin, J. A. (1983). Socialization in the context of the family: Parent-child interaction. Em P. H. Mussen & E. M. Hetherington (Orgs.), *Handbook of child psychology: Vol. 4. Socialization, personality, and social development* (4 ed., pp. 1-101). New York: Wiley.

Malik, G. (2005). *The role of parenting style in child substance use.* Tese de doutorado, Ohio State University, EUA. Acessado em novembro de 2008, disponível em www.ohiolink.edu/etd/send-pdf.cgi/Malik Garima.pdf?osu1118077175

Mazzeo, S. E., Zucker, N. L., Gerke, C. K., Mitchell, K. S., & Bulik, C. M. (2005). Parenting Concerns of Women with Histories of Eating Disorders. *International Journal of Eating Disorders, 37*, 77-79.

McGinn, L. K., & Young, J. E. (2004). Terapia focada no esquema. Em P. M. Salkovskis (Org.), *Fronteiras da Terapia Cognitiva* (pp. 165-184). São Paulo: Casa do Psicólogo.

McGue, M., Elkins, I., Walden, B., & Iacono, W. G. (2005). Perceptions of the parent-adolescent relationship: A longitudinal investigation. *Developmental Psychology, 41*, 971-984.

McKinney, C., & Renk, K. (2008). Differential parenting between mothers and fathers: Implications for late adolescents. *Journal of Family Issues, 29*, 806-827.

McLeod, B. D., Weisz, J. R., & Wood, J. J. (2007). Examining the association between parenting and childhood depression: A meta-analysis. *Clinical Psychology Review, 27*, 986-1003.

McLeod, B. D., Wood, J. J., & Weisz, J. R. (2007). Examining the association between parenting and childhood anxiety: A meta-analysis. *Clinical Psychology Review, 27*, 155-172.

Nijhof, K. S., & Engels, R. C. (2007). Parenting styles, coping strategies, and the expression of homesickness. *Journal of adolescence, 30*, 709-720.

Pasquali, L. (1999). *Instrumentos psicológicos: manual prático de elaboração*. Brasília: LabPAM / IBAPP.

Pasquali, L. (2001). *Técnicas de exame psicológico - TEP. manual* (Vol. I: Fundamentos das técnicas psicológicas). São Paulo: Casa do Psicólogo / Conselho Federal de Psicologia.

Pasquali, L. (2003). *Psicometria: Teoria dos testes na Psicologia e na Educação*. Petrópolis, RJ: Vozes.

Pasquali, L. (2007). *Teoria de resposta ao item - TRI*. Brasília, DF: LabPAM/UnB.

Pasquali, L., Laros, J. A., & Figueiredo, V. L. M. (2009). *Análise fatorial para pesquisadores*. Brasília: LabPAM.

Piccinini, C. A., Frizzo, G. B., Alvarenga, P., Lopes, R. S., & Tudge, J. (2007). Práticas educativas de pais e mães de crianças aos 18 meses de idade. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 23*, 369-378.

Raspin, C. G. (2004). Eating disorders and family patterns: Classifying families using the beavers family systems model. *Dissertation Abstracts International: Section B: The Sciences and Engineering, 64* (9-B).

Rhee, K. (2008). Childhood overweight and the relationship between parent behaviors, parenting style, and family functioning. *Annals of the American Academy of Political and Social Science, 615*, 12-37.

Rhee, K., Lumeng, J. C., Appugliese, D. P., Kaciroti, N., & Bradley, R. H. (2006). Parenting styles and overweight status in first grade. *Pediatrics, 117*, 2047-2054.

Rosenzweig, C. J. (2000). A meta-analysis of parenting and school success: The role of parents in promoting students' academic performance.

Dissertation Abstracts International Section A: Humanities and Social Sciences, 61 (4-A).

Salvo, C. G. D., Silvares, E. F. M., & Toni, P. M. (2005). Práticas educativas como forma de predição de problemas de comportamento e competência social. *Estudos de Psicologia (Campinas), 22*, 187-195.

Schmidt, N. B., Joiner, T. E., Young, J. E., & Telch, M. J. (1995). The schema questionnaire: Investigation of psychometric properties and the hierarchical structure of a measure of maladaptive schemas. *Cognitive Therapy and Research, 19*, 295-321.

Sheffield, A., Waller, G., Emanuelli, F., & Murray, J. (2006). Is comorbidity in the eating disorders related to perceptions of parenting? Criterion validity of the revised Young Parenting Inventory. *Eating Behaviors, 7*, 37-45.

Sheffield, A., Waller, G., Emanuelli, F., Murray, J., & Meyer, C. (2005). Links between parenting and core beliefs: Preliminary psychometric validation of the Young Parenting Inventory. *Cognitive Therapy and Research, 29*, 787-802.

Silva, M., Dorso, E., Azhar, A., & Renk, K. (2007). The relationship among parenting styles experienced during childhood, anxiety, motivation, and academic success in college students. *Journal of College Student Retention: Research, Theory and Practice, 9*, 149-167.

Smith, D. C., & Hall, J. A. (2008). Parenting style and adolescent clinical severity: Findings from two substance abuse treatment studies. *Journal of Social Work Practice in the Addictions, 8*, 440-463.

Spera, C. (2005). A Review of the relationship among parenting practices, parenting styles, and adolescent school achievement. *Educational Psychology Review, 17*, 125-146.

Spera, C. (2006). Adolescents' perceptions of parental goals, practices, and styles in relation to their motivation and achievement. *The Journal of Early Adolescence, 26*, 456-490.

Steinberg, L. (2001). We know some things: parent - Adolescent relationships in retrospect and prospect. *Journal of Research on Adolescence, 11*, 1-19.

Steinberg, L., Elmen, J. D., & Mounts, N. S. (1989). Autoritative parenting, psychological maturity, and academic success among adolescents. *Child Development, 60*, 1425-1436.

Steinberg, L., Lamborn, S. D., Darling, N., Mounts, N. S., & Dornbusch, S. M. (1994). Over-Time changes in adjustment and competence among adolescents from authoritative, authoritarian, andulgent, and neglectful families. *Child Development, 65*, 754-770.

Steinhausen, H. C., Haslimeier, C., & Metzke, C. W. (2007). Psychosocial factors in adolescent and young adult self-reported depressive symptoms: Causal or correlational associations? *Journal of Youth and Adolescence, 36*, 89-100.

Teodoro, M. L. M. (2006). Afetividade e Conflito em Díades Familiares: Avaliação com o Familiograma. *Revista Interamericana de Psicologia, 40*, 385-390.

Tucker, J., Ellickson, P. L., & Klein, D. J. (2008). Growing up in a permissive household: What deters at-risk adolescents from heavy drinking. *Journal of Studies on Alcohol and Drugs, 69*, 528-534.

Vlierberghe, L. V., Timbremont, B., Braet, C., & Basile, B. (2007). Parental schemas in youngsters referred for antisocial behaviour problems demonstrating depressive symptoms. *The Journal of Forensic Psychiatry & Psychology, 18*, 515–533.

Voisine, S., Parsai, M., Marsiglia, F. F., Kulis, S., & Nieri, T. (2008). Effects of parental monitoring, permissiveness, and injunctive norms on substance use among Mexican and Mexican-American adolescents. *Families in Society, 89*, 264-273.

Wainer, R., Pergher, G. K., & Piccoloto, N. M. (2003). Personalidade e transtornos de personalidade. Em R. Caminha, R. Wainer, M. Oliveira & N. M. Piccoloto (Orgs.), *Psicoterapias Cognitivo-Comportamentais* (pp. 61-85). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Weber, L. N. D., Brandenburg, O. J., & Viezzer, A. P. (2003). A relação entre o estilo parental e o otimismo da criança. *Psico-USF, 8*, 71 - 79.

Weber, L. N. D., Viezzer, A. P., & Brandenburg, O. J. (2004). O uso de palmadas e surras como prática educativa. *Estudos de Psicologia (Natal), 9*, 227-237.

Wills, T. A., & Yaeger, A. M. (2003). Family factors and adolescent substance use: Models and mechanisms. *Current Directions in Psychological Science, 12*, 222-226.

Wolfradta, U., Hempelb, S., & Milesc, J. N. V. (2003). Perceived parenting styles, depersonalization, anxiety and coping behavior in adolescents. *Personality and Individual Differences, 34*, 521-532.

Young, J. E. (1999). Young Parenting Inventory (YPI). Acessado em setembro de 2008, disponível em www.schematherapy.com

Young, J. E. (2003). *Terapia cognitiva para transtornos da personalidade: uma abordagem focada em esquemas* (3 ed.). Porto Alegre: ArtMed.

Young, J. E., Klosko, J. S., & Weishaar, M. E. (2003). *Schema Therapy: a practitioner's guide*. New York: Guilford Press.

Yu, R. R., Wang, Z., Gan, F. Y., Jang, K. L., Livesley, W. J., Paris, J., Shen, M. W., & Wang, W. (2007). Perceived parenting styles and disordered personality traits in adolescent and adult students and in personality disorder patients. *Social Behavior and Personality, 35*, 587-598.

Zimmermann, J. J., Eisemann, M. R., & Fleck, M. P. (2008). Is parental rearing an associated factor of quality of life in adulthood? *Quality of Life Research an International Journal of Quality of Life Aspects of Treatment, Care and Rehabilitation, 17*, 249-255.

Anexo A
Questionário Sócio-demográfico

Nome (opcional):_____ e-mail: _____

Sexo:( ) Masculino ( ) Feminino

Idade:_____anos.

Estado Civil: ( ) Casado ( ) Solteiro
( ) Separado/Divorciado ( ) Viúvo

Escolaridade: _____

Renda Familiar: R$_____

Como você classificaria SEU relacionamento com seu PAI DURANTE SUA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA?
(deixar em branco caso tenha menos de 18 anos)

Péssimo									Ótimo
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10

Como você classificaria SEU relacionamento com sua MÃE DURANTE SUA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA?
(deixar em branco caso tenha menos de 18 anos)

Péssimo									Ótimo
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10

Você mora com alguém (considere os últimos 30 dias)?
( ) sozinho
( ) marido/esposa
( ) filhos
( ) pai
( ) mãe
( ) pai e mãe
( ) amigo / colega
( ) com os avós
( ) com outras pessoas da família

Como você classificaria SEU relacionamento atual com seu companheiro (a) ou namorado (a)?
(caso não tenha namorado (a) ou companheiro, deixe em branco)

Péssimo									Ótimo
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10

Caso tenha pais falecidos, indique a idade que tinha quando eles faleceram:
Quando meu pai faleceu, EU tinha _____ anos.
Quando minha mãe faleceu, EU tinha ____ anos.

Com que freqüência encontra-se com:
seu PAI (ou padrasto)? _____
sua MÃE(ou madrasta)? _____

Como você classificaria SEU relacionamento ATUAL com seu PAI?
(caso ele tenha falecido, deixe em branco)

Péssimo									Ótimo
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10

Como você classificaria SEU relacionamento ATUAL com sua MÃE?
(caso ela tenha falecido, deixe em branco)

Péssimo									Ótimo
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10

Possui ou já teve algum problema psicológico/psiquiátrica diagnosticado por psicólogo ou médico?
( ) sim . Qual?_____
( ) não

Já fez uso, alguma vez na vida, de álcool ou drogas ?
( ) sim, ainda uso ( ) não
( ) sim, já experimentei, mas não uso mais

Caso ainda faça uso de álcool, qual a freqüência?
( ) raramente
( ) de 1 a 3 vezes ao mês
( ) 1 vez por semana
( ) de 2 a 6 vezes por semana
( ) todos os dias

Qual a quantidade de álcool ingerida por semana (nos últimos 30 dias):
_____doses de destilados (copo 50ml – 'martelinho')
_____doses de cerveja (copo 300ml).
_____doses de vinho (cálice).
_____doses de outros. Especifique_____.

Quando as coisas não estão bem em casa, eu _____
_____
_____
_____
_____
_____

Anexo B

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Este é um convite para você participar da pesquisa "**Estudo das propriedades psicométricas o Inventário de Estilos Parentais de Young (YPI) no Brasil"**, que é coordenado pelo Prof. Dr. João Carlos Alchieri e o estudante de mestrado em Psicologia Felipe Valentini.

Sua participação é voluntária, o que significa que você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento, sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade.

Essa pesquisa procura verificar se o Inventário de Estilos Parentais está suficientemente bom e adequado para a população brasileira. Busca-se também verificar se esses estilos parentais possuem alguma relação com maneiras distorcidas de enxergar o mundo e a si mesmo. Além disso, esta pesquisa objetiva colaborar para a ampliação dos estudos já existentes na área de família.

Caso decida aceitar o convite, você será submetido(a) ao(s) seguinte(s) procedimentos: aplicação de questionário sócio-demográfico, que incluirá questões sobre relacionamentos familiares, dentre outras; um inventário para avaliação de estilos parentais (Inventário de Estilos Parentais de Young); um inventário para avaliar a percepção da afetividade e conflito familiar (Teste Familiograma); e um inventário para avaliar esquemas mentais/cognitivos (Questionário de Esquemas de Young).

Os **riscos** envolvidos com sua participação são mínimos, já que os instrumentos de coleta de dados corresponderão apenas a questionários e haverá a manutenção do sigilo absoluto das informações coletadas e da identidade de todos os participantes. Caso sinta-se mobilizado ou desgastado emocionalmente no decorrer da entrevista, serão realizadas intervenções psicológicas, imediatamente, pelo próprio graduado e mestrando em Psicologia Felipe Valentini.

Você terá os seguintes **benefícios** ao participar da pesquisa: estará participando de um espaço para reflexão acerca dos seus próprios estilos parentais e crenças familiares, bem como estará contribuindo para a discussão científica do tema.

Todas as informações obtidas serão sigilosas e seu nome não será identificado em nenhum momento. Os dados serão guardados em local seguro e a divulgação dos resultados será feita de forma a não identificar os voluntários.

Se você tiver algum gasto que seja devido à sua participação na pesquisa, você será ressarcido, caso solicite e seja comprovado que decorreu de sua participação em qualquer fase desta pesquisa. Em qualquer momento, se você sofrer algum dano comprovadamente decorrente desta pesquisa, você terá direito a indenização.

Você ficará com uma cópia deste Termo e toda a dúvida que você tiver a respeito desta pesquisa, poderá perguntar ao Prof. Dr. João Carlos Alchieri ou ao mestrando Felipe Valentini, no endereço: Laboratório de Psicologia, s/n, Lagoa Nova/Campus Universitário, CEP 59078-970, Natal/RN, pelos telefones: 3215.3592, ramal 230 ou 88821304 ou pelos e-mails: jcalchieri@gmail.com ou felini@terra.com.br.

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Declaro que compreendi os objetivos desta pesquisa, como ela será realizada, os riscos e benefícios envolvidos e concordo em participar voluntariamente da pesquisa "**Estudo das propriedades psicométricas o Inventário de Estilos Parentais de Young (YPI) no Brasil"**.

Participante da pesquisa:

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, _____, de forma livre e esclarecida, autorizo e manifesto interesse em participar da pesquisa.

Assinatura do participante da pesquisa _____

Local e data: _____

Pesquisador responsável:

Assinatura do pesquisador _____

Assinatura do coordenador _____

Anexo C

Inventário de Estilos Parentais de Young

Este inventário foi desenvolvido no intuito de avaliar as relações entre pais e filhos. Por favor, leia cada uma das frases e decida o quanto elas são capazes de descrever seus pais **durante sua infância**. Para tanto, utilize a escala abaixo (que varia de 1 a 5), e marque o código correspondente para sua mãe e para seu pai. Se outra pessoa substituiu seu pai ou sua mãe, por favor, descreva esta pessoa. Se você não conheceu seu pai ou sua mãe, deixe a coluna apropriada em branco.

Como a frase descreve seu pai ou mãe?

1- Não descreve absolutamente nada
2- Descreve pouco
3- Descreve mais ou menos
4- Descreve bem
5- Descreve perfeitamente

Mãe	Pai	
( )	( )	01. Me amava, me tratava como alguém especial.
( )	( )	02. Era carinhoso(a) e afetivo (a).
( )	( )	03. Esperava que eu desse o melhor de mim o tempo todo.
( )	( )	04. Se preocupava com o que as pessoas pensariam dele (a), por causa do meu comportamento.
( )	( )	05. Eu sentia que ficaríamos magoados se um de nós fosse embora.
( )	( )	06. Preocupava-se demais, com medo que eu me machucasse.
( )	( )	07. Me dava conselhos e orientações úteis.
( )	( )	08. Tinha expectativas muito altas para si mesmo(a).
( )	( )	09. Era uma pessoa medrosa ou tinha fobias (por exemplo, medo exagerado de animais, coisas ou lugares).
( )	( )	10. Culpava as pessoas quando as coisas davam errado.
( )	( )	11. Me tratava como se eu fosse “burro”.
( )	( )	12. Ficava com raiva ou me criticava duramente quando eu fazia algo errado.
( )	( )	13. Tinha que ter tudo sob controle.
( )	( )	14. Controlava tanto a minha vida, que eu tinha pouca liberdade de escolha.
( )	( )	15. Fazia com que eu me sentisse rejeitado(a) ou não amado(a).
( )	( )	16. Eu tinha a impressão de que nada que eu fizesse era bom o suficiente para ele(a).
( )	( )	17. Preferia um dos meus irmãos a mim.
( )	( )	18. Era uma pessoa fechada; raramente falava dos seus sentimentos.
( )	( )	19. Era incapaz de lidar com muitas responsabilidades diárias, de maneira que eu tinha que ajudá-lo mais do que a minha obrigação.
( )	( )	20. Me dava a impressão de que nada que eu fizesse era bom o suficiente.
( )	( )	21. Me chamava de nomes feios (como “burro” ou “idiota”) quando eu fazia algo errado.
( )	( )	22. Raramente expressava raiva.
( )	( )	23. Eu sentia que não tinha rumo próprio na vida porque ele(a) tinha uma personalidade marcante.
( )	( )	24. Devido ao meu comportamento, preocupava-se com o julgamento que as pessoas fariam dele.
( )	( )	25. Preocupava-se com sua aparência e posição social.
( )	( )	26. Era uma pessoa pessimista, geralmente esperava o pior.
( )	( )	27. Dava mais importância a fazer as coisas bem feitas do que a se divertir ou relaxar.
( )	( )	28. Preocupava-se demais, com medo que eu ficasse doente.
( )	( )	29. Fazia com que eu sentisse vergonha de mim mesmo em aspectos importantes.
( )	( )	30. Fazia com que eu me sentisse forte e que deveria cuidar das outras pessoas.
( )	( )	31. Não queria, realmente, que eu fosse bem sucedido.
( )	( )	32. Mentia para mim, me enganava ou me traía.
( )	( )	33. Era uma pessoa muito infeliz e dependia do meu apoio e da minha compreensão.
( )	( )	34. Me fazia sentir que eu não podia confiar nas minhas decisões ou nos meus julgamentos.

Mãe	Pai	
( )	( )	35. Era perfeccionista em muitas áreas, tudo tinha que ser do jeito que ele(a) queria.
( )	( )	36. Abusava de mim física, emocional ou sexualmente.
( )	( )	37. Sentia-se desconfortável em demonstrar afeto ou fraqueza.
( )	( )	38. Me tratava como se houvesse algo de errado comigo.
( )	( )	39. Era exigente, queria as coisas do seu jeito.
( )	( )	40. Me deu pouca disciplina.
( )	( )	41. Parecia me amar mais ou prestar mais atenção em mim quando eu me destacava.
( )	( )	42. Me deixava ficar muito bravo ou perder o controle.
( )	( )	43. Éramos tão próximos(as) que nos entendíamos perfeitamente.
( )	( )	44. Não me ensinou que eu deveria ter responsabilidades para com outras pessoas.
( )	( )	45. Sacrificava suas próprias necessidades pelo bem da família.
( )	( )	46. Tinha muito medo que eu me machucasse.
( )	( )	47. Era temperamental, imprevisível ou alcoolista (alcoólatra).
( )	( )	48. Mimava-me ou era tolerante demais em muitos aspectos.
( )	( )	49. Me criticava muito.
( )	( )	50. Esperava que eu fosse um fracasso na vida.
( )	( )	51. Me punia quando eu fazia algo errado.
( )	( )	52. Ele(a) era autoritário e não deixava que eu tivesse um rumo próprio na vida.
( )	( )	53. Se preocupava muito com os problemas econômicos da família.
( )	( )	54. Ficava impaciente quando as coisas não eram realizadas corretamente ou rápidas o suficiente.
( )	( )	55. Tudo tinha que ser feito do seu jeito.
( )	( )	56. Nunca me ensinou a disciplina necessária para que eu tivesse um bom desempenho escolar.
( )	( )	57. Me tratava como se as minhas opiniões ou os meus desejos não valessem nada.
( )	( )	58. Me ouvia, me entendia e compartilhava os sentimentos comigo.
( )	( )	59. Valorizava muito o sucesso e a competição.
( )	( )	60. Fazia muitas coisas por mim, ao invés de me deixar tentar sozinho.
( )	( )	61. Era uma pessoa medrosa ou tinha fobias.
( )	( )	62. Fazia eu me sentir especial, melhor que a maioria das outras pessoas.
( )	( )	63. Focalizava os aspectos negativos da vida ou as coisas que davam errado.
( )	( )	64. Me superprotegia.
( )	( )	65. Me tratava como se as minhas opiniões ou desejos não contassem.
( )	( )	66. Morreu ou saiu de casa, definitivamente, quando eu era criança.
( )	( )	67. Eu sentia que não era independente dele(a) o suficiente.
( )	( )	68. Se ausentava ou me deixa sozinho por bastante tempo.
( )	( )	69. Estabelecia poucas regras ou responsabilidades para mim.
( )	( )	70. Me tratava como se eu fosse mais novo do que eu realmente era.
( )	( )	71. Não me ensinou que eu tinha responsabilidades com as outras pessoas.
( )	( )	72.Tinha regras bem definidas e rígidas do que era certo ou errado.
( )	( )	73. Me usava para satisfazer suas necessidades.
( )	( )	74. Era uma pessoa indisciplinada.
( )	( )	75. Fazia o que queria, sem considerar as minhas necessidades.
( )	( )	76. Era estruturado(a) e organizado(a); preferia o que lhe era familiar à mudança.
( )	( )	77. Passava tempo comigo e me dava atenção.
( )	( )	78. Tinha muito medo que eu ficasse doente.
( )	( )	79. Me fazia sentir que se eu cometesse um pequeno erro algo ruim poderia acontecer.
( )	( )	80. Parecia sentir prazer em machucar as pessoas.
( )	( )	81. Parecia me amar ou prestar mais atenção em mim quando eu me destacava.
( )	( )	82. Ficaríamos magoados se nos separássemos.

REGISTRE 2003 Jeffrey Young, Ph.D., e Gary Brown, Ph.D. Reprodução sem autorização, sem consentimento escrito dos autores é proibida. Para maiores informações, escreva: Centro de Terapia Cognitivo de Nova Iorque, 36 Oeste 44ª Rua, Apartamento 1007, Nova Iorque, NY 10036.

Anexo D

Familiograma-R (FG)

Nas próximas páginas, pediremos a você que descreva como é o relacionamento entre algumas pessoas da sua família. Para isto, gostaríamos que você pensasse em cada membro de sua família e sobre os sentimentos que existem, **geralmente**, no dia-a-dia de cada relação.

Em seguida, pediremos que você pense em apenas uma relação de cada vez. Para cada relação familiar, serão mostradas várias palavras que demonstram sentimentos e comportamentos. Você deverá marcar o quanto você acha que estas palavras refletem a relação. Os valores vão de 1 (a palavra não descreve a relação de jeito nenhum) até 5 (a palavra descreve a relação totalmente). Veja este exemplo sobre o relacionamento de João e Pedro:

João e **Pedro** têm um relacionamento:

	De jeito nenhum	Pouco	Mais ou menos	Muito	Completa-mente
Tranqüilo	1	2	3	4	X

Neste exemplo, o relacionamento de João e Pedro foi descrito como sendo completamente tranqüilo (5).

Lembre-se de que **não existem respostas certas ou erradas**. Nós só queremos conhecer um pouco mais sobre a sua família.

O questionário deve ser respondido no verso desta folha.

Relação com minha **mãe**

Eu e **minha mãe** temos um relacionamento:

		De jeito nenhum	Pouco	Mais ou menos	Muito	Comple-tamente
1	Carinhoso	1	2	3	4	5
2	Alegre	1	2	3	4	5
3	Confuso	1	2	3	4	5
4	Nervoso	1	2	3	4	5
5	Estressante	1	2	3	4	5
6	Agradável	1	2	3	4	5
7	Verdadeiro	1	2	3	4	5
8	Afetivo	1	2	3	4	5
9	Protetor	1	2	3	4	5
10	Baixo-astral	1	2	3	4	5
11	Amoroso	1	2	3	4	5
12	Ruim	1	2	3	4	5
13	Sufocante	1	2	3	4	5
14	Acolhedor	1	2	3	4	5
15	Tenso	1	2	3	4	5
16	Harmonioso	1	2	3	4	5
17	Atencioso	1	2	3	4	5
18	Precioso	1	2	3	4	5
19	Frio	1	2	3	4	5
20	Difícil	1	2	3	4	5
21	Agressivo	1	2	3	4	5
22	Chato	1	2	3	4	5

Relação com meu **pai**

Eu e **meu pai** temos um relacionamento:

		De jeito nenhum	Pouco	Mais ou menos	Muito	Comple-tamente
1	Carinhoso	1	2	3	4	5
2	Alegre	1	2	3	4	5
3	Confuso	1	2	3	4	5
4	Nervoso	1	2	3	4	5
5	Estressante	1	2	3	4	5
6	Agradável	1	2	3	4	5
7	Verdadeiro	1	2	3	4	5
8	Afetivo	1	2	3	4	5
9	Protetor	1	2	3	4	5
10	Baixo-astral	1	2	3	4	5
11	Amoroso	1	2	3	4	5
12	Ruim	1	2	3	4	5
13	Sufocante	1	2	3	4	5
14	Acolhedor	1	2	3	4	5
15	Tenso	1	2	3	4	5
16	Harmonioso	1	2	3	4	5
17	Atencioso	1	2	3	4	5
18	Precioso	1	2	3	4	5
19	Frio	1	2	3	4	5
20	Difícil	1	2	3	4	5
21	Agressivo	1	2	3	4	5
22	Chato	1	2	3	4	5

Anexo E

Coeficiente de Validade de Conteúdo (Hernandez-Nieto, 2002)

1) Calcula-se a média das notas de cada item, atribuídas pelos juízes.

2) Com base na média, calcula-se o *CVC* inicial para cada item (CVC_i):

$$CVC_i = \frac{\overline{X}}{V_{máx}}$$

$V_{máx}$ representa o valor máximo que o item poderia receber.

3) Para descontar possíveis viéses dos juízes avaliadores, para cada item, calcula-se o erro (Pe_i),:

$$Pe_i = \left(\frac{1}{J}\right)^J$$

J representa o número de juízes.

4) O *CVC* final de cada item (CVC_c) será:

$$CVC_c = CVC_i - Pe_i$$

Anexo F

Tabela das avaliações dos juízes quanto ao conteúdo do Inventário de Estilos Parentais de Young (YPI).

	CVC		Dimensão Teórica		
	CL	RT	DTO	FrCon (%)	DIn
01. Me amava, me tratava como alguém especial.	0,93	0,96	DR	80	DR
02. Era carinhoso(a) e afetivo (a).	1,00	0,88	DR	60	DR
03. Esperava que eu desse o melhor de mim o tempo todo.	0,93	0,96	HI	40	OO
04. Se preocupava com o que as pessoas pensariam dele (a), por causa do meu comportamento.	0,90	1,00	OO	80	OO
05. Eu sentia que ficaríamos magoados se um de nós fosse embora.	0,57	0,88	ADP	80	ADP
06. Preocupava-se demais, com medo que eu me machucasse.	1,00	0,84	ADP	40	ADP e HI
07. Me dava conselhos e orientações úteis.	0,97	0,84	DR	40	ADP
08. Tinha expectativas muito altas para si mesmo(a).	1,00	0,80	HI	40	LP e HI
09. Era uma pessoa medrosa ou tinha fobias (por exemplo, medo exagerado de animais, coisas ou lugares).	1,00	0,88	ADP	60	ADP
10. Culpava as pessoas quando as coisas davam errado.	1,00	0,88	HI	60	HI
11. Me tratava como se eu fosse “burro”.	1,00	0,92	ADP	80	DR
12. Ficava com raiva ou me criticava duramente quando eu fazia algo errado.	0,97	0,92	HI	60	HI
13. Tinha que ter tudo sob controle.	0,97	0,80	HI	40	ADP e HI
14. Controlava tanto a minha vida, que eu tinha pouca liberdade de escolha.	1,00	0,92	OO	40	ADP e HI
15. Fazia com que eu me sentisse rejeitado(a) ou não amado(a).	1,00	1,00	DR	100	DR
16. Eu tinha a impressão de que nada que eu fizesse era bom o suficiente para ele(a).	1,00	1,00	HI	60	DR
17. Preferia um dos meus irmãos a mim.	0,97	0,92	DR	100	DR
18. Era uma pessoa fechada; raramente falava dos seus sentimentos.	1,00	0,88	HI	60	HI
19. Era incapaz de lidar com muitas responsabilidades diárias, de maneira que eu tinha que ajudá-lo mais do que a minha obrigação.	0,77	0,96	OO	60	LP
20. Me dava a impressão de que nada que eu fizesse era bom o suficiente.	1,00	1,00	HI	40	ADP e OO
21. Me chamava de nomes feios (como “burro” ou “idiota”) quando eu fazia algo errado.	0,93	0,96	HI	40	DR e HI
22. Raramente expressava raiva.	1,00	0,92	HI	80	HI
23. Eu sentia que não tinha rumo próprio na vida porque ele(a) tinha uma personalidade marcante.	0,83	0,84	ADP	80	ADP
24. Devido ao meu comportamento, preocupava-se com o julgamento que as pessoas fariam dele.	0,93	1,00	OO	80	OO
25. Preocupava-se com sua aparência e posição social.	0,87	0,92	OO	100	OO
26. Era uma pessoa pessimista, geralmente esperava o pior.	1,00	0,92	HI	80	HI
27. Dava mais importância a fazer as coisas bem feitas do	1,00	0,88	HI	40	OO e HI

que a se divertir ou relaxar.					
28. Preocupava-se demais, com medo que eu ficasse doente.	0,97	0,88	ADP	60	ADP
29. Fazia com que eu sentisse vergonha de mim mesmo em aspectos importantes.	0,93	0,96	DR	60	ADP
30. Fazia com que eu me sentisse forte e que deveria cuidar das outras pessoas.	0,90	0,96	OO	60	OO
31. Não queria, realmente, que eu fosse bem sucedido.	1,00	0,92	ADP	60	ADP
32. Mentia para mim, me enganava ou me traía.	1,00	0,92	DR	100	DR
33. Era uma pessoa muito infeliz e dependia do meu apoio e da minha compreensão.	1,00	0,88	OO	40	OO
34. Me fazia sentir que eu não podia confiar nas minhas decisões ou nos meus julgamentos.	0,97	0,96	ADP	80	ADP
35. Era perfeccionista em muitas áreas, tudo tinha que ser do jeito que ele(a) queria.	1,00	0,88	HI	40	ADP e HI
36. Abusava de mim física, emocional ou sexualmente.	1,00	0,96	DR	80	DR
37. Sentia-se desconfortável em demonstrar afeto ou fraqueza.	1,00	0,92	HI	60	HI
38. Me tratava como se houvesse algo de errado comigo.	1,00	0,96	DR	60	DR
39. Era exigente, queria as coisas do seu jeito.	1,00	0,88	LP	60	HI
40. Me deu pouca disciplina.	0,90	0,96	LP	100	LP
41. Parecia me amar mais ou prestar mais atenção em mim quando eu me destacava.	0,97	0,92	OO	60	OO
42. Me deixava ficar muito bravo ou perder o controle.	0,93	0,92	LP	40	DR e LP
43. Éramos tão próximos(as) que nos entendíamos perfeitamente.	0,97	0,88	ADP	60	ADP
44. Não me ensinou que eu deveria ter responsabilidades para com outras pessoas.	0,97	0,92	LP	60	LP
45. Sacrificava suas próprias necessidades pelo bem da família.	1,00	0,92	OO	80	OO
46. Tinha muito medo que eu me machucasse.	1,00	0,92	ADP	60	ADP
47. Era temperamental, imprevisível ou alcoolista (alcoólatra).	1,00	0,88	DR	60	DR
48. Mimava-me ou era tolerante demais em muitos aspectos.	1,00	0,92	LP	80	LP
49. Me criticava muito.	1,00	0,96	DR	60	HI
50. Esperava que eu fosse um fracasso na vida.	1,00	0,92	ADP	60	ADP
51. Me punia quando eu fazia algo errado.	1,00	0,92	HI	80	HI
52. Ele(a) era autoritário e não deixava que eu tivesse um rumo próprio na vida.	0,97	1,00	ADP	40	ADP e HI
53. Se preocupava muito com os problemas econômicos da família.	1,00	0,80	HI	60	OO
54. Ficava impaciente quando as coisas não eram realizadas corretamente ou rápidas o suficiente.	0,97	0,88	HI	60	HI
55. Tudo tinha que ser feito do seu jeito.	1,00	0,88	OO	40	HI
56. Nunca me ensinou a disciplina necessária para que eu tivesse um bom desempenho escolar.	1,00	0,88	ADP	60	LP
57. Me tratava como se as minhas opiniões ou os meus desejos não valessem nada.	1,00	0,92	OO	60	DR
58. Me ouvia, me entendia e compartilhava os sentimentos comigo.	1,00	0,92	DR	100	DR
59. Valorizava muito o sucesso e a competição.	1,00	0,87	OO	80	ADP
60. Fazia muitas coisas por mim, ao invés de me deixar tentar sozinho.	0,97	0,92	ADP	80	ADP
61. Era uma pessoa medrosa ou tinha fobias.	1,00	0,84	ADP	60	ADP

62. Fazia eu me sentir especial, melhor que a maioria das outras pessoas.	1,00	0,84	LP	60	DR
63. Focalizava os aspectos negativos da vida ou as coisas que davam errado.	1,00	0,88	HI	80	HI
64. Me superprotegia.	1,00	0,92	ADP	60	ADP
65. Me tratava como se as minhas opiniões ou desejos não contassem.	0,97	0,92	OO	40	DR
66. Morreu ou saiu de casa, definitivamente, quando eu era criança.	1,00	0,56	DR	60	DR
67. Eu sentia que não era independente dele(a) o suficiente.	0,97	0,88	ADP	60	ADP
68. Se ausentava ou me deixa sozinho por bastante tempo.	1,00	0,80	DR	80	DR
69. Estabelecia poucas regras ou responsabilidades para mim.	1,00	0,92	LP	100	LP
70. Me tratava como se eu fosse mais novo do que eu realmente era.	1,00	0,84	ADP	80	ADP
71. Não me ensinou que eu tinha responsabilidades com as outras pessoas.	0,87	0,96	LP	60	LP
72.Tinha regras bem definidas e rígidas do que era certo ou errado.	0,97	0,96	HI	100	LP
73. Me usava para satisfazer suas necessidades.	0,83	0,88	DR	80	DR
74. Era uma pessoa indisciplinada.	1,00	0,88	LP	100	LP
75. Fazia o que queria, sem considerar as minhas necessidades.	0,93	0,84	OO	60	DR
76. Era estruturado(a) e organizado(a); preferia o que lhe era familiar à mudança.	0,93	0,80	HI	60	ADP
77. Passava tempo comigo e me dava atenção.	1,00	0,92	DR	80	DR
78. Tinha muito medo que eu ficasse doente.	1,00	0,96	ADP	60	ADP
79. Me fazia sentir que se eu cometesse um pequeno erro algo ruim poderia acontecer.	0,90	0,84	HI	80	HI
80. Parecia sentir prazer em machucar as pessoas.	1,00	0,88	DR	80	DR
81. Parecia me amar ou prestar mais atenção em mim quando eu me destacava.	0,90	0,84	OO	60	OO

Nota. (CL) clareza na linguagem; (RT) relevância teórica do item; (DTO) dimensão teórica proposta originalmente; (FrCon) Freqüência de concordância entre os juízes acerca das dimensões teóricas; (DIn) dimensões teóricas indicadas pelos juízes.

As dimensões teóricas (utilizadas no DTO e DIn) foram codificadas na seguinte ordem: (DR) Desconexão e rejeição, (ADP) Autonomia e desempenho prejudicados, (LP) Limites prejudicados, (OO) Orientação para o outro, (HI) Hipervigilância e Inibição.

Anexo G

Cartas de autorização para tradução do Inventário de Estilos Parentais de Young (YPI)

Carta 1
Março de 2008

Dear Dr. Valentini,

Thank you for your interest in Schema Therapy.
I received your order for the schema therapy materials. The price you pay for the packet includes permission to reproduce and use the inventories, including the YPI, in your research or private practice.
Please review the information below regarding translating:

Dr. Young grants you permission to translate the YPI into the Brazilian Portuguese language under the following conditions:

- You must agree to follow our translation instructions on our website. Please visit http://www.schematherapy.com/id34.htm, and carefully read about requirements.
- You must agree not to profit financially from them, except to be reimbursed for your mailing and translation costs.
- You must send us a copy of the completed translations.
- You must complete the translations within 6 months.
- You must agree to distribute the YPI to other researchers and clinicians who are interested in using the translation.

Please write us back stating that you will agree to all of the conditions on our website and in this e-mail for translating the Schema Questionnaires.

Dr. Young is excited about your interest in schema therapy and he looks forward to hearing more about your progress in the future.

Sincerely,
Sylvia Tamm
Secretary, Schema Therapy Institute

Carta 2
Maio de 2008

Dear Dr. Valentini:

We apologize for the delay in replying to your e-mail.

This is to inform you that you have permission to translate the Schema Inventories into Brazilian Portuguese. Please make sure to follow the conditions outlined in our previous e-mail.

We look forward to receiving copies of the YPI in Brazilian Portuguese.

Thank you for your patience.

Sincerely yours,
Nancy Ribeiro
Executive Assistant to
Jeffrey Young, PH. D.
Director

From: felini [mailto:felini@terra.com.br]
Sent: Tuesday, May 20, 2008 1:34 PM
To: institute
Cc: institute
Subject: Schema Therapy Brazil Online Confirmation

Dear Sylvia Tamm,

I purchased the 'Complete Schema Packet' some months ago. As I´m interested in translating the ´Young Parenting Inventory´ to Brazilian Portuguese I asked permission to do it.

Then you sent me an e-mail with some conditions to translate the Inventory. I wrote you back and said that I agree with all conditions (on the e-mail and website). However I have not received your permission yet. So I decided to contact you again.

As I said, I assure I will not profit financially from the YPI. I will send you a copy of the translations, as well as the empiric data (as soon as I get it). And I agree to distribute the YPI to other researchers and clinicians. I will be finished the YPI translated version within 6 months (and of course, I will send you this version). However I would like to keep studying this translation version after these 6 months.

If you allow me to do this translation research, could you send me (by e-mail) a permission letter as soon as possible?

Sincerely,
Felipe Valentini.

Livros Grátis

(http://www.livrosgratis.com.br)

Milhares de Livros para Download:

Baixar livros de Administração
Baixar livros de Agronomia
Baixar livros de Arquitetura
Baixar livros de Artes
Baixar livros de Astronomia
Baixar livros de Biologia Geral
Baixar livros de Ciência da Computação
Baixar livros de Ciência da Informação
Baixar livros de Ciência Política
Baixar livros de Ciências da Saúde
Baixar livros de Comunicação
Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE
Baixar livros de Defesa civil
Baixar livros de Direito
Baixar livros de Direitos humanos
Baixar livros de Economia
Baixar livros de Economia Doméstica
Baixar livros de Educação
Baixar livros de Educação - Trânsito
Baixar livros de Educação Física
Baixar livros de Engenharia Aeroespacial
Baixar livros de Farmácia
Baixar livros de Filosofia
Baixar livros de Física
Baixar livros de Geociências
Baixar livros de Geografia
Baixar livros de História
Baixar livros de Línguas

Baixar livros de Literatura
Baixar livros de Literatura de Cordel
Baixar livros de Literatura Infantil
Baixar livros de Matemática
Baixar livros de Medicina
Baixar livros de Medicina Veterinária
Baixar livros de Meio Ambiente
Baixar livros de Meteorologia
Baixar Monografias e TCC
Baixar livros Multidisciplinar
Baixar livros de Música
Baixar livros de Psicologia
Baixar livros de Química
Baixar livros de Saúde Coletiva
Baixar livros de Serviço Social
Baixar livros de Sociologia
Baixar livros de Teologia
Baixar livros de Trabalho
Baixar livros de Turismo